

JULIA LOPES DE ALMEIDA

---

# TEATRO

QUEM NÃO PERDÔA  
DOIDOS DE AMOR  
NOS JARDINS DE SAUL

EDIÇÃO DA  
«RENASCENÇA PORTUGUESA»  
PORTO





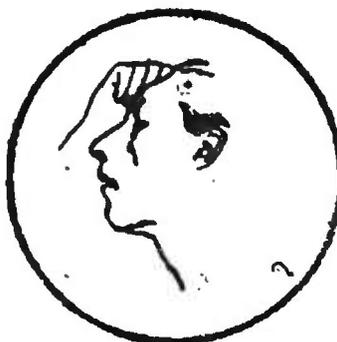
P

**Direitos reservados**

JULIA LOPES DE ALMEIDA

# TEATRO

QUEM NÃO PERDÔA,  
DOIDOS DE AMOR,  
NOS JARDINS DE SAUL



EDIÇÃO DA  
« RENASCENÇA PORTUGUESA »  
PORTO

## OBRAS DA MESMA AUTORA:

Traços e Iluminuras, contos.  
A Família Medeiros, romance.  
Memórias de Marta, romance.  
A Viuva Simões, romance.  
A Falencia, romance.  
Livro das Donas e Donzelas.  
Livro das Noivas.  
Ancia Eterna, contos.  
A Intrusa, romance.  
Historias da Nossa Terra, contos.  
A Herança, comedia em um acto.  
Quem não Perdoa, peça em tres actos.  
Correio da Roça.  
Cruel Amor, romance.  
Eles e Elas.  
A Silveirinha, romance.  
Doidos de Amor, comedia em um acto.  
Nos Jardins de Saul, episodio biblico em um acto.

## DE COLABORAÇÃO:

Contos Infantis, com Adelina Lopes Vieira.  
A Casa Verde, romance com Filinto de Almeida.  
A Arvore, com Afonso Lopes de Almeida.

## A PUBLICAR:

Os Outros.  
Novelas.  
Conferencias.

QUEM NÃO PERDÔA

PEÇA EM 3 ACTOS

COM UMA PAGINA DE MUSICA ORIGINAL  
DE ALBERTO NEPOMUCENO







## PERSONAGENS

Gustavo Ribas	João Ramos.
Jacinto Vieira.	Ferreira de Souza.
Fausto . . . .	João Barboza.
Manoel Ramires.	Alvaro Costa.
Cardoso.	Carlos Abreu.
Barão . . . .	Octavio Rangel.
Dr. Rubem . . . .	Samuel Rosaivo.
Duduca .	Castello Branco.
Oscar . . . .	Antonio Sampaio.
Capitão Elias .	Affonso Mello.
Generoso Pires	Rangel.
Antenor.	Mello.
D. Elvira	Maria Falcão.
Ilda . . . .	Lucilia Peres.
D. Angela . . . .	Luiza de Oliveira.
D. Efigenia	Gabriella Montani.
Sofia.	Carina Froes.
Mimi . . . .	Fulvia Castello Branco.
Zézé.	Desdemona Barros.
Judith .	Judith Saldanha.
Palmyra	Brasilia Lazaro.



# QUEM NÃO PERDÔA

ÉPOCA—ATUALIDADE NO RIO DE JANEIRO

Sala de visitas de casa antiga e burgueza. Ao fundo, entre duas janelas de sacada, sem cortinas, o sofá, sobre um tapete desbotado, ladeado por duas cadeiras de braços, duas escarradeiras de loiça e duas cadeiras mais pequenas e iguais á mobilia, de palhinha e madeira. Á frente E. B. uma mesa com papeis, cadernos de estudos, tinteiro, etc.; junto a esta mesa algumas cadeiras condizentes com a mobilia. No angulo superior da D. A. o piano. Porta de entrada á D. B. Porta para o interior á E. A. Ao lado de cada porta um dunquerque, com vasos sem flores. Uma cadeira de balanço, austriaca, com a frente para a mesa e as costas para a porta de entrada. Junto á parede, cadeiras iguais á mobilia. Tudo pobre, velho, mas limpo. Na parede, sobre o sofá, vê-se no papel o sinal de um quadro oval recentemente retirado. É dia.



# ACTO I

## SCENA I

BEIRÃO, DUDUCA, D. ELVIRA

BEIRÃO, comprador de moveis velhos, homem grisalho e tipico, examina toda a mobilia, batendo com os nós dos dedos na madeira e escutando-a, a vêr se está bichada. Apalpa tudo, cheira tudo, trepa nas cadeiras a vêr a assinatura dos quadros, suspende os vasos para observar se estão rachados; enquanto ele se agita, DUDUCA, moço amarelinho e murcho, folheia o album dos retratos, sentado na cadeira de balanço.

BEIRÃO (*como que falando para si*) — Pois, sim senhores, aqui entre nós, que ninguem nos ouve: esta mobilia, toda empalhada e envernizada de novo, ainda poderá dar uns quinhentos mil réis, vendida aí a algum deputado do interior que não conheça o valor das coisas. . . (*Voltando-se para DUDUCA*) Que dizes?

DUDUCA — Eu não disse nada, não senhor.

BEIRÃO — Pois tinhas obrigação de dizer.

DUDUCA (*sem tirar os olhos dos retratos*) — Ora essa, para que?

BEIRÃO (*sempre examinando a mobilia*) —

Para fingir ao menos que te interessas pelo que estou fazendo. Não é vendo retratos que se adquire pratica de comprar mobílias... \* (*Como falando<sup>1</sup> para si*) Homem... este dunkerque parece bichado... talvez seja no friso...

DUDUCA — Senhor?

BEIRÃO — Não te chamei.

DUDUCA — Pareceu-me.

BEIRÃO — Pois pareceu-te muito mal... Dizia eu que o friso está bichado... mas isso não tem importancia... Com um pouco de verdete e de *vieux-chêne* ficará como novo. Assim ficasse eu... (DUDUCA *ri-se*) De que te ris?

DUDUCA — Eu não me rio, não senhor; até estou muito sério.

BEIRÃO — Muito sério... sério demais, também não. A compostura de um homem de negocio não deve ser nem alegre nem triste, mas um pouco desdenhosa, de modo que nunca transpareça nele o desejo de realizar o que tem na vontade. Foi assim que eu comprei por sete mil réis aquele tapete que me viste hontem vender por duzentos e cincoenta. Toma nota e reflecte: expressão desdenhosa...

DUDUCA (*fazendo cara desdenhosa*)—Assim?

BEIRÃO — Conforme as pessoas com quem se trata... Com algumas o desdem oculto na amabilidade é o mais proveitoso. Em todo o caso, não é com vinagre que se apanham moscas... Agora, com as pessoas assim de mais ou menos, o melhor é romper logo de um modo decisivo.

<sup>1</sup> Os trechos marcados com \* foram suprimidos na representação.

DUDUCA (*virando a folha do album*)—Mesmo quando as suas propostas nos sejam convenientes?

BEIRÃO—Principalmente quando as suas propostas nos sejam convenientes.

DUDUCA—Por esse sistema a gente tem de dizer que não quando quer dizer que sim!

BEIRÃO—Claro!

DUDUCA—Mas quando efectivamente quiser dizer que não?

BEIRÃO—Dil-o igualmente, mas noutro tom. A questão é de tom.

DUDUCA—E os freguezes não perceberão a manha?

BEIRÃO—Hum... Eles também têm as suas imposturas: entram por uma porta, saem pela outra, nunca têm necessidade dos objectos por que perguntam... fingem que vão adiante... tornam a voltar... O jogo é sempre o mesmo.

DUDUCA (*sem desviar a sua atenção dos retratos*)—Mas porque fazem eles isso?

BEIRÃO—Bem se vê que não tens fosforo no miolo, com que se te acendam as idéas...

DUDUCA—Tambem era o que faltava.

BEIRÃO—Era o que faltava, o que?

DUDUCA (*bocejando*)—Ter fosforos no miolo. Não entendi...

BEIRÃO—Certamente que não entendeste. Tu não entendes nada! Pois olha que para esta profissão quem não tiver talento está perdido. Um comprador de alfaias e de trastes velhos deve ter mais finura e mais tacto que o melhor diplomata, ser arguto, ter olho, saber diferenciar uma copia de um quadro original, o estilo de um movel e a

sua época do estilo de outro movel de época diferente... e na mais rapida das visões poder afirmar a origem de tal ou tal bronze ou de tal ou tal porcelana... (*fala observando sempre a sala*). Cá temos, por exemplo, este quadro... quem não tivesse a pratica que eu tenho destas coisas diria logo que ele é um... um... (*suspende a apreciação e observa atentamente o quadro*).

DUDUCA (*Vivamente, depois de ter olhado de relance para o quadro e olhando já para o album que tem aberto sobre os joelhos*) Urso!

BEIRÃO — Isso não, logo se vê que é um frade. Mas não me parece pintura... Também não me parece oleografia.. (*Trepa numa cadeira, limpa com a ponta do lenço o angulo inferior do quadro*) É pintura.. deve ser coisa trazida pelo conego, aí de qualquer sacristia... Talvez valha uns dez mil réis. Ha malucos que dão ás vezes por isto um conto e mais (*fala, descendo da cadeira, que sacode com o lenço para tirar-lhe o sinal dos sapatos \**).

DUDUCA — Tio Beirão?

BEIRÃO — Que é?

DUDUCA — Venha vêr como esta senhora se parece com a sua mulher... (*emendando-se*) com a tia Alexandrina. Se tivesse barbas no queixo eu diria que era o retrato dela! Tal e qual. Olhe.

BEIRÃO — Se minha mulher te ouvisse, puxava-te as orelhas. Deixa-me cá vêr o retrato.. (*vendo o retrato*) Pateta! É' o retrato do conego Oliveirinha, antigo dono desta casa...

DUDUCA (*rindo*) — Ora o diabo do padre, que é vêr tia Alexandrina!

BEIRÃO (*com severidade*) — Mais respeito!

Que entendes tu de religião, para motejares dos padres e ofendel-os assim?! (DUDUCA *encolhe-se*) Olha; no tempo em que este era vivo, esta sala reluzia como um espelho. Quando o conheci, eu era um rapazinho assim como tu. Sómente, mais esperto...

DUDUCA — Ainda mais?

BEIRÃO — E mais bonito.

DUDUCA — Parece impossível.. Então o tio é muito antigo!

BEIRÃO (*Indo buscar uma estatueta a um aparador e revirando-a entre os dedos*)— Isso que estás a dizer é uma tolice... Sou tão antigo como os outros homens da minha idade...

DUDUCA — E o senhor também conhece a dona desta casa?...

BEIRÃO — Se a conheço!... É a senhora que nos abriu a porta e que pediu que a esperassemos aqui...

DUDUCA — Ora essa...

BEIRÃO — Coisas da vida... Como morei sempre na vizinhança, quando o conego Oliveirinha se queria desfazer de algum dos trastes velhos que lhe abarrotavam a casa, era a mim que ele chamava para essas transacções... Então, ordenava-se com arrogancia: Beirãozinho, venha a minha casa, para tal negócio! Agora pede-se: Sr. Beirão, faça o favor de vir a nossa casa. E está nisso toda a diferença... Comtudo, o tempo antigo era melhor... O conego deu-me a ganhar bem bom dinheiro... Não vendia por necessidade, esse, mas para aliviar as salas de tanta mobilia inutil... No dia em que o sobrinho se casou aqui com D. Elvira, toda esta rua se encheu de carros e era povo

assim em todas as janelas e todas as portas, da vizinhança, para os vêr passar... Foi uma festa de estadão... (*Coloca o objecto no lugar de onde o tirára*) Não admira, os noivos eram ricos... Depois o tio conego morreu... o marido esbandalhou a fortuna, deixando a viuva moça, uma filha de poucos meses, e a miseria, que é herança facil de deixar e amarga de receber...

DUDUCA — E era bonita nesse tempo, a mulher dele?

BEIRÃO — Esposa é que se diz na sociedade. Não era feia; mas que te importa isso?

DUDUCA — Sempre que se fala em mulheres, ocorre...

BEIRÃO — Pateta! Tu sabes lá o que são mulheres!

DUDUCA (*formalisado*) — Sei, sim senhor! (*olham-se; BEIRÃO ri-se, levantando os hombros*) Esta, então, é viuva?

BEIRÃO — Há que tempos! A filha já é professora. Deve andar ahi pelos seus vinte annos...

DUDUCA — Bonita? (*pigarreia, disfarça*)

BEIRÃO — Como todas as mulheres que não nasceram para nós!

DUDUCA — Uma mestra de crianças não é uma princeza...

BEIRÃO — Um caixeiro de belchior não deve pensar senão no seu trabalho. (*Examina o tapete*) O tapete, coitado, está todo poído. É isto que debes vêr... Esta cadeira tambem está desconjuntada... est'outra, tem a palhinha rota nas costas... por isso é que lhe puzeram um *crochet* em cima... Ora, aqui está um vaso ainda mais velho que o chafariz da Carioca... para mim acho-o medo-

nho: mas o negociante deve observar tudo com o criterio alheio e não com o seu...

DUDUCA — Pois eu acho...

BEIRÃO (*interrompendo-o*) — Não achas nada! não dês um pio! Por enquanto não tens opinião. Fecha esse album. Aí vem gente. Já não é sem tempo! (*Vão ambos sentar-se no sofá, em atitude respeitosa, depois de terem colocado o album sobre a mesa e ageitado rapidamente a gravata, etc.*).

## SCENA II

Os mesmos e D. ELVIRA

D. ELVIRA (*senhora grisalha, distinta, vestida com simplicidade, de escuro*) — Desculpe-me, Sr. Beirão, tel-o feito esperar tanto tempo; mas além de estar servindo de enfermeira a uma doente que no momento não podia deixar só, quiz que o senhor tivesse vagar para examinar o piano á sua vontade.

BEIRÃO — A doente não é a senhora sua filha?

D. ELVIRA — Não. Trata-se de uma criada... Não sei se se lembra de uma pretinha velha, que passava todos os dias pela sua loja, quando ia buscar ou levar a Ilda ao collegio..

BEIRÃO (*sem convicção*) — Perfeitamente.

D. ELVIRA — Pois é essa.

BEIRÃO — Coitada. A vida não vale nada...

D. ELVIRA — Não sou da sua opinião. Acho

\*

que a vida vale muito mais do que nós mesmos supomos... Este moço é...?

BEIRÃO—Meu sobrinho. Acompanha-me para adquirir certa pratica do negocio. Ele quer tambem viver de madeiras velhas, como o rato do tio... Eu preferiria que ele fosse dentista: poderia então roer com os dentes alheios, o que é menos perigoso e mais lucrativo... *(risinho)*

D. ELVIRA *(olhando para DUDUCA)*— Pois, está muito bem...

DUDUCA *(com aplomb)*— Não tanto quanto a se...

BEIRÃO *(fulmina DUDUCA com um olhar, interrompendo-o)*— Pois, senhora D. Elvira, eu recebi hontem á tardinha o seu recado e apressei-me hoje em vir receber as suas ordens. Quer desfazer-se da sua mobilia, não é assim? Tem razão: ela está velha e tão bichada que dentro de poucos meses talvez não se aproveite dela nem um pé de cadeira! É preciso acudir-lhe quanto antes com certos reparos. Sou muito consciencioso, talvez um pouco franco de mais, mas não engano ninguém.

D. ELVIRA— Por saber disso foi que o mandei chamar. Sómente não se trata, pelo menos por enquanto, de toda a mobilia, mas só do piano. *(Levanta-se e encaminha-se para o piano)* Como vê, ele não é um instrumento novo; basta dizer que foi um companheiro da minha mocidade; mas tem tido bom trato e as suas vozes ainda iludem um pouco... *(pausa)*

BEIRÃO *(que a tem acompanhado, bate no teclado, depois)*— O marfim está amarelo... O som iludirá a V. Ex.<sup>a</sup>, porque lhe tem amor, e não ha

cómo isso para transformar as coisas... Com licença! (*bate na madeira*) Está bichado... que pena.. está, está bichado... (*examina o piano com vagar*).

D. ELVIRA (*que se tem deixado cair numa cadeira, com uma vertigem momentanea*)— Creio que o senhor poderá vendel-o como piano para estudo...

BEIRÃO — É difficil. Hoje ha o delirio das grandezas. Nem os petizes se sujeitam a martelar em pianos velhos. Querem, para os seus exercicios de cinco notas, instrumentos de concerto, novos em folha, de autores alemães... Isso era bom noutros tempos, minha senhora. Então, um pobre belchior como eu poderia ter uma esperança de futuro... Hoje é a ruina!

DUDUCA (*pensativo*) — Isso é que é triste...

D. ELVIRA (*ouvindo BEIRÃO bater com furia no piano*)— Não lhe bata assim!

BEIRÃO (*rindo*) — Crê que lhe dôa?

D. ELVIRA — Que quer? São pleguices... toque á vontade.

BEIRÃO (*Depois de ter examinado o piano e de ter tirado um pano que lhe cobre a tampa e que ele atira para cima de uma cadeira, onde está o chapéu do DUDUCA*) — Pois, minha senhora, com franqueza, o negocio de pianos não nos convém... (*pausa*) comtudo, por ser com V. Ex.<sup>a</sup>, não digo que eu não fique com este... para lhe ser agradável!

D. ELVIRA — Não senhor; isso não!

BEIRÃO — Sim, senhora. Quanto deseja por este?

D. ELVIRA — Não sei.. ele novo custou dois contos...

BEIRÃO — Ah, também eu em novo valia alguma coisa e hoje ninguém daria nada por mim. Antigamente, demais a mais, os pianos eram caros. Hoje a concorrência dos fabricantes é enorme... e vendem-os a prestações. Eu pensei que se tratasse de toda a mobília... Custou então dois contos?... quanto custará agora?...

D. ELVIRA (*com timidez*) — Quatrocentos mil reis...

BEIRÃO — Oh! minha senhora, por amor de Deus! Hoje, por esse preço compra-se um piano novo aí em qualquer leilão... Com franqueza, não posso dar por ele mais de cento e cinquenta mil réis... (*Espia o efeito das palavras no rosto de D. ELVIRA*).

D. ELVIRA (*Depois de instantes de hesitação e de silêncio*) — Cento e cinquenta?...

BEIRÃO — E para lhe ser agradável...

D. ELVIRA (*Com tristeza mal disfarçada*) — Seja...

BEIRÃO — E acredite V. Ex.<sup>a</sup>, que foi um bom negocio, um negocio da China! Assim como está, este piano só lhe póde servir para atravancar a casa... Sua filha tóca?

D. ELVIRA — Não. Ela voltou-se para outros estudos... Bem, Sr. Beirão, quando quizer poderá mandar buscar o piano (*Encaminha-se para a porta de saída, BEIRÃO acompanha-a e DUDUCA começa a procurar o chapéu por toda a parte*).

BEIRÃO (*parando junto da porta*) — Parece que ainda foi outro dia que eu vi a sua menina ao colo da ama, e depois, já por seus pés, passar-me pela porta, de chapéu de palha e cestinha na mão, a caminho da escola... Falava-lhe sem-

pre e dava-lhe ás vezes umas pedrinhas de assucar-candi...

D. ELVIRA — Ela não se esqueceu disso...

BEIRÃO — Deu-me um grande prejuizo aquella partida de assucar. Uma verdadeira espiga!... (Para DUDUCA) Então, Duduca?! (Pausa) Já ele perdeu a cabeça, não sabe onde poz o chapéu!

DUDUCA (*procurando sempre*) — Que misterio!... eu entrei directamente para aqui!.. eu não saí daqui!

BEIRÃO (*para D. ELVIRA*) — E está uma linda moça, a senhora sua filha!

D. ELVIRA — Não é linda; é bôa, e basta.

BEIRÃO — Ainda agora mesmo, enquanto esperavamos por V. Ex.<sup>a</sup>, descrevi eu ao meu sobrinho a pompa do seu casamento! Todas as janelas do quarteirão se encheram de familias para vêr os carros que se estendiam por aí fóra, numa fila imensa... Bons tempos, Ex.<sup>ma</sup>!

D. ELVIRA (*disfarçando*) — Deixe-me ajudar seu sobrinho a procurar o chapéu... (*vai direita á cadeira onde está o pano do piano e tira o chapéu, que entrega a DUDUCA*).

DUDUCA — Eu não disse?!... A culpa não foi minha... Obrigado.

BEIRÃO (*para D. ELVIRA*) — Então, ámanhã ás oito horas estarei aqui com os carregadores, não?

D. ELVIRA — Quando quizer...

BEIRÃO — Foi um excelente negocio para V. Ex.<sup>a</sup>, póde estar certa!

D. ELVIRA (*com ar fatigado*) — Até ámanhã! (*Saem BEIRÃO e DUDUCA*).

## SCENA III

D. ELVIRA e depois ILDA

D. ELVIRA (Depois de acompanhar BEIRÃO e DUDUCA á porta, volta ao piano, contempla-o com tristeza, depois senta-se e toca uns compassos de um nocturno de Chopin; enquanto toca, Ilda entra da rua, trazendo um livro na mão e fica á porta, calada, contemplando a mãe. D. ELVIRA interrompe a musica e leva o lenço aos olhos. ILDA corre para ela).

ILDA — Mãesinha!

D. ELVIRA (*levantando-se assustada*) — Estavas aí?!

ILDA — Parece-me ter percebido...

D. ELVIRA — O que, filha?

ILDA (*examinando os olhos da mãe*) — Que choravas!

D. ELVIRA — Que tolice! Na minha idade, filha, já não se chora senão por uma razão muito forte, e eu não tenho nada que me contrarie... Estou muito endefluxada, isso sim, e talvez por isso os meus olhos estejam vermelhos..

ILDA — Não...

D. ELVIRA — Deves estar fraca. Vai comer alguma coisa, anda!

ILDA — Prefiro ouvir-te tocar. É um prazer tão raro — e tão bom!

D. ELVIRA — Pois olha, eu estou tão aborrecida do piano, tão aborrecida, que acabo de o vender ao Beirão.

ILDA (*com sobresalto*) — Não consinto. Não consinto, nem posso crêr em semelhante aborrecimento. A razão é outra.

D. ELVIRA — Não é.

ILDA — É outrá. (*Tira o chapéu com ar pensativo, pausa*) Por isso eu encontrei o Beirão aqui na esquina... (*Pausa, voltando-se para a mãe*) Por quanto contrataram a venda?

D. ELVIRA — Cento e cinquenta mil réis...

ILDA — O suficiente para pagar as contas do açougueiro e da padaria... Não consinto. Vender este piano é um crime; ele tem sido um amigo fiel para ti; nele tens desabafado as queixas que receias fazer á tua propria filha. Pensas que não entendo o que oiço?

D. ELVIRA — Não sejas romantica, e lembra-te que na minha idade até parece ridiculo tocar piano.

ILDA — Na *minha idade!* Mas quarenta e cinco annos, se não é a mocidade, tambem não é a velhice!

D. ELVIRA — Quando se não tenha sofrido...

ILDA — E haverá no mundo quem não tenha sofrido? .. Não ha, e depois:

“Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em placido repouso adormeceu,  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu,  
Foi espectro de homem, não foi homem;  
Só passou pela vida, não viveu.”

D. ELVIRA (*sorrindo*) — Versos!

ILDA—Muito verdadeiros. Tenho-os ali (*aponta a mesa*) num cartão postal. Mas disseste ha pouco que é para não pareceres ridicula que não queres tocar? Oh, mãesinha adorada, não sacrifiques nunca aos outros os teus sentimentos de arte. Se aos noventa anos tocares Chopin como hoje, que delicia será para mim e para os teus netos, vermos-te ao piano, toda branquinha, toda arcadinha, fazendo florir das tuas bemditas mãos engelhadas as lindas harmonias que nos fazem sonhar! (*beija as mãos da mãe, acariciando-as*).

D. ELVIRA (*sorrindo*)—É o que eu digo. Estás hoje muito romantica!

ILDA—Vais saber porque; mas primeiro diz-me que não venderás o piano, e depois eu te darei uma grande novidade.

D. ELVIRA—Bôa?

ILDA—Sim... pôde ser que sim; não sei... (*esconde o rosto no seio da mãe*) Estou ha muito tempo para te fazer uma revelação, mas não tenho tido coragem. (*Contemplam-se caladas e inquietas*).

D. ELVIRA—Que será?...

ILDA—Primeiro, diz-me como está a Germana?

D. ELVIRA—Na mesma...

ILDA—Vou lá dentro levar-lhe umas balas de alteia e já volto, sim? Entretanto, encher-me-ei de coragem (D. ELVIRA *faz menção de a acompanhar*) Não! O que eu tenho a dizer-te é solene. Requer sala de visitas! (*Sai E. A.*).

D. ELVIRA (*apreensiva*)—Que será? (*Vendo que o sol bate na mobilia, vai cerrar a janela e ao voltar-se vê SOFIA na porta da entrada*).

## SCENA IV

A mesma e SOFIA

SOFIA — Dá licença, D. Elvira?

D. ELVIRA — Entre, Sofia. Vem á sua lição? Ilda está lá dentro ao pé da Germana, mas vem já. Póde sentar-se.

SOFIA — Obrigada, mas não tenho tempo. Vim exactamente dizer á Ilda que hoje faço gazeta, mas que amanhã virei trazer as duas discipulas novas que lhe arranjei.

D. ELVIRA — Discipulas novas?!

SOFIA — Sim. Ela não lhe disse nada?

D. ELVIRA — Não... Ilda quer matar-se. Ela positivamente não póde com tanto trabalho!

SOFIA — Eu tambem acho; mas lavo daí as minhas mãos; não tenho culpa. Se arranjei estas duas discipulas foi porque ela me pediu. Agora está feito. De mais a mais, as meninas, coitadas, apesar de terem o nariz muito pequenino ainda não vêm um palmo adiante dele. Imagine.

D. ELVIRA (*com ar abstracto*) — E ela combinou tudo isso sem me consultar... Seria então o que tinha para me dizer?

SOFIA — Como?

D. ELVIRA — Nada... (*mudando de tom*) Então, ha algumas novidades por aí?

SOFIA — Que eu saiba, não... A não ser que lhe interesse saber que as ruas estão coalhadas de marinheiros alemães e ingleses, e de viajantes de todos os feitios... alguns bem pitorescos! Eu gosto de atravessar a cidade nestes dias de inva-

são cosmopolita; por toda a parte véos azuis ou castanhos, saias murchas, sapatos de legua e meia; falas guturais: *nein; ya! — all right; yes!* — e homens exquisitos, de pijama e de boné; e todos, eles e elas, de narizes curiosos, erguidos para o ar... cheirando a atmosfera! Nos grupos de viajantes desembarcaram hoje muitas argentinas... Essas são *chics. Muy bien!*... (pausa) Deve ser bom viajar!

D. ELVIRA — Deve ser bom...

SOFIA — A senhora nunca viajou por mar?

D. ELVIRA — Varias vezes; daqui a Niterói... (sorrisos) Tenha paciência, Sofia, e espere aqui um momento, enquanto eu vou chamar minha filha e ao mesmo tempo levar remedio á Germana...

SOFIA — Sómentè, não poderei esperar muito tempo, porque tenho hora marcada pelo meu al-goz. (A um gesto interrogativo de D. ELVIRA) O meu dentista!

D. ELVIRA (sorrindo) — Bom... Eu já volto. (Sai — porta para o interior).

## SCENA V

SOFIA (Aproxima-se da mesa, toma um livro ao acaso, lê na lombada: CAMÕES. Folheia o livro, meio em pé, meio sentada no angulo da mesa. Lê:)

“ Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memoria desta vida se consente,  
Não te esqueças de aquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pôde merecer-te  
Alguma coisa a dôr que me ficou  
Da magua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.,,

(Pausa—*atira o livro depois para cima da mesa*). Não é feio... (Consulta o relógio, tem um gesto de impaciência).

## SCENA VI

A mesma e ILDA

ILDA—Então, preguiçosa, hoje não se estuda?

SOFIA—Não. Vim só avisar-te...

ILDA—Minha mãe já me disse tudo (*em tom confidencial e nervoso*) Sabes? tenho uma coisa muito séria para te dizer!

SOFIA—Que é?

ILDA—O Gustavo vem hoje pedir a minha mão.

SOFIA (*incredula*)—Estás caçoando...

ILDA—Palavra! vê como estou fria (*dá-lhe as mãos a apertar*) E como tenho o rosto em fogo! (*fal-a apalpar-lhe o rosto*).

SOFIA — Nunca imaginei que as coisas chegassem a esse ponto... mas, filha, é preciso pensar... Olha que o Gustavo tem fama de ser impetuoso e violento.. D. Eduarda nunca te disse nada?

ILDA — Sim, disse. Mas pódem ser apreciações erradas. Ele para mim tem sido sempre tão delicado e tão bom!

SOFIA — Pudera! se está enamorado! O perigo é depois.. Pensa no que vais fazer...

ILDA — Já pensei. Não tenho medo.

SOFIA (*como para si*) — Pois eu tenho... (*mudando de tom*) Em todo caso indaga bem de tudo antes de lhe dares uma resposta...

ILDA — Sabes que mais? Vai-te embora, que estás hoje muito conselheira e eu tenho que falar a minha mãe. Não percas a hora do teu dentista...

SOFIA — Obrigada pelo interesse!

ILDA (*com meiguice*) — Até amanhã?

SOFIA (*abraçando-a com ternura*) — Sim, até amanhã, e sê feliz! (ILDA *acompanha-a sem sair de scena*).

ILDA — Adeus!

## SCENA VII

ILDA, depois D. ELVIRA

ILDA (*Voltando de acompanhar SOFIA, vai até á porta do interior e chama para dentro*) Mamã!... Mamã! (*Pausa—dá umas voltas*).

D. ELVIRA — Que temos?

ILDA — Um assunto muito sério.

D. ELVIRA — Já sei. As duas discipulas. Chegou a minha vez de dizer — não consinto! Ouviste bem? Não te quero tísica. Tudo, menos isso. Afir-mo-te que as nossas condições são muito melho-res do que pensas.

ILDA — Ah, eu sei perfeitamente que as nos-sas condições são excelentes! Ainda esta noite fizeste serão de costura até as duas horas!

D. ELVIRA — Mais para me entreter do que para outra coisa, acredita. Bem sabes que eu so-fro de insonias...

ILDA (*com tristeza*) — Bem sei... (*mudando de tom*) Ouve agora, mamã, o que tenho a di-zer-te... (*com embaraço*).

D. ELVIRA — Supuz que fosse a respeito das discipulas...

ILDA — Não; não é:...

D. ELVIRA — Então?

ILDA — É que é tão embaraçoso, que nem sei como hei de principiar... Há mais de oito dias que ando para desabafar contigo... mas chegada a hora, não posso, falta-me a coragem... Hoje é inevitável; não devo esperar mais nem um mo-mento, senão saberás por outra boca o que só te deverá ser dito pela minha.

D. ELVIRA — Assustas-me... estás palida... gelada... Ilda!

ILDA (*com esforço*) — Escuta; daqui a poucos instantes, meia hora, vinte minutos, menos, talvez, alguém virá pedir-te... a minha mão!

D. ELVIRA (*com um estremecimento*) — Quê?!

ILDA — Alguem virá pedir-te a minha mão!

D. ELVIRA — Quem?

ILDA (*muito acanhada*) — Um moço engenheiro, Gustavo Ribas... Conheci-o em casa das minhas discipulas.. as filhas de D. Eduarda... é um rapaz muito fino... bem encaminhado e inteligente, oh, muito inteligente!

D. ELVIRA — Não será prudente desconfiar de tantas perfeições?

ILDA — Oh, mãesinha, D. Eduarda conhece-o desde criança. Sei que ele está muito bem colocado numa empresa de electricidade. Falaram-me em heranças, e não sei que mais... Tem pena da minha confusão!

D. ELVIRA — Que surpresa!... E tu, gostas dele?... Bem vejo que sim! (ILDA *baixa a cabeça*) Desde quando? (*Com doçura*) Responde...

ILDA — Não sei.. talvez seis meses... talvez mais... quando eu percebi já gostava dele ha muito tempo!

D. ELVIRA — O teu primeiro amor... Eu tenho medo!

ILDA (*suplice*) — Mamã!

D. ELVIRA (*Olhando o vácuo, como a sondar o futuro*) — Eu tenho medo!

ILDA — De quê? (*Pausa*)

D. ELVIRA (*varrendo uma idéa*) — E esperando esse casamento ainda pensavas em tomar novas discipulas?

ILDA — Ainda. O casamento se fará ou não, e entretanto não podemos deixar de gastar para viver. Compram-se os minutos que respiramos. É uma consumição!

D. ELVIRA — E é a primeira queixa que te oiço nesse sentido.

ILDA—Não, não! eu não me queixo. Eu adoro o trabalho.

D. ELVIRA — Casar-se, a minha Ilda!.. casar-se!

ILDA—Mas não é esse o futuro de toda a gente moça? Em tudo isto, só o que me espanta é vêr-me preferida, eu, simples professora, pobre, por um rapaz de fortuna; e é só isso que te deve espantar também a ti, que és observadora, tão criteriosa e tão imparcial. Sei que no fundo do teu espirito existe a convicção de que eu mereceria um príncipe; mas nestes tempos de anarquismo, mãesinha, os príncipes são mais perigosos que os moços da burguesia. Acredita. É além do mais, no Brasil, quem esperasse por príncipes correria o risco de ficar solteira... e tu não haverias de gostar que a tua Ilda ficasse para tia, e de mais a mais dos sobrinhos dos outros, visto que não tenho irmãos! Não dizes nada?... Não dizes nada?... Mas não te parece que a vida de uma solteirona deva ser uma coisa muito triste?!... Também não me quererias para freira!... (D. ELVIRA *faz sinal negativo*) Pois, então? Assim, terei um lar cheio de sol para aquecer-te, verás!... Realmente, é extraordinário como o Gustavo, vendo-me tão desguarnecida, tão tímida ao lado das irmãs das minhas discipulas, sempre elegantes e perfumadas, não se apaixonou de preferencia por qualquer delas! Não achas? (*Sinal negativo de D. ELVIRA*) Não achas, porque és minha mãe! (*Pausa*) Escuta... passos na escada!... é ele!... é ele que aí vem!... Não tenho animo de lhe aparecer... dize-lhe que saí... dize-lhe... oh, mãe adorada!... dize-lhe... que sim! (*Sai correndo para o interior*).

## SCENA VIII

D. ELVIRA, GUSTAVO, depois ILDA

D. ELVIRA (*Conserva-se em pé, em atitude pensativa e triste. Sentindo alguém junto á porta vai abril-a, como quem arrasta um peso a cada passo. Entra GUSTAVO. Contemplam-se. Ela fal-o aproximar-se do centro da scena e indica-lhe uma cadeira*).

D. ELVIRA (*indagando*) — O Sr. doutor?...

GUSTAVO (*inclinando-se*) — Gustavo Ribas.

D. ELVIRA (*observando a comoção de GUSTAVO*) — Estou prevenida da sua visita e sei do que se trata. Compreendo o seu embaraço e peço-lhe que se esforce por estar á vontade deante de mim. Minha filha disse-me tudo. Isto é, ela supoz ter-me dito tudo, quando me disse apenas alguma coisa.

GUSTAVO — Realmente, minha senhora, a minha situação é quasi afflictiva. Não havendo entre nós um amigo comum, a quem eu pudesse recorrer para o cumprimento deste acto, a não ser a viuva Malheiros, D. Eduarda, que se negou a cumpril-o, por sistema, prontificando-se, comtudo, a dar a V. Ex.<sup>a</sup> informações a meu respeito, para o que virá esta noite á sua casa, vi-me obrigado a vir sózinho, incorrectamente, mas com toda a sinceridade, pedir-lhe a mão de sua filha, deixando a V. Ex.<sup>a</sup> o tempo de, reflectindo sobre as informações que obtiver a meu respeito, mandar-me a sua resposta. Serão, espero, alguns dias de impacien-

cia, e nada mais. Como naturalmente já sabe, sou engenheiro, exerço a minha profissão com felicidade, o que permitirá á minha familia certo conforto. Meus pais são lavradores abastados e não têm outro filho. Quanto ás minhas qualidades morais não me compete a mim analisal-as. D. Eduarda promete-me ser imparcial e não encobrir os defeitos que eu possa ter...

D. ELVIRA (*Variando de expressão e de tom no correr da narração*) — Estimo que o senhor tivesse tomado a resolução de vir sózinho á minha casa, porque assim falaremos mais á vontade. Contou-me a felicidade com que lhe tem corrido a vida, e eu só tenho a declarar-lhe um passado de dificuldades e decepções... Não ignora que minha filha é pobre, porque a conheceu no seu posto de trabalho, e modestamente trajada. Dir-lhe-ei ainda que ela é o unico ganha-pão desta casa, visto que eu sou viuva e a minha saude não me permite maior esforço do que o que faço executando os meus trabalhos domesticos e algumas costuras. Tenho por toda criadagem uma preta velha, que está hoje no fundo de uma cama ardendo em febre. Viu quem lhe abriu a porta; fui eu. Ilda é, a bem dizer, minha filha e minha mãe; sinto-me bem sob a sua protecção, porque sem ela nem sei o que seria de mim. Olhe, esta casa, unico bem que nos restava, deve ir á praça por estes dias. A mobilia desfaz-se pelo cupim. A melhor é esta que vê e de que, de vez em quando, sai uma ou outra peça para a casa de um belchior, a troco de alguns mil réis. Vendi hoje aquele piano; vendi ontem uma cadeira e o espelho (*aponta o sinal na parede sobre o sofá*) que guarnecia aquela parede: vende-

rei amanhã, talvez, esta mesa ou aquele quadro... Ha dias em que não almoço, para guardar o meu quinhão para ela, que anda mourejando lá fóra, como um homem; Deus me livre que Ilda adivinhasse estas torturas; mas com o senhor preciso de ser absolutamente franca, para que me entenda depois. Veja: (*levanta a fimbria da saia e mostra o pé*) só uso o calçado que ela despreza; só como pão duro, para que lhe não falte a ela o pão fresco; só ando a pé, para que lhe sobeje dinheiro para o bond... A situação é negra, é aniquiladora! pois, com tudo isso, acredite, eu sou feliz, porque a minha filha, que eu criei penosamente, porque tanto ela agora é energica e sadia quanto em criança foi debil e pensativa: a minha filha, que eu defendi, que defendo e que defenderei a ferro e fogo até á morte, contra todas as ameaças do destino; a minha filha—é minha!.. Cada um dos seus beijos redime toda a inveja que eu tive dos felizes na minha mocidade; as suas meiguices compensam maravilhosamente as noites longas, interminaveis que passei com ela nos braços por esses corredores, e as lutas que travei com a sociedade para a tornar independente... Sacrifiquei-lhe tudo: vaidade da beleza; gloria do amor! Por medo de lhe dar um padrasto, resisti á perseguição de um homem que me oferecia felicidade e vida farta. Preferi permanecer na pobreza a arriscar a minha filha á direcção menos carinhosa de um estranho, ou ainda a sentir mais tarde compartilhado o meu amor por algum filho que me nascesse desse casamento!... (*Pausa; GUSTAVO ouve tudo com ar de espanto*) É estranho que eu lhe esteja a dizer estas coisas tão intimas, tão re-

catadas; mas entendo que lhe devo abrir a minh'alma, para que o senhor veja bem o que ha lá dentro. /

GUSTAVO — Sua filha.

D. ELVIRA — Só minha filha. (*Pausa*) Dispu-tei-a á morte muitas vezes. . . Logo depois de nascida teve a coqueluche e ficou por tal modo franzina, que tive de a amamentar durante dois anos, em que não dormi, temendo a todo o instante vê-la morrer num dos acessos terriveis. . . Aos tres anos foi um dia, na praia, arrebatada por uma onda. . . Arrepio-me toda ao lembrar-me. . . Arro-jei-me á agua, vestida como estava, bracejei ás cegas e como louca para alcançal-a; mas a onda, para atormentar-me, parecia levar-m'a cada vez para mais longe. . . para mais longe! . . . Estavamos sós. Ninguém nos socorreria. Quando consegui trazer minha filha para terra, corri, com ela agarrada ao seio, uma distancia enorme, como se sentisse a onda a perseguir-me ainda para roubar-m'a outra vez! Quando caí, de exausta, alguém que me acudiu teve dificuldade em tirar-me a criança dos braços. . . Ela é minha criatura não uma, mas muitas vezes! Outra ocasião, na roça, tinha ela então sete anos, caiu de uma arvore e luxou um pé. Gritava como uma possessa — nunca a vi em tamanho desespero! Aquela hora não havia condução para o povoado: tive de leval-a ao colo, uma longa legua, sob um sol abrazador, em pleno Janeiro! As estradas arentas e desabrigadas queimavam-me os pés; à luz violenta ofuscava-me a vista, e todo o meu corpo vergava ao peso amado do seu corpo. Uma criança de sete anos não é uma pluma! . . . Quando cheguei á botica do arraial,

puz golfadas de sangue pela boca, mas ao menos já nessa noite a minha Ilda ficou com o aparelho no pé. (*Interrompendo um gesto de GUSTAVO*) Oíça mais: Aos nove anos, ela teve o crup. Uma doença cruel. Conhece? Pois quem, nesta mesma sala, ali, altà noite, sem um unico amigo a seu lado, lhe segurou a cabeça para que o medico a operasse... fui eu! Horrivel!.. Horrivel! .. (*Pausa*) Ilda ressuscitou da morte muitas vezes pelo meu esforço e pelo meu carinho, para ser a consolação da minha velhice... Não tenho, nem quiz ter mais nada neste mundo. Ela é a unica razão de ser da minha vida. E se lhe fiz todas estas confidencias, foi só para lhe dizer que os meus olhos vigiarão á felicidade de minha filha, como dois cães de fila a casa do seu dono.

GUSTAVO — O que lhe posso afirmar é que, tanto quanto esteja em meu poder, farei sua filha feliz e não a disputarei ao seu amor. Por ser minha mulher ela não deixará de ser — a sua filha...

D. ELVIRA (*abstraida*) — Sim, ela deixará de ser a minha filha, para ser — a sua esposa... Olhe, tudo o que eu lhe disse, ou quasi tudo, ela o ignora. Não a quiz nunca afligir com as sombras do meu passado.. Disse-me então o senhor que a minha filha não deixará de ser minha, nunca, nunca?

GUSTAVO — Nunca!

D. ELVIRA — Veja o que promete! O amor dos maridos é absorvente e despotico. O meu proibiu-me de visitar minha mãe todos os dias. E eu obedeci-lhe!... O que ela devia ter sofrido!

GUSTAVO — Mas V. Ex.<sup>a</sup> viverá sempre com Ilda. Não lhe faltará nada...

D. ELVIRA — Não é do conforto material que eu falo. O que eu não quero que me falte é o seu carinho...

GUSTAVO — Ninguém lh'o roubará.

D. ELVIRA — Por nada desta vida?

GUSTAVO — Por nada desta vida.

D. ELVIRA — Oh, se eu pudesse ter a certeza!

GUSTAVO — Póde ter a certeza.

D. ELVIRA — Quero que sejam os seus dedos que me cerrem os olhos para o ultimo sono. Não a afastará então da minha cabeceira?

GUSTAVO — Nunca!... Mas, por Deus, minha senhora, ficará mal dizel-o, mas pelo que lhe ouvi, parece-me que sua filha, casando-se comigo, melhorará de sorte...

D. ELVIRA — Se o senhor fôr sempre seu verdadeiro amigo, sim. Senão... não! Na vida de uma mulher solteira, por maior que seja o sofrimento, ha sempre a esperança. Na da casada, quando não haja felicidade ha apenas resignação. Foi o que eu traguei no casamento. Tambem me casei com um homem rico; mas ainda não me faltava o conforto material quando já me faltava tudo o mais... A experiencia tem voz rude...

(Pausa) Não creia por isso que eu venha a ser uma sogra rispida e ingrata. Sou justiceira e procurarei guardar o amor da minha filha, ocupando na sua casa o menor lugar que me fôr possível.

GUSTAVO — Se V. Ex.<sup>a</sup> me conceder a honra de uma resposta afirmatiya, não viverá na casa de sua filha, mas na sua!

D. ELVIRA — Obrigada. (*Vai buscar o chapéu de GUSTAVO a uma cadeira e entrega-lh'o*) Re-

flictamos, então. Esta noite conversarei com D. Eduarda. Entretanto, o senhor meditará sobre o que me ouviu.

GUSTAVO— Meus pais, prevenidos por uma carta, deverão chegar ámanhã... Consentirá que venham ámanhã mesmo cumprimental-a?

D. ELVIRA.— Será cedo. Reserve pelo menos mais dois dias para a meditação. Converse calmamente com seus pais, diga-lhes o que me ouviu. Pense, pense, torne a pensar, e venha então ter comigo para me ouvir a ultima palavra. O casamento é um assunto muito sério, para ser decidido assim de uma hora para outra.

GUSTAVO— Obedecer-lhe-ei. (*Inclinando-se*)  
Minha senhora!

(D. ELVIRA acompanha-o até á porta; quando volta, vê ILDA, que tem entrado pela porta do interior e espera a mãe, hirta, de face para ela. Olham-se longamente; depois, aproximam-se e caem nos braços uma da outra.)

CAI O PANO

(DEZ ANOS DEPOIS)

Sala de palestra entre a de jantar e a de visitas, em casa de GUSTAVO RIBAS, Botafogo. Ao F. uma larga porta envidraçada, em arco, de que está aberto um postigo amplo para passagem. Atravez da vidraçaria do F. vê-se o terraço e a linha dos balaustres da escada descendo para a D. Porta para a sala de visitas á D. A. Porta para uma saída lateral para o jardim á D. B. Porta para a sala de jantar á E. B. Cabide para chapéus á E. A. Vasos de plantas á E. F. desde a parede lateral até ao postigo. Mobilia elegante, divans, almofadões, tapetes, etc.



## ACTO II

### SCENA I

D. ELVIRA, JUDITH, ILDA

D. ELVIRA (*Entra pelo fundo, vestida de escuro, com simplicidade e elegancia e com o vestido resguardado por um avental preto; traz uma cesta de flores e uma tesoura. Pousa a cesta de flores sobre a mesa e desamarra o avental, chamando alto a criada*)—Judith... Judith! (*Põe algumas flores numa jarrinha*).

JUDITH (*Entrando pela E. B.*)—A senhora chamou?

D. ELVIRA — Sim. Leve esta jarrinha para a sala de visitas... (*JUDITH sai pela porta da sala de visitas e volta logo depois*) Está tudo em ordem?

JUDITH — Está, sim, senhora.

D. ELVIRA (*continuando a tratar das flores*) — Bem... veja agora se o Antenor lavou os degraus... aí da entrada... (*aponta com um gesto a porta D. B.* JUDITH *espreita para fóra*).

JUDITH — Lavou, sim, senhora.

D. ELVIRA — E teria varrido a rampa do jardim até ao portão?

JUDITH — Está tudo bem limpo...

D. ELVIRA (*sem interromper o seu trabalho*)  
— Há muita gente que prefere entrar por aí, para evitar escadas; vocês devem ter isso sempre bem asseado... Olhe, leve estas duas rosas para a cantoneira da sala de jantar... as outras ficam aqui mesmo...

JUDITH (*antes de pegar na jarra*) — Quer que leve a cestinha para o seu quarto?

D. ELVIRA — Sim .. e já agora leve também o avental e a tesoura. (*ILDA entra enquanto JUDITH acomoda as coisas para as levar. Sai JUDITH, D. ELVIRA conclue a arrumação das flores*)

ILDA — Andei á tua procura por toda a casa!

D. ELVIRA — É que eu estava no jardim. Já que não fazes caso das tuas rosas, é preciso que eu me interesse por elas..

ILDA — Eu não tenho tempo ..

D. ELVIRA — Não digas isso. O que te afirmo é que faria bem á tua saúde dar todas as manhãs um giro pelo quintal; mesmo para obrigar o jardineiro a ter mais gosto. É um comodista, este Antenor!

ILDA — Isso é..

D. ELVIRA — Acho bom advertires a cozinheira... Teu marido hoje parece que não gostou do almoço ..

ILDA — Se não tivesse gostado teria a franqueza de o dizer — e bem alto, como de costume. Ele veio para casa ás duas da noite: provavelmente ceou bem, é natural que não tivesse tido apetite para os pratos caseiros... (*gesto de enfado*) Mas não é disso que se trata agora ..  
(*pausa*)

D. ELVIRA (*A quem passa uma sombra de tristeza pelo rosto*)—De que se trata então?

ILDA—De te pedir um fâvor... Preciso muito, muito de ir á cidade fazer umas compras, mas não tenho animo! estou ameaçada de nevraljia e receio que me faça mal sair ..

D. ELVIRA (*cuidadosa*)—Sentes-te mal? .

ILDA—Não ainda assim não é tanto pela saúde, como porque mesmo não tenho geito de andar de armarinho em armarinho, de loja em loja .. (*está um pouco embaraçada*; D. ELVIRA *observa-a*) Bem sabes o costume: aceito á menor insistencia de um caixeiro objectos que pago pelo triplo do seu valor e que a maior parte das vezes nem aproveito como aquella mantilha de rendas brancas e ...

D. ELVIRA (*triste, interrompendo-a*)—Vamos direitos á conclusão: queres que eu vá em teu lugar, não é assim?

ILDA (*contente, beijando-a*)—Oh, mãe adorada! (*pausa*).

D. ELVIRA (*muito séria*)—Ilda, há bem pouco tempo ainda tu não confiavas a ninguem, nem a mim, a escolha dos teus vestidos...

ILDA (*nervosa, interrompendo-a*)—Mas não se trata agora de vestidos; escuta! (*abre uma nota que traz na mão e que nervosamente tem amarrado*) Mamãe fará o favor de ir buscar as minhas luvas ao luveiro, — já estão encomendadas; de me comprar um véu branco, para o nosso passeio ámanhã ao Corcovado; — de indagar de algum romance novo em qualquer das livrarias por que passar... de mandar concertar a minha corrente de ouro... de perguntar á coleteira se a mi-

nha encomenda está pronta e... (*sorrindo*) de tomar por mim uma chicara de chá na Cavé... (*levantando os olhos para a mãe e vendo-a séria, diz, já com um modo enfiado*) Umas coisas são caminho das outras..

D. ELVIRA (*com ar misterioso*) — Sempre.

ILDA — Sempre o quê, mamãe?

D. ELVIRA — Sempre umas coisas são caminho das outras.. (*comum suspiro*) Não poderás deixar isso para amanhã ou depois?

ILDA (*vivamente*) — Não!

D. ELVIRA — É indispensavel então que tudo se faça hoje?!

ILDA (*com firmeza*) — É.

D. ELVIRA — Não me parece, entretanto, que haja razão para tanta pressa!

ILDA — Há.

D. ELVIRA — Pois, filha, parece-me que não te poderei fazer a vontade...

ILDA (*entre queixosa e zangada*) — Mamãe!

D. ELVIRA (*depois de uma pausa*) — Os teus gostos têm mudado muito, Ilda; e não imaginas quanto isso me dá cuidado...

ILDA — Porquê?!...

D. ELVIRA — Não adivinhas?

ILDA — Não...

D. ELVIRA — Em todo caso, percebes que tens feito uma grande mudança, não é assim?

ILDA (*com hesitação*) — Talvez...

D. ELVIRA — Não tens que duvidar, podes ter a certeza. Eras muito simples, de um humor natural; mudaste de estado e de posição sem perder a tua antiga candura e a tua actividade jovial. Eu não achei nisso nada de extraordinario, por-

que conhecia bem o teu character; mas toda a gente considerava tal facto como um verdadeiro milagre. Durante dez anos de casamento, de fartura, de certo luxo mesmo, conservaste sempre o mesmo genio transparente, modesto e admiravel dos tempos de menina pobre... Até que... (DONA ELVIRA pára, pensativa).

ILDA (*Que a tem ouvido com crescente interesse e tem agora a expressão ardentemente curiosa*) — Até que...?

D. ELVIRA — Até que caíu dentro de ti um segredo que perturbou a tua limpidez. Turvaste-te; deixaste de ser a mulher simples, para ser a mulher complicada... um tanto enigmatica. Começaram desde então a multiplicar-se os espelhos em casa e começaste tu a tractar da tua pessoa com excessivo carinho... Aqui mesmo, nesta saleta (*aponta para um guerdon*) tens uma caixa de pó de arroz!...

ILDA (*Escondendo respeitosamente a impertinencia num sorriso que vai desaparecendo á proporção que fala*) — Para poupar-me o trabalho de subir ao meu quarto cada vez que me quero empoar. Que mal há nisso? as escadas cansam-me; afinal já não tenho vinte anos!... (*vai abrir a gaveta, tira a caixeta de pó, sacode com impaciencia o pompon*) Além de que, ninguem sabe deste segredo terrivel a não seres tu e, quando muito, a JUDITH! (*atira o pompon para dentro da gaveta*).

D. ELVIRA — Ninguem diz que isso seja um segredo, nem tampouco uma maldade... O pó de arroz é a verdadeira pele das mulheres.

ILDA — Então?!

D. ELVIRA — Mas o genio?!

ILDA (*já mal humorada*) — Ora! .. (*a um olhar penetrante de D. ELVIRA*) Perdôe-me...

D. ELVIRA (*puxando-a para si*) — Perdôo, sim; mas tenho medo!

ILDA (*com um arrepio apenas adivinhado*) — Há que anos eu não te ouvia essa palavra... medo de quê?

D. ELVIRA — De uma sombra que anda nos teus olhos.. e ás vezes cresce e outras diminue de dimensões... da febre que agita os teus nervos, dantes tão socegados e felizes... do abandono em que tens agora a tua casa, de que foste sempre tão zelosa... do teu riso, quando ris; do teu choro, quando choras; dos extremos em que te agitas, de tudo, emfim, que contraria a tua antiga maneira...

ILDA (*num fio de voz*) — Pura ilusão...

D. ELVIRA — Não é!...

ILDA — Mas, quando assim fosse?! Não há quem não tenha na vida ao menos uma crise de irritabilidade e de aborrecimento!

D. ELVIRA — Há dias em que estás alegre como nunca te vi; e então temo a tua alegria, como a tua tristeza ou a tua colera.

ILDA (*disfarçando*) — Se a minha própria mãe tem medo de mim, que dirão os outros! (*ri-se*)

D. ELVIRA — Os outros não percebem .  
(*pausa*)

ILDA (*com um sobresalto que domina*) — Estou então muito diferente?! Toda a gente vê na minha cara que... (*suspendendo-se*) mas vê o quê?

D. ELVIRA — Não vê nada. Já te disse: só eu

percebi a mudança que tens feito, e só eu temo que ela se acentúe cada vez mais . . .

ILDA (*nervosamente*) — Quem está enigmática não sou eu, és tu! . . . (*pausa*) Desconfias de mim?

D. ELVIRA — Não. Tenho confiança absoluta em ti. És forte; saberás resistir a qualquer invasão inimiga, porque és honesta. (*Com intenção, calcando as palavras*) Fundamentalmente honesta. (*Observa ILDA, cujo corpo se afrouxa, numa expressão de desanimo; pausa*) Comtudo, quero que me faças uma promessa e que não te esqueças nunca de a ter feito.

ILDA (*constrangida*) — Qual?

D. ELVIRA — Esta : promete-me que se algum dia . . . (*suspende-se, como á procura de um termo*).

ILDA (*sem poder esconder a impaciencia*) — Algum dia o quê, mamã ?!

D. ELVIRA (*com dificuldade*) — Se algum dia amares outro homem além de teu marido, nunca deixarás perceber a esse homem a tua preferencia !

ILDA (*com sobresalto*) — Que lembrança ! (*volta o rosto para o lado, fugindo do olhar observador da mãe*)!

D. ELVIRA — Eu tambem me vexo de te dizer estas coisas. Mas precisava dizel-as.

ILDA (*com espanto*) — Porquê ?!

D. ELVIRA — Para dar-te coragem.

ILDA — Que estranha historia é essa ! Eu não gosto de ningnem, ninguem, ninguem ! Para que atormentar-me com tais suspeitas ?! E depois, diz: de que valeria prometer isso que me pedes ? . . . Para acabar com este embaraço, eu poderia agora dizer que sim a tudo que me impuzesses, porque

tenho o coração livre; mas se amanhã a fatalidade me fizer amar um homem de corpo e alma, com uma grande paixão, que valor ficará tendo tal promessa? Seria muito facil agora prometer; mas não seria depois muito difficil cumprir?! Falas com essa coragém e essa altivez, porque em toda a tua vida não amaste senão um homem: — meu pae. Por isso com certeza não te foi muito difficil ser absolutamente virtuosa... Mas, dize-me: sel-o-ias sempre, igualmente, se tivesses encontrado no teu caminho um homem mais generoso, mais intelligente, mais nobre, mais digno da tua afeição, do que ele foi, e que, ao mesmo tempo que te amasse, te tivesse inspirado um desses sentimentos tão grandes, tão grandes, que ninguem os póde esconder?!

D. ELVIRA (*com energia*) — Sim!

ILDA (*com ironia*) — Sim!

D. ELVIRA (*séria e comovida, mas energica*) — Sim, Ilda. A minha honestidade, a minha virtude, sabe-o agora, que é inevitavel sabel-o, foi alimentada dia e noite pelo sacrificio. Não seria preciso muito para encontrar no meu caminho um homem mais digno do meu amor do que era meu marido, sempre fóra de casa, sempre jogando ou dissipando com outras a ternura a que eu tinha direito. Casámo-nos por amor e mal eras nascida já ele não fazia caso de mim. Foi então, ouve bem! que principiou a frequentar a nossa casa um afilhado do meu sogro, rapaz ilustrado, elegante, bom conversador. O contraste entre ele e teu pae era enorme. Supõe! muito maior do que o que existe entre... entre teu marido e o Manoel Ramires, por exemplo!

ILDA (*com um estremeção*) — Mamã!

D. ELVIRA — É uma comparação... Ouve até ao fim esta penosa confidencia, que faço pela primeira vez em minha vida, e apesar dos meus cabelos brancos!... mas estava escrito que eu tinha de te dar tudo, Ilda, até este segredo que eu trouxe sempre sepultado dentro do meu peito... Desenganada do amor de meu marido, eu amei profunda, doidamente, desesperadamente esse homem, de quem sinto ainda nas minhas como que a saudade das suas mãos, nos curtos instantes em que elas se tocavam... Ele frequentou a nossa casa quási diariamente, durante uns tres anos. Quando o sentia entrar, todo o sangue me afluia ao coração. Era um movimento de Niagára dentro de mim! Córava? empalidecia? Não sei. Eu não tinha a meu lado uma mãe, como tu tens, para m'ó dizer, nem para me consolar... mas o que te juro é que nem ele, nem teu pae, nem ninguém, percebeu nunca o meu amor e a minha infelicidade!...

ILDA (*arreatada*) — Porque ele não te amava! Oh, se ele te amasse terias tido igualmente forças para resistir?! \

D. ELVIRA (*com o olhar perdido num mysterio*) — Se ele me amou ou não... quem sabe?!... ás vezes parecia-me sentir no tremor da sua voz... na frialdade das suas mãos... num relancear dos seus olhos, a expressão de um sentimento correspondente ao meu...

ILDA (*com anciedade*) — E então?!

D. ELVIRA (*muito comovida, mas com vigor*) — Fugia! Apertava-te de encontro ao meu peito, inundava de beijos e de lagrimas os teus cabelos,

escondia-me contigo no meu quarto, fechada á chave por dentro... (*pausa*)

ILDA (*num fio de voz chorosa*) — Depois?...

D. ELVIRA — Ele partiu numa missão diplomática... e eu fiquei.. Nunca mais nos vimos... nunca mais!... (*pausa*) Prometes-me agora?...

ILDA (*num murmúrio comovido*) — Prometo... (*Ouvem-se vozes fóra*).

D. ELVIRA (*limpando as lagrimas da filha*) — Coragem! vai descançar um pouco, enquanto entretenho os Vieiras, que aí vêm... Espera-nos na sala de jantar para o *lunch*, e socega, que irei depois fazer as tuas encomendas...

(ILDA sai. D. ELVIRA acompanha-a com um olhar triste, depois compõe a fisionomia e vai ao encontro dos VIEIRAS).

## SCENA II

D. ELVIRA, D. ANGELA, VIEIRA

(Entram pelo F.)

D. ELVIRA — D. Angela!... Sr. Vieira!

D. ANGELA (*muito ofegante, procurando logo sentar-se*) — Desculpe-me, D. Elvira, mas nem posso falar! Esta escada mata-me; embora não seja alta é extraordinariamente cansativa, não acha?... Cá por mim, quando venho só, prefiro subir pela rampa do jardim e entrar acolá, por aquela porta (*aponta com o queixo a porta D. B.*); mas o senhor meu marido, que é todo frenético,

quando vem comigo embirra em fazer-me galgar a escadaria do terraço, só para mostrar que ainda está vigoroso, e talvez também para me matar mais depressa, porque há de ter desconfiado que, subindo eu a miude uma duzia de degraus como esses, hei de forçosamente acabar por pôr a alma pela boca fóra! E em pouco tempo... Não sei porque não hão de ser todas as casas de um andar só! (*para o marido*) Jacinto, tem paciência, dá-me o teu lenço... (JÁCINTO VIEIRA *tem-se entretido em colocar no cabide o chapéu, a bengala, etc.*) Como nunca preciso do lenço (*para D. ELVIRA*) é traste de que me esqueço sempre em casa... Aposto em como a senhora não se esquece de nada! Há pessoas privilegiadas, que têm memoria e lugar para tudo! Eu não... Uf! que estafa!... Pois deixe-me dizer-lhe, D. Elvira, que a acho com uma magnífica apparencia; creio mesmo que nunca a vi tão bem... Emfim, isso não admira, porque leva uma boa vidinha, sem tristezas nem cuidados... Assim fosse a minha, que dia a dia se complica de um modo desesperador. Eu já nem sei para onde me hei de virar! (*para JÁCINTO, que tem estado a olhar para a rua*) Então, filho, o lenço?! (*Ele apalpa-se*) É uma consumissão!... Não imagina, minha amiga, como tenho inveja da sua calma...

D. ELVIRA — Mas...

D. ANGELA (*sem consentir que ela fale*) — É assim mesmo! Não negue! Veja agora, por exemplo, como tenho andado atrapalhada com a casa cheia de hospedes: gente de S. Paulo, gente da Bahia, gente do Rio Grande... realmente, com estes nossos habitos, não sei para que servem os

hoteis! Ainda quando são homens, vá lá, relativamente é uma felicidade; mas quando são mulheres?!... (*interrompendo-se para receber o lenço das mãos do marido. Limpa o suor*).

D. ELVIRA (*sorrindo*)—Que têm as mulheres, D. Angela?

D. ANGELA — São difíceis de aturar. Sabem pouco e perguntam muito. Eu sou de poucas palavras, e aborreço-me ter de dar explicações a todos os instantes a respeito disto, daquilo, daquel'outro... (*assoa-se*)

JACINTO (*aproveitando a pausa da mulher*)  
—Hontem tive noticias do meu sobrinho e da Ilda. Viram-nos no teatro, em companhia do Manoel Ramires. Dizem que ele parte agora para a Europa. É verdade?

D. ELVIRA (*com alegria*) — Para a Europa, o Ramires? ainda bem!

JACINTO — Parece que a alegrou a noticia!

D. ELVIRA (*disfarçando*) — Naturalmente... ele disse a meu genro que esse era o seu sonho...

JACINTO — E onde está o seu genro, esse ingratação do meu sobrinho?!

D. ELVIRA — Subiu para o quarto, depois do almoço; mas não tardará em descer, porque vão sendo horas de sair...

D. ANGELA (*entregando o lenço ao marido*)  
—Ele também tem horas para entrar?... Essas parece que são mais irregulares, não é verdade? Enfim, comtanto que não falte com o conforto e o luxo á familia! A Ilda póde gabar-se de ter tirado a sorte grande! Não é por Gustavo ser meu sobrinho, mas há poucos maridos que se lhe com-

parem ; ele é um tanto extravagante, dizem todos ; mas em sua casa é muito sério e isso é o principal... Eu, pelo menos, não conheço nenhum marido melhor, porque mesmo o meu Jacinto só agora depois de velho é que está um pouco mais amigo de me fazer as vontades, talvez porque eu, a bem dizer, já as não tenha... enfim, a Ilda que aproveite a mocidade e o estadão ! Há muita moça por aí que se morde de inveja ! Ainda há bem pouco tempo num bonde um sujeito que vinha atrás de mim disse ao outro, apontando aqui para a casa : aquele prédio pertence ao Dr. Gustavo Ribas, um rapaz excepcional, e que traz a mulher como um brinco !.. Da casa é que não disseram bem, achavam que ela devia ser mais recuada, para que a escada e o terraço ficassem mais longe da rua. Eu também penso assim... Enfim, foi o gosto de Ilda, está muito bem...

D. ELVIRA — Não, senhora. A arquitectura da casa foi escolhida por seu sobrinho...

JACINTO — Não é o que se diz por aí... Mas isso são detalhes que não têm importancia. Dá-me licença ? Eu vou gritar por eles lá para cima...

D. ANGELA (*para* JACINTO) — Não interrompas o idílio... (*para* D. ELVIRA) Há quantos anos mesmo se casaram eles ?

D. ELVIRA — Há dez para onze...

D. ANGELA — Deve ser isso... dez anos ! Como o tempo corre ! De então para cá, repare, D. Elvira, quantos sucessos se têm desenrolado neste Rio de Janeiro !.. Jacinto faliu... melhorou de fortuna... tornou a falir e a melhorar... minha irmã Esmeraldina morreu, e meu cunhado não tardou muito em casar-se outra vez... O Alpoim fu-

giu... A Desdemona divorciou-se... O Bastinhos enlouqueceu... O Alexandre foi ministro, para andar agora enterrado na lavoura até às orelhas, ao mesmo tempo que o Manoel Ramires... (*interrompe-se á procura do lenço*).

D. ELVIRA (*com interesse*)— Como?

D. ANGELA— Estou á procura do meu lenço...

D. ELVIRA— A senhora deu-o a seu marido. Mas ia dizendo que...?

### SCENA III

Os mesmos, GUSTAVO e JUDITH

D. ANGELA (*entra GUSTAVO*)— Sim, ia dizer que... Ora graças, aí está meu sobrinho!

GUSTAVO— Senhora minha tia!

D. ANGELA— Agora é assim, quem quizer vê-lo há de vir a sua casa! Já se esqueceu do caminho da nossa porta, senhor ingrato?!

GUSTAVO (*sorrindo*)— Os afazeres...

D. ANGELA— Sim, os afazeres! Eu sei o que se rosna por aí! E Ilda, onde está? Preparando-se para nos receber? Teria graça! Será bom avisal-a de que estamos aqui apenas de passagem, porque temos hora marcada para ir ao tabelião; parece-me que ás quatro, não sei bem, nem isso me inquieta. Quando saio com Jacinto deixo a seu cargo todas as preocupações aborrecidas e não trago nem carteira nem relógio.

JACINTO— Nem lenço.

GUSTAVO — E falem as mulheres mal do casamento!

D. ANGELA — Nem todas são como a tua, que não tem razão para isso. Já eu não posso falar da sagrada instituição, como vocês dizem, com a mesma simpatia!

JACINTO — Que coincidência: nem eu!

GUSTAVO (*rindo-se*) — Ora, adeus, todo o mundo sabe que os tios vivem como Deus com os anjos. É até um casal citado como exemplo da fidelidade e do amor!

(Entretanto, JUDITH vem falar a D. ELVIRA e sai de novo).

D. ANGELA (*olhando para JACINTO*) — Sim... agora, não duvido que ele me seja fiel!

JACINTO — Não sei porque! Na minha opinião deve-se sempre duvidar dos homens e acreditar nas mulheres...

GUSTAVO — É o que eu faço.

D. ANGELA — Pois não é bom fiar. Contra mim falo, porque sou mulher; mas a maior parte das vezes é delas que parte a provocação! Há senhoras tão adestradas no *sport* de enlear um homem, que, mesmo a distancia, só com um olhar o enlaçam para sempre, como um gaúcho laça um animal... Ai do que se vê preso!

GUSTAVO — Acredita que ele se lamente?

D. ANGELA — Vocês sabem disso melhor do que eu.

JACINTO — Reduze isso ao singular. Eu não sei nada!

D. ANGELA (*espirra*) — Bonito! constipei-me!

Foi da escada. (*Para JACINTO*) Dás-me o lenço outra vez?

JACINTO (*para GUSTAVO*) — Agora só a pedido (*para D. ANGELA*) Guarda-o contigo.

D. ANGELA — Não tenho bolso. Dá-me também a minha luneta... (*JACINTO apalpa-se*) na algibeira do colete... (*GUSTAVO tem ido a um movel buscar charutos*).

D. ELVIRA (*para D. ANGELA*) — D. Angela? Ilda espera-nos para o *lunch* na sala de jantar. Aceita uma chicara de chá?

D. ANGELA — Aceito... (*tira as luvas*) Decididamente, o café passou de moda no Rio de Janeiro. É um uso antipático, este do chá... (*para JACINTO*) guarda o lenço... Parece que toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins... enquanto que com os pobres lavradores brasileiros ninguém se importa!... Jacinto? guarda-me também as luvas, sim?... (*JACINTO recebe tudo com ar resignado. Ela levanta-se para ir ao chá*).

GUSTAVO (*rindo*) — Pelo que vejo, tio Jacinto, exerce funções de armario ambulante... (*JACINTO faz um gesto resignado*).

D. ANGELA (*sorrindo*) — Foi para isso que a moda o dotou com os seus quatorze bolsos... deixando-nos a nós sem nenhum! (*Caminha para a sala de jantar*).

D. ELVIRA (*para os homens*) — Querem que eu os mande servir aqui? (*Saem E. B.*).

JACINTO — Não, não. Nós já lá vamos...

## SCENA IV

Os mesmos, menos D. ANGELA e D. ELVIRA;  
depois CARDOSO e FAUSTO

JACINTO (*com desespero*) — Oh, as mulheres!... pudesse uma só náu contel-as todas, e o piloto fosse eu!

GUSTAVO — Palpita-me que o tio Jacinto se haveria de vêr um tanto embaraçado, e que nessa emergencia seria prudente ceder-me o seu lugar.

JACINTO — Achas-me então com cara de tolo?!

GUSTAVO — Não senhor. De muito respeito!

JACINTO — Olha, uma das primeiras que eu obrigaria a entrar para a dita náu, sabes quem haveria de ser?!

GUSTAVO — Ti'Angela. Está claro.

JACINTO — Qual ti'Angela, qual ti'Angela! Essa, coitada, eu não a arriscaria aos perigos de uma viagem tão tumultuosa!... Seria... ora imagina quem?! (*A um gesto de ignorancia de GUSTAVO*) A mulher do capitão Elias, homem! Uma flor! Uma flor rubicunda, de aroma capitoso e que está mesmo a dizer: colhe-me! (*confidencial*) Só te digo que saíste ao teu tio no saber escolher... (*GUSTAVO franze as sobrancelhas, sacudindo a cinza do charuto, sem responder*) Todo o mundo por aí já sabe dos teus amores com ela... e aprova o teu bom gosto... Ela é loira como o sol e eu adoro as loiras; como aliás adoro as morenas...  
*Me gustan todas...*

GUSTAVO — Isso é uma calunia. Não lhe dê

ouvidos. E sobretudo que ti'Angela não saiba (*pausa*). Sempre incansavel, a ti'Angela! Hoje está num dos seus dias de *verve*.

JACINTO — Mataria os taquigrafos, se fosse deputado, a tua tia... mas descança que não lhe direi nada a respeito dos teus amores com a mulher do capitão Elias!

(*Entram FAUSTO e CARDOSO pela D. B. CARDOSO conserva-se a uma distancia respeitosa, com uma pasta de papeis na mão*) — Psiu!

FAUSTO (*para GUSTAVO*) — Ora, ainda bem que te encontro em casa. Estava com medo que já tivesses saído. Vida fidalga, não há duvida!

GUSTAVO — Deitei-me hontem muito tarde... Como vais?

FAUSTO (*já voltado para VIEIRA*) — Magnificamente. E o meu caro Sr. Jacinto Vieira?

JACINTO — Na maré da enchente.

FAUSTO — Bôa fortuna?

JACINTO — Não é má. Ganhei hontem tres contos aqui ao Gustavo.

GUSTAVO (*para FAUSTO*) — Precisas falar-me?... Para quê?

FAUSTO — Depois. (*Para JACINTO*) Tanto melhor. Fica tudo em familia...

JACINTO — Pois, Fausto amigo, alegre-me em vê-lo, mesmo porque tenho uma pergunta a fazer-lhe sobre um certo negocio... (*puxa-o para um canto ao F.*)

FAUSTO — Sempre o vil interesse! o negocio! o negocio! Vamos lá!

GUSTAVO (*Fazendo sinal a CARDOSO para se aproximar*) — Bons dias! que temos?... os homens foram?

CARDOSO — Sim, senhor, e deram-me os papeis que trago aqui na pasta.

GUSTAVO — Concluiu a planta da Escola?

CARDOSO — Conclui.

GUSTAVO — Fez a alteração recomendada?

CARDOSO — Fiz. Levei hoje também á Secretaria o orçamento, conforme o senhor determinou. Acharam tudo muito razoavel e prometeram mandar hoje mesmo a resposta. O predio para...

GUSTAVO (*interrompendo-o, e mais baixo*) — Sabe se a senhora do capitão Elias me procurou no escritorio?

CARDOSO — Não sei.

GUSTAVO — Indagou se haveria por lá alguma carta para mim?

CARDOSO — Não havia nenhuma carta.

GUSTAVO — É exquisito! (*alto*) Bem. Sente-se e espere uns momentos, até que eu o possa atender. (CARDOSO *vai sentar-se humildemente a um canto*. GUSTAVO, *mudando de tom e dirigindo-se a JACINTO e a FAUSTO*) Há conspiração por aí? Trata-se de fazer ir pelos ares o palacio do Catete ou estarão a tramar alguma conquista mais perturbadora?

JACINTO — Tratamos de conquistar... o Banco da Republica!

GUSTAVO — Nesse caso vamos ao chá!

FAUSTO — Que eu não tomo.

JACINTO — Nem eu.

GUSTAVO — Tomarão café, ou cerveja, ou licôr, ou cognac... O tio ainda não me arruinou completamente. E quando o tiver feito, já se sabe: irei morar com ele! (*Saem rindo e falando E. B., sem olhar para CARDOSO. Continuam discutindo dentro*).

## SCENA V

## CARDOSO e ILDA

(CARDOSO está só; sentado no mesmo canto; depois entra ILDA, que vindo da E. B. vai direita ao terraço do F. espreitar, e quando volta, com ar apreensivo, vê CARDOSO).

ILDA (*com espanto*),— Sr. Cardoso! Eu não sabia que o senhor estava aqui! Porque não entrou com os outros para tomar chá?

CARDOSO (*vexado e modesto*) — Oh, minha senhora... eu estou muito bem...

ILDA — Talvez prefira café?

CARDOSO — Nada, minha senhora.. eu já falei com o Sr. doutor... não se incomode...

ILDA (*com bondade e delicadeza*) — Isso não é razão para que não participe do nosso *lunch*... mas já que não quer ir á sala de jantar, tenha a bondade de esperar um momento... (*sai e logo depois traz uma canequinha de café e um prato de biscoitos.* CARDOSO *tem um gesto de surpresa*) Aqui estará mais á vontade. Aqueles senhores fazem um barulho... muito discutem os homens!... Estes biscoitos foram feitos por minha mãe; verá como são gostosos... Não faça cerimonia... quer mais assucar?... Não está frio, o café?...

CARDOSO (*comovido*) — Oh, minha senhora, que trabalho... que amabilidade!... quem sou eu!...

(Ela sorri, sai de novo E. B. ele fica tomando o café. Acabado, vai depôr tudo sobre um gueridon e volta para a mesma cadeira).

## SCENA VI

O mesmo, D. ANGELA, D. ELVIRA, D. ILDA;  
depois FAUSTO, JACINTO, GUSTAVO  
e JUDITH

D. ANGELA (*entra sem vêr CARDOSO*) — Pois, D. Elvira, se a senhora quer ir á cidade fazer as suas compras, aproveite a nossa companhia. Afinal, por menos boa que ela seja, sempre é melhor do que andar sósinha. Uma senhora só, acredite no que eu lhe digo, corre sempre um certo perigo... Neste Rio de Janeiro há olhos para todas as idades!

D. ELVIRA (*protestando*) — Oh, D. Angela!

D. ANGELA — É assim mesmo; falo por experiencia propria. Nunca saio sósinha que não encontre alguém que me acompanhe nas minhas voltas! Que isto fique entre nós. Deus me livre que o Jacinto soubesse, ele é tão ciumento!... Ainda hontem, descia eu pela Avenida, lado impar, quando percebi um rapazinho todo *chic* de monoculo, que me ia seguindo .. toc, toc, toc, atraz de mim! Apressei-me. Ele tambem. Imagine! Muito vexada, embarafustei pela primeira loja que vi, observando ao mesmo tempo que o mocinho do monoculo estacara na rua, retorcendo o bigode e olhando impertinentemente para mim atravez da vitrine.. acredite, minha amiga, que o meu coração começou a saltar com tamanha veemencia, com tamanha furia, como se.. (CARDOSO *tosse para dar sinal de estar presente e* D. ANGELA

*estremece fortemente*) Que susto! (*reconhecendo CARDOSO*) Ah...

D. ELVIRA—Desculpe, Sr. Cardoso, mas não o tínhamos visto. Quer falar a meu genro?

CARDOSO (*Tendo-se levantado para cumprimentar as senhoras*) Ele já sabe que eu estou aqui.

(*Entram FAUSTO, JACINTO, GUSTAVO e ILDA*).

JACINTO—Angela, são horas!

D. ANGELA—Vamos. Então, D. Elvira?

FAUSTO (*para GUSTAVO*)—Não saias.

GUSTAVO—Há alguma novidade?

FAUSTO—Talvez...

D. ELVIRA (*para dentro*)—Judith! traga o meu chapéu e as minhas luvas, sim?

ILDA (*para D. ELVIRA, compondo-lhe o penteado*)—Não te esqueças da lista...

D. ANGELA (*aduladoramente*)—Como é bom ter-se uma filhinha assim!...

GUSTAVO (*para CARDOSO*)—O Sr. póde ir. Eu examinarei depois os papeis lá no escritório. Diga-me: não sabe também se o Sr. Manoel Ramires me procurou hontem á tarde?

(Ouvindo o nome de MANOEL RAMIRES tanto D. ELVIRA como ILDA voltam a cabeça curiosamente, anciosamente, para GUSTAVO. FAUSTO observa o movimento).

CARDOSO—Não, senhor... não esteve lá.

GUSTAVO (*entregando umas chaves a CARDOSO*)—É bom levar também as minhas chaves. Até logo.

(CARDOSO *cumprimenta e sai* D. B.).

ILDA (*com perturbação e interesse, para GUSTAVO*)— Não sais?!

JUDITH (*para D. ELVIRA*)— O chapéu e as luvas... (*entrega-lhè esses objectos*).

GUSTAVO (*secamente, para ILDA*)— Póde ser que sim... póde ser que não.

(*ILDA fica desapontada e nervosa*).

D. ELVIRA (*para JUDITH, mas olhando para ILDA e para GUSTAVO*)— Obrigada...

JACINTO (*Depois de ter acompanhado CARDOSO com a vista*)— Quem viu este Cardoso e quem o vê! Como o tempo passa e como a gente muda! Lembras-te, Angela?

D. ANGELA (*disfarçando*)— Sim... sim... lembro-me... coitado... pobre diabo!

JACINTO— Mais de uma vez jantou connosco em casa de teu pae, e nunca se apresentava sem te levar flores e flores caras... Definitivamente, a ordem deste mundo é a desordem!

D. ANGELA (*recriminando*)— Jacinto! olha que nós estamos esperando por ti! É sempre assim! Os homens dizem que as mulheres se demoram muito nas suas despedidas, mas a verdade é que somos nós que esperamos por eles! Adeus, Ilda..

(*JACINTO corre a tirar do cabide o chapéu, bengala, etc.*).

JACINTO— Pronto... pronto... pronto!... Adeus, meus amigos! (*Saem pelo fundo*).

ILDA— Adeus!

JACINTO (*volta da porta, para FAUSTO*)— Não se esqueça do meu pedido!

FAUSTO — Fique descansado. Farei tudo... para o não servir!

JACINTO (*rindo*) — Acredito, acredito!

(Sai. ILDA vai ao terraço onde se demora uns instantes vendo sair as visitas).

GUSTAVO (*para* FAUSTO) — Que me queres?

FAUSTO — Quero que me ouças com muita calma e a maior reflexão.

GUSTAVO — Fala.

FAUSTO (*indicando* ILDA *com a vista*) — O que tenho a dizer-te é particular... Será melhor irmos para o teu escritório...

GUSTAVO — O meu escritório está hoje em revolução. Mande-i-o empapelar de novo... O mais prudente é não nos darmos ares de misterio e conversar aqui... a Ilda está entretida a olhar para a rua... Aposto em como me vens tambem pregar moral a proposito da mulher do capitão Elias? (*ri-se*) Pois perderás o teu tempo... deliciosa!...

FAUSTO (*baixo*) — Sei. Não se trata da mulher do capitão Elias, mas da tua!

GUSTAVO (*com espanto*) — Hein?!

FAUSTO (*para* GUSTAVO *e depois para* ILDA) — Psit!... (*ILDA vem descendo do terraço*) Está um dia lindo! Não é assim?

ILDA — Lindo!... bom para um passeio no mar...

FAUSTO — E porque não o aproveita?

ILDA — Sósinha?

FAUSTO — Com o Gustavo.

GUSTAVO — Estás louco...

FAUSTO — Ou com sua mãe.

ILDA — Minha mãe gosta pouco de passear. Distrai-se tanto com a direcção da casa que não lhe chega o tempo para mais nada. Só sai a meu pedido para compras, ou qualquer maçada que me queira poupar... (*mudando de tom e com ar preocupado*) Que horas serão?

FAUSTO (*vendo o relógio*) — Tres e meia...

ILDA (*com ar de espanto*) — Já?

GUSTAVO (*secamente*) — Esperas quem?

ILDA (*sobresaltada*) — Eu?

GUSTAVO (*impaciente*) — Não. A Judith ou a cozinheira! (*olhar melindrado de ILDA*) Agora me lembro que deixei a carteira no quarto de *toilette*. Poderás mandar buscá-la?

ILDA — Vou eu mesma... (*Sai desconfiada*).

## SCENA VII

Os mesmos, menos ILDA. Depois JUDITH

FAUSTO — Tu não te esqueceste da carteira lá em cima...

GUSTAVO — Não; tenho-a aqui. Fala depressa!

FAUSTO — Dá ao menos tempo a que tua mulher se afaste...

GUSTAVO (*vai á porta e olha; depois volta*) — Já não nos poderá ouvir. Julgas que ela desconfie de alguma coisa e que nos espreite?

FAUSTO — Não.

GUSTAVO—Então avia-te. Pões-me nervoso! Estás hoje com uma cara tão exquisita!...

FAUSTO—Acalma-te primeiro e escuta-me com serenidade, tu és arrebatado e com tais temperamentos a gente não sabe como se há de haver...

GUSTAVO—Nesse caso, é grave o que tens a dizer-me?

FAUSTO—Não; trata-se de uma aleivosia de que precisas ter conhecimento. Afirmando-te que não há nada de positivo e que se de tal eu desconfiasse não seria a ti que eu viria falar, mas a D. Elvira ou á tua propria mulher, com o direito que me dá a nossa grande amizade...

GUSTAVO (*impaciente*)—Como perdes tempo! como és prolixo! o facto! o facto!

FAUSTO—O facto é este: Diz-se por aí que o Manoel Ramires está apaixonado pela tua mulher... e...

GUSTAVO (*impetuoso*)—E... acaba, acaba!

FAUSTO—É que ela não recebe com indiferença as suas homenagens...

GUSTAVO (*com assombro*)—Oh!... É mentira...

FAUSTO—Sim, é mentira, e é por isso que me dirijo a ti, para combinar um meio de arredar Ilda quanto antes, e sem que ela perceba a razão de tal afastamento, deste meio de maledicencia e de perversidade.

GUSTAVO—Com o Manuel Ramires, dizes tu? Eu não entendi bem. Repete palavra por palavra.

FAUSTO—Adeus, adeus! tu não me entendes!

GUSTAVO — Entendo, entendo... Quem foi que te disse, quem foi?... Responde! Essas coisas não vêm assopradas pela boca da noite ou do inferno. Quem foi?... Quem os viu juntos? Onde? Quando?... Mas tu não dizes nada!

FAUSTO — Porque perdes o tino — e nesse caso ficarei mudo como um peixe... Escuta...

GUSTAVO — Mas...

FAUSTO (*com força*) — Escuta! Não consinto que paire sobre a honestidade de Ilda nem a sombra de uma duvida. Vim defendel-a, não a vim acusar. (GUSTAVO *agita-se sem ouvir*). Sabes o que é o Rio de Janeiro, sabes o que são as más linguas, sempre desejosas de macularem o que vêm exactamente de mais belo e de mais puro deante de si... Estás farto de saber a ligeireza com que se fazem e desfazem reputações nesta terra e não consentes ao menos em ponderar a verdade do que te digo?

GUSTAVO (*desesperado*) — Mas se o que tu me dizes é horrivel!

FAUSTO — Que te disse eu?

GUSTAVO — Que minha mulher tem um amante!

FAUSTO — Não! isso seria uma vilania, uma baixeza de que eu não admito que me julgues capaz. Estás doido!

GUSTAVO — Estou...

FAUSTO — Não te falei senão no boato de uma paixão, que, se existisse, poderia muito bem ser respeitosa...

GUSTAVO (*com ironia*) — Oh!

FAUSTO — Mas que não existe. O que eu te vim dizer é que tua mulher é caluniada pelos que

a invejam e que deves defendel-a, poupando-lhe, comtudo, a dôr de conhêcer a verdade humilhante. Foi para isto que eu vim. É só isto que deves compreender. Só. Só!

GUSTAVO (*dolorosamente*) — Mas como? ... mas como? ... compreender o quê? Defender o quê? Contra esse fantasma — Diz-se — que vale toda a minha energia e toda a minha vontade?

FAUSTO — Não é preciso combater fantasmas; basta raciocinar. Vou-te lembrar uma coisa bem simples: manda tua mulher passar um mez ou dois na fazenda de teu pai e isso quanto antes, hoje mesmo, se puder ser... O que é preciso é inventar um pretexto para essa viagem, de modo que Ilda mesmo ignore o seu verdadeiro motivo.

GUSTAVO — Com o Manoel Ramires! É impossível.

FAUSTO — Certamente que é impossível. Tanto mais que o Ramires activa os preparativos da sua ida para a Europa. Toda a gente de bom senso está percebendo a falsidade do boato!

GUSTAVO — Falsidade... falsidade! Como se podem inventar coisas destas...

FAUSTO — Como se inventam tantas outras. Às vezes um sorriso sem intenção, um olhar mais demorado, um voltar de cabeça, qualquer gesto inocente ou impensado, fazem crêr, aos que estão sempre á espreita de uma novidade maliciosa, na existencia de um crime em que jamais se pensou.

GUSTAVO — Não há fumo sem fogo...

FAUSTO — Há farrapos de nuvens que nos dão muitas vezes a ilusão do fumo; mas tudo isso são palavras. O que há de positivo é que Ramires conseguiu uma comissão para Berlim. Fixa bem

esta circumstancia e respira. Um homem apaixonado nunca pensa em fugir da mulher a quem ama...

GUSTAVO—Mas pensa em fugir com ela! (*olham-se com espanto*) Ah! deve ser isso! é isso! é isso! (*passa agitado*).

JUDITH (*Entrando pela mesma porta por onde saiu Ilda*)—A senhora mandou dizer que a carteira não está lá em cima... (*observa a agitação de Gustavo*).

GUSTAVO (*muito nervoso*)—Já sei! Já sei! Vá-se embora. (*Judith sai depois de olhar para os dois amigos*).

FAUSTO—Estás doido. Socega!

GUSTAVO—Socega! Socega! Vens amordaçar-me e dizes-me: respira! Excelente conselho! Oh! a minha vida, a minha vida!...

FAUSTO—Não faças arrepender-me do meu acto; compreende as minhas intenções, por amor de Deus!... (*pausa*) Vem daí comigo inventar um motivo para a partida de Ilda hoje mesmo para a casa de teu pai. Anda! Voltarás já.

GUSTAVO—Ela não quererá ir...

FAUSTO—Irá. Ilda é a mais cordata e a melhor das mulheres. Tu é que não a comprehendes!

GUSTAVO—Agora é que me dizes isso!

FAUSTO—Agora e sempre. O que precisamos é arranjar um pretexto para a viagem; um pretexto natural... simples... que há de ser? Pensaremos isso em caminho... o ar livre far-te-há bem. Tenho o automovel á espera: levas-me á cidade e voltas para casa imediatamente, para que Ilda tenha tempo de arranjar a mala e dispôr do

que entender. É o melhor alvitre. Dentro de vinte minutos estará tudo arranjado.

GUSTAVO (*sempre agitado*)— Oh, a hipocrisia... a hipocrisia!

FAUSTO— Deixa-te de exclamações. Quando tua mulher regressar de Minas já o Ramires navegará em alto mar e as boas linguas cariocas estarão entretidas com outro caso qualquer... não lhes falta assunto para essa especie de distracção.

GUSTAVO— Tudo isso são puerilidades. Eles amam-se; acabou-se! Que vergonha!

FAUSTO— Deixa-te de tragedias, e se encontrares o Ramires não lhe faças má cara. É bom dar a apparencia de que tudo na vida marcha por si... Vamos. Tenho o automovel á espera, já disse. Não me arruines.

GUSTAVO— Todo o mundo fala nisso, dizes tu?!

FAUSTO— Eu não disse tal e não ofendas tua mulher com ciumadas injustas. (*Vai ao cabide buscar o seu chapéu e o de GUSTAVO*) Põe o teu chapéu e vai telegrafar a teu pai. Que olhar!... Vamos! Depois trabalharei pela tua regeneração, porque tu, sim, é que andas muito transviado com essa tal senhora do capitão Elias! (*gesto de aborrecimento de GUSTAVO*) Ilda já naturalmente sabe de tudo (*GUSTAVO levanta os hombros*) Não te importas? Fazes mal... (*pausa*) Que procuras por todos os cantos da casa? (*pausa*) A bengala?... deixa lá a bengala, vais e voltarás de automovel... (*Vendo que GUSTAVO se dispõe a sair*) Então não te despedes de tua mulher?!... Tem cuidado, é absolutamente indispensavel que ela ignore tudo...

GUSTAVO (*Que principia de novo a passear, já de chapéu na cabeça*)—Não sei porque, nem para quê!

FAUSTO—Um marido sensato deve fazer crêr a sua mulher que a julga sempre acima de qualquer suspeita. Alguns até se servem desse meio para estímulo da fidelidade das esposas...

GUSTAVO (*rindo com ironia*)—A minha talvez não precise de estímulo!

FAUSTO—Tenho disso a certeza. Dize-lhe adeus e vamo-nos embora!

GUSTAVO (*aproximando-se da porta E. B.*)—Até logo! (*Sai pelo F com arrebatamento*).

## SCENA VIII

ILDA, ANTENOR e JUDITH

ILDA (*de dentro, de longe*)—Até logo... (*A scena fica vazia por pouco tempo. Entra ILDA, E. B., vai direita ao terraço, onde se demora pouco, desce depois com ar perturbado á D. B. e clama alto para fóra*)—Antenor!... Antenor! (*Volta ao centro da scena, senta-se a uma mesa e escreve um bilhete*).

ANTENOR (*entrando D. B.*)—Minha senhora?

ILDA (*sem levantar os olhos da escrita*)—Já se preparou para sair?

ANTENOR—Já, sim, minha senhora...

ILDA (*dobrando o bilhete*)—Bem. Nesse caso, leve este bilhete á minha costureira.

ANTENOR—A Madama do numero 57.º.

ILDA — Essa mesma. Se o vestido ainda não estiver pronto, você poderá esperar por ele até às cinco horas. . .

ANTENOR — Sim, senhora. . .

ILDA (*impaciente*) — Mas vá já! (ANTENOR sai. ILDA vai ao espelho. . . empôa-se com o pom-pom de pó de arroz) — Judith! Oh! Judith! . . . você ainda não está pronta? . . . que moleza!

JUDITH (*Entra abotoando o cinto. ILDA procura ajudal-a febrilmente*) — A senhora fica sózinha?

ILDA (*apressada*) — E a cozinheira, não se conta?! . . . Está muito bem. Póde ir. Não se esqueça do meu recado para D. Sofia; se quiser depois dar um giro, aproveite. Basta que volte às cinco horas ou cinco e meia. . .

JUDITH — Muito obrigada. . . (Sai D. B.) Então, até logo!

ILDA (*vendo-se só*) — Ah! . . . (*Suspiro de alívio; passeia, vai de novo ao espelho. Senta-se depois. Tem o ar alterado, o ouvido á escuta. De repente estremece e levanta-se de chôfre, voltando-se para o fundo. Vê-se através dos vidros chegar MANOEL RAMIRES*).

## SCENA IX

### ILDA e MANOEL RAMIRES

ILDA — Vejo que recebeu a minha carta. E eu tinha tanto medo de que o senhor não viesse!

RAMIRES — Vacilei. . .

ILDA — Vacilou !

RAMIRES (*com serenidade e tristeza*) — Compreenda-me: uma visita nestas condições pôde fazer julgar uma intimidade que a senhora nunca me concederia... Creia que ao desejo de estar a seu lado tenho oposto até aqui toda a minha energia, para a não comprometer... mas desta vez, como vê, a minha energia falhou, e eu vim...

ILDA — Por delicadeza..

RAMIRES — Para arrepende-me depois...

ILDA — Não se pôde ser mais sincero...

RAMIRES (*Ao principio com dignidade, com perturbação depois*) — Não. Não se pôde ser mais sincero. (*Olha um momento sem falar*) Eu não lhe deveria ter dito nada, e nem precisaria falar para que a senhora adivinhasse o sentimento que me inspirou desde o primeiro dia em que fomos apresentados um ao outro por seu marido — lembra-se? — até aquele em que desvairadamente eu lhe disse que a... (*contendo-se a custo*) eu lhe disse tudo !

ILDA (*com tristeza e ironia*) — E arrepende-se também de o ter dito ? !

RAMIRES (*com muita amargura, estendendo a palavra*) — Infinitamente !

ILDA — Mas se essa confissão fez a minha felicidade ?

RAMIRES (*com tristeza*) — Fez a nossa desgraça.

ILDA (*com espanto ingenuo*) — Não lhe bastará então saber que o amo, para se sentir feliz ?

RAMIRES — Não. Encarcerando o meu amor no silencio, revesti-o-ia de tamanha dignidade, que ele acabaria por dominar todos os meus ins-

tinctos... assim, sabendo que me ama também, o meu amor é mais impaciente, mais exigente, mais terrível!

ILDA (*como para si*) — Não entendo...

RAMIRES (*aquecendo de tom*) — Entende, porque no som alterado da sua voz e através da palidez das suas faces bem sinto que a sua paixão reclama o mesmo que a minha!... (ILDA *vae aproximar-se dele, ele afasta-se e mantêm-se sempre um pouco distante um do outro. ILDA esconde o rosto entre as mãos*) O meu desejo, Ilda, é estar a seu lado, não só numa curta hora roubada e fugitiva como esta, mas toda a vida, toda a vida! porque eu nunca amei assim e nunca supuz que uma mulher pudesse dominar tão profundamente, tão exclusivamente o espírito de um homem, como a senhora dominou o meu!... De olhos abertos ou fechados, creia, eu vejo-a sempre, toda de côr de rosa, como no primeiro dia em que a vi; rosas nas mãos, rosas no chapéu, como uma aurora!...

ILDA (*tem retirado as mãos do rosto e sorri, extatica*) — Se eu pudesse eternizar este instante!...

RAMIRES (*num impulso*) — Ilda!... (ILDA *volta-se interrogativamente, ele domina-se e recua*) Nada...

ILDA — Espere... (*Vai ao fundo, fecha o postigo de vidro e volta*) Estamos sós... Como eu anciava por este momento de o vê... de o vê... e de o ouvir sem testemunhas! Fale!

RAMIRES — Mas eu já falei de mais, Ilda!... (*com delicadeza, mas censura*) A senhora não devia ter fechado aquela porta..

ILDA (*arrefecendo*) — Nem deveria ter-lhe pe-

dido que viesse a minha casa, sei-o bem; (*mudando de tom*) mas não pude mais! Disseram-me que o senhor parte para a Europa dentro de poucos dias... quiz vê-lo antes da separação. Fiz mal, percebo que fiz mal; que quer? não tive forças para resistir... sou muito infeliz...

RAMIRES — É preciso ser forte...

ILDA — Escute. Recebendo-o nesta sala, a mais indiscreta de toda a minha casa, provo que não tive na idéa senão vê-lo como a um amigo, um grande amigo a quem queria confiar o meu coração dorido e castigado... e dizer-lhe o que não posso dizer a mais ninguém!...

RAMIRES (*com energia e tristeza*) — A mais ninguém!...

ILDA — Há uma pessoa, entretanto, que adivinha tudo... que ainda hoje, neste lugar, recriminou a mudança do meu genio... da minha voz... do meu carinho... do meu modo de pensar...

RAMIRES — Seu marido!?

ILDA (*imediatamente*) — Minha mãe!... Queixou-se de que a sua filha, ingenua e simples, desapareceu... para dar lugar a outra muito diferente... (*com tristeza*) Todos mudam na vida... só ela não mudou nunca! e eu tenho medo de minha mãe, Manoel, tenho mais medo dela do que de meu marido, porque me conhece melhor e é toda feita de virtude... Ele tem-me feito sofrer coisas que minha mãe ignora, ela sofreu horrivelmente para fazer-me feliz... Tem razão... vá-se embora... (*pausa — olham-se*) Não temos mais nada para nos dizer!... Foi tão pouco!...

RAMIRES — E é tanto!

ILDA — Adeus... e... para sempre?

RAMIRES — Parto ámanhã... para sempre...

ILDA (*apavorada*) — Nunca mais?!

RAMIRES — Nunca mais... (*Aproximam-se um do outro, em direcção á porta da D. B.*).

ILDA (*chorando*) — Como se fosse um adeus de morte?

RAMIRES (*com desespero*) — Como se fosse... Adeus!

(Vai sair, mas volta-se e encontra-se com ILDA num longo beijo de amor. Entretanto, GUSTAVO entra pelo F., forceja de fóra por abrir a porta, vendo a scena atravez dos vidros. RAMIRES sai pela D: B. sem vêr GUSTAVO. ILDA avança cambaleante para a porta por onde saiu RAMIRES, para o vêr ainda, quando GUSTAVO, que tem descido do F., a agarra por um braço, fal-a voltar-se e enterra-lhe no peito a lamina que traz na cava do colete).

GUSTAVO — Então era verdade! Era verdade!

ILDA (*debatendo-se*) — Gustavo!... Gustavo!... não... não... não!

(Cai sobre o divan. GUSTAVO sae empóz de RAMIRES; ouve-se ainda o rouquejar de ILDA por um momento; depois a scena fica silenciosa e D. ELVIRA entra pelo F., pousa na mesa uns embrulhinhos e tira o chapéu; voltando-se naturalmente vê ILDA sobre o divan; julga-a adormecida e vae até ela pé ante pé, ao principio sorridente depois com estranheza; apalpa-a, retira as mãos molhadas de sangue, sacode ILDA, compreendendo a verdade, quer gritar, mas não póde, de boca aberta; quer andar, e vacila).

CAI O PANO

Sala de visitas em casa do dr. GUSTAVO RIBAS, 14 mezes depois da acção do 2.º acto. Janela larga ao F. com reposteiro de correr; porta da entrada á E. A., outra porta á D. segundo plano. Piano, quadros, sofá com almofadas, etc. Há um retrato de ILDA suspenso na parede á E. Estão em scena JACINTO e D. ÂNGELA que dá retoques á arrumação da sala.

# RAZÃO E AMOR

POR ALBERTO NEPOMUCENO

First system of the musical score. It consists of a vocal line and a piano accompaniment. The vocal line begins with a fermata and the tempo marking *tem*. The piano accompaniment starts with a forte dynamic *f*. The lyrics "Razão e a" are written below the vocal line.

Second system of the musical score. The vocal line includes a triplet of eighth notes. The lyrics are "dor me jun-foi num mesmo berço de só... thos. E um ao outro não conhece porq". The piano accompaniment features a piano dynamic *p*.

Third system of the musical score. The vocal line has a *rit* marking followed by *a tempo*. The lyrics are "quando um abre os O... thos. e quando o outro dormece, Quando um abre os olhos é q'o". The piano accompaniment includes dynamics *col canto* and *sf*, and a *rit* marking.

Fourth system of the musical score. The vocal line has a *tr* marking. The lyrics are "ou tro adorme - ce". The piano accompaniment includes a piano dynamic *p* and a *a. tem.* marking.

## ACTO III

### SCENA I

JACINTO, D. ANGELA, depois CARDOSO

JACINTO (*voltando-se da janela onde está a olhar para a rua*) — Mandaste vir Champagne?

D. ANGELA (*afofando as almofadas do sofá*) — Mandei...

JACINTO — De onde?

D. ANGELA — Ali do armazem da esquina.

JACINTO — Em que conta?...

D. ANGELA — Na de Gustavo, está claro.

JACINTO — Fizeste bem. É isso mesmo. E o homem não disse nada?

D. ANGELA — Que homem?

JACINTO — Ora que homem! o do armazem. Fiou o Champagne assim, sem mais nem menos?

D. ANGELA — Ora essa! Pois então?

JACINTO — Admiravel terra a nossa! e ainda tu não te espantas...

D. ANGELA — Não sei porquê...

JACINTO — Não sabes porquê... Pois ainda bem um homem não saiu da cadeia (D. ANGELA *olha em roda a vêr se alguém os ouve*) depois dum ano de prisão e já os vendeiros põem ás suas

ordens, a prazo incerto, o que de mais caro e de mais fino teem na sua adega! Mas acredita, filha, que isso é fantastico!

D. ANGELA — Qual fantastico, qual nada. O Gustavo sempre foi um homem de bem e um excelente freguez da casa. Agora então que o seu futuro mais do que nunca está garantido é que o outro não haveria de ser tão tolo que lhe não fiasse as mercadorias... Do que eu tenho pena é de que a tola da Judith não tivesse querido ficar ao serviço aqui da casa. Esta criada nova não tem o mesmo desembaraço. Vê como está esta sala...

JACINTO — Não era só a Judith a cuidadosa... Lembra-te que a D. Elvira trabalhava incessantemente, que mesmo a Ilda, coitada, gostava de assear a sua casa e de enfeitá-la com flores. Apesar da satisfação de receber hoje o Gustavo e de sabel-o absolvido... acredita que sinto o coração maguado...

D. ANGELA (*com um suspiro*) — Isso há de passar, com o tempo...

JACINTO (*admirado*) — Então tu..

D. ANGELA — Eu, que hei de fazer?! O que passou, passou. Agora é pensar no futuro e procurar apagar da lembrança o que nos incomode... Afinal o Gustavo não é o primeiro marido que matou a mulher no Rio de Janeiro e que é absolvido! Há varios aí nas mesmas condições e muito considerados.

JACINTO (*com amargura*) — Ah, mas os outros...

D. ANGELA (*tristemente*) — Não servem de consolação.. Também não me sinto bem aqui... Estou mesmo morta por entregar a casa ao Gus-

tavo e ir-me embora. (*pausa*) Achas que devemos tirar dali o retrato da Ilda?

JACINTO — Devia-se ter pensado nisso mais cedo... ora adeus! ele que mande despendural-o amanhã se quizer... Fizeste bem em não alterar coisa nenhuma, na casa. Podias ter mandado pôr uns vasos de plantas ali na sala da entrada, perto da vidraça como costumavam fazer... (D. ANGELA *levanta os ombros*).

D. ANGELA — Não me lembrei nem tenho paciência para essas coisas...

JACINTO — É pena.

D. ANGELA — Será, mas agora é tarde para emendar-me... (*pausa*) Parece-me que entrou alguém... (*alto*) Quem é?

CARDOSO (E. A. *com uma pasta de papeis debaixo do braço*) — Sou eu, minha senhora. Bôa tarde.

D. ANGELA (*sem dar importancia*) — Bôa tarde. Queira sentar-se.

JACINTO (*indo apertar a mão a CARDOSO*) — Veio esperar meu sobrinho, não é assim? Não sabemos ao certo a que horas vem...

D. ANGELA (*atalhando*) — Não deve tardar.

CARDOSO — Quem sabe?

D. ANGELA — Sabemos nós. Veio para felicital-o, não?

CARDOSO — Não, minha senhora. Vim entregar-lhe os papeis que ficaram confiados á minha guarda, e nada mais.

D. ANGELA (*com surpresa e desdem*) — Ah...

CARDOSO (*repete, como falando para si*) — E nada mais... (D. ANGELA *vai arranjar as flores num console*).

JACINTO — Pois é assim Sr. Cardoso ; é como lhe digo. Agora é que o meu sobrinho vai ter trabalho e encomendas importantes. Se ele já era conhecido por meio mundo, depois de ter dado tanto que falar de si muito mais será, e não há de ter mãos a medir... (CARDOSO *ouve isto com espanto*) Todos sabem que ele é um rapaz muito preparado. Conheço mesmo algumas pessoas que estão só á sua espera para iniciarem empresas de responsabilidade e grandes negocios...

CARDOSO — São as inconsequencias do mundo...

D. ANGELA (*interrompendo a sua arrumação*) — Que diz ?!

JACINTO (*para D. ANGELA*) — Ele tem razão ; é isso mesmo Sr. Cardoso : — são as inconsequencias do mundo...

CARDOSO — Que é bem ingrato. (D. ANGELA *vai á janela*).

JACINTO — De acordo. Mas que havemos de fazer se nem eu, nem o senhor, nem ali a Angela, nem todos nós juntos podemos emendal-o, nem mesmo comprehendel-o? E se quer que lhe fale com franqueza, para mim o que o mundo ainda tem de melhor é essa propria inconsequencia, que lhe dá um movimento imprevisto de maré e serve de tabua de salvação a muitos naufragos... (*mais baixo*) que nos interessam...

CARDOSO — Mas que tambem afoga muitos inocentes...

JACINTO — Não há duvida.

D. ANGELA (*que tem voltado, e um pouco impaciente*) Digam o que quizerem: a justiça sempre aparece e no mundo há muita cousa boa...

Que há nele de melhor para o senhor, Sr. Cardoso? *(esta ultima frase é dita com ironia).*

CARDOSO *(olhando para D. ANGELA com intenção)* — O sonio.

D. ANGELA — Porque sofre de insonias, naturalmente?

CARDOSO — Não, minha senhora; porque ele é a tregua do pensamento e ao menos momentaneamente faz esquecer. .

JACINTO — Estou vendo que o senhor conserva ainda traços do pessimismo antigo, quando moço e elegante discutia á mesa do meu sogro os assuntos sociais da ocasião. . . Bom tempo!

CARDOSO — Porque passou.

D. ANGELA *(sorrindo para o seu traje pobre)* — Preferirá o de hoje?

CARDOSO — Prefiro o que há de vir.

JACINTO — Não se pode queixar quem ainda tem esperanças. *(CARDOSO sorri com ironia).*

D. ANGELA — É mais feliz do que eu, que já não tenho nenhuma. *(olhando para a porta)* Cá está o nosso Fausto.

## SCENA II

### Os mesmos e FAUSTO

FAUSTO — Corri a avisal-os de que seu sobrinho estará aqui dentro de pouco tempo. Abraçei-o há pouco; estava comovidissimo.

D. ANGELA — Pudera não!

JACINTO — Eu não tive coragem de ir vê-lo.

Soube de tudo pelo telefone. Diga-me você como se passaram as cousas...

FAUSTO (*para JACINTO*)—Do melhor modo. O dr. Rubem foi admiravel; demonstrou que o Gustavo delinuiu por um desvairamento de ocasião. Se não tivesse o pessimo habito dos nossos Estados do Sul, de andar sempre com a sua faquinha de ponta na cava do colete, não se teria dado o que se deu...

JACINTO (*vivamente*)—Oh, não! quem premedita essas coisas arma-se de revólver...

D. ANGELA (*aflita*)—Conheço os argumentos. Não é isso que eu quero ouvir...

FAUSTO (*para D. ANGELA*)—O Tribunal regorgitava de povo e ao saber-se a decisão do jury toda a sala retumbou numa salva de palmas. Foi como se uma onda magnetica nos tivesse envolvido a todos. Olhei então para ele: estava belo, palido, com os olhos iluminados por um fulgor de febre, de pé, olhando de face para a multidão que o aclamava. A meu lado um velho chorava e uma senhora acenava com o lenço...

CARDOSO (*com ironia*)—Ah, tambem estavam senhoras...

FAUSTO (*continuando*)—Toda a gente se precipitou depois para abraçal-o! (CARDOSO *olha para o retrato de ILDA e abana a cabeça com pena*) Emfim, foi uma apoteóse...

JACINTO—Eu preferiria que ele não tivesse de passar por essas glorias... mas emfim, foi o seu destino...

D. ANGELA (*olha repreensiva para JACINTO e voltando-se logo para FAUSTO*)—Porque não o trouxe imediatamente para casa, Fausto?

FAUSTO — Porque tinha ainda de obedecer a umas tantas formalidades. Foi ele quem me pediu que viesse avisal-os da sua chegada mesmo para lhes dizer que talvez venham na sua companhia alguns amigos e que será bom preparar-lhes aí qualquer cousa...

JACINTO — Já pensamos nisso. Temos tudo preparado. Venha cá dentro vêr... (*saem* JACINTO e FAUSTO E. A.)

### SCENA III

#### CARDOSO e D. ANGELA

D. ANGELA (*para* CARDOSO) — Esforcemo-nos para que meu sobrinho não tenha uma impressão triste ao entrar em casa.

CARDOSO — Não terá, porque há de vir sob a vibração dos aplausos..

D. ANGELA (*com ironia*) — Sim. E ele ficará muito agradecido de vêr que também o senhor junta os seus aos dos outros...

CARDOSO (*com simplicidade*) — Eu já tive a honra de lhe dizer há pouco, que não vim esperar seu sobrinho, mas entregar-lhe apenas os papeis que me confiou e de que tenho pressa de me vêr livre. Nada mais.

D. ANGELA — Quer dizer com isso que não se rejubila com a sua absolvição?

CARDOSO — Peço-lhe perdão, mas não de-sejo manifestar-me nesta circunstancia..

D. ANGELA — Receia ofender-me?

CARDOSO — Receio magual-a.

D. ANGELA (*ofendida*) — Entretanto não pode negar que a impensada da Ilda tivesse dado motivo ao acto do marido!

CARDOSO — Negaria se falasse a outra pessoa. Com V. Ex.<sup>a</sup> calo-me.

D. ANGELA — Porquê?!

CARDOSO — Por dois motivos, que eu não precisaria dizer, se a senhora quizesse adivinhar...

D. ANGELA (*provocando*) — O primeiro?

CARDOSO — O seu grau de parentesco com o dr. Gustavo...

D. ANGELA (*depois de hesitação*) — O segundo?..

CARDOSO (*depois de ter olhado com intenção para D. ANGELA*) Uma reminiscencia...

D. ANGELA (*arreatadamente*) — Oh, o senhor é bem pouco generoso em aludir a um facto de que tanto me arrependi e que afinal não passou de uma ilusão... Pelo menos da minha parte...

CARDOSO — Da minha também; mas isso não quer dizer que ele se não tivesse realizado...

D. ANGELA — A culpa não foi minha.

CARDOSO — Nem minha. Foi do luar.

D. ANGELA — Que idéa!

CARDOSO (*continuando*) — Estava uma noite linda, tão linda como nunca vi outra, e tanto que me ficou sempre na imaginação... O acaso deixou-nos sós numa varanda florida. A senhora teria então a mesma idade da pobre Ilda... trinta e tres anos.

D. ANGELA (*aborrecida*) — Mas que memoria o senhor tem!

CARDOSO — Notavel. Lembro-me como se fosse hontem. Os jasmineiros rescendiam... apro-

ximamo-nos um do outro, impelidos não sei porquê... pela nossa mocidade talvez...

D. ANGELA (*impaciente*)— Talvez!... mas pode vir gente!

CARDOSO — E se vier, que vê? Dois velhos a conversar. Não há nada mais inocente do que os velhos. São mais inocentes do que as crianças, creia. (D. ANGELA *quer fugir*) Ouça ainda! A senhora fixou nos meus olhos um olhar ardente, desses que fascinam como o abismo. Numa sensação de vertigem as nossas bocas então se aproximaram e se uniram no mais longo, no mais doce beijo de toda a minha vida!

D. ANGELA — Que idéa ridícula lembrar agora essas cousas!

CARDOSO — Quando seu marido voltou á varanda já nós estávamos separados. Um segundo antes e ele talvez lhe tivesse enterrado no coração uma arma assassina. Teria sido justo? Diga! Afinal a nossa culpa não passou de um beijo. Desse unico beijo, como a culpa da sua pobre sobrinha...

D. ANGELA — O dela era o primeiro. Quem pode imaginar quantos se lhe seguiriam?

CARDOSO — E quem poderia supor, que o nosso fosse o ultimo?...

D. ANGELA — Basta, Sr. Cardoso; para defender Ilda, que ninguem acusa neste momento, não é justo que desinterre do passado uma lembrança que me avilta. Afinal não fui eu que incitei meu sobrinho a fazer o que fez!

CARDOSO — Perdão; mas a mim parece-me que nos aplausos que tributam hoje ao assassino há uma tremenda injuria para a assassinada, que

está recebendo no tumulto maior acúsação do que a que sofreu com a morte. E eu desejaria que o seu coração a lastimasse..

D. ANGELA (*com irritação disfarçada*) — Nunca supuz que lhe tivesse tanta afeição...

CARDOSO — A afeição profunda, aquela que só pode sentir o homem que tendo sido rico, brilhante, rodeado, se vê inopinadamente pobre, humilhado, deslocado do seu meio num serviço subalterno, e para quem todos os antigos amigos olham de alto, com desdem, mal disfarçado em piedade, excepto uma pessoa, uma só, exactamente a mais encantadora e a que pela sua posição de patroa o poderia tratar com menor carinho ou menos atenção...

D. ANGELA (*procurando fugir á comoção*) — Ninguém desconhecia as qualidades de Ilda mas a verdade é que ela foi victima por um caso de honra...

CARDOSO — A honra lava-se. A vida não se refaz!

D. ANGELA (*como um eco*) — Sim... sim... a vida não se refaz... (*Entram JACINTO e FAUSTO E. A.*).

## SCENA IV

Os mesmos, JACINTO e FAUSTO

JACINTO — Não falta nada. (*para D. ANGELA*) Mandei pôr meia duzia de garrafas de cerveja na geladeira. Não achas que fiz bem? (*vai depois á janela do F e olha para a rua*).

D. ANGELA (*para JACINTO*)—Certamente...

FAUSTO—Pois sim senhores, visto que não precisam aqui de mim, vou-me embora.

D. ANGELA—Então não espera o Gustavo?...

FAUSTO—Não posso. Já os abracei e felicitei a todos. Agora a tarde é para a minha noiva... Até amanhã... (*Aperta a mão de ANGELA e faz um cumprimento de cabeça ao CARDOSO*) Sr. Cardoso...

JACINTO (*vindo do fundo com pressa*)—Deixem-me fugir, que aí vem a gente do Macedo com rolos de musica na mão!

D. ANGELA—Que Macedo?

JACINTO—As vizinhas dali defronte. Também não sei que idéa a tua de as convidar! (*FAUSTO aperta-lhe a mão*) Adeus Fausto!... (*FAUSTO sai E. A. e JACINTO sai D. B.*)

D. ANGELA—Eu não! eu não convidei ninguém!... Também não sei porque o Jacinto há de ter tanta implicancia pelas pobres moças, só porque elas gostam de tocar e de cantar... Eu então musica, até de realejo.. (*para CARDOSO*) O senhor não quer ir lá dentro tomar cerveja?...

CARDOSO (*tornando a meter-se na pele de humildade, de que tinha saído com irradiação*)—Não, minha senhora, muito obrigado. Estou bem..

D. ANGELA—Não faça cerimonia...

CARDOSO (*afirmando*)—Estou bem..

## SCENA V

Os mesmos, menos JACINTO e FAUSTO,  
mais D. EFIGENIA, MIMI, ZÉZÉ  
e OSCAR

D. ANGELA (*para CARDOSO*) — Á vontade.  
(*vai receber as visitas a meio caminho*).

D. EFIGENIA — Desculpe D. Angela não termos vindo mais cedo; mas há sempre tantas atrapalhões em casa...

D. ANGELA — Está desculpada...

D. EFIGENIA (*apresentando OSCAR*) — O Sr. Oscar Negreiros... (*cumprimentos*).

MIMI — A que horas deve chegar o doutor?

D. ANGELA — Não pode tardar...

ZÉZÉ (*com interesse*) — Estou morta por vê-lo! Ele ainda está de luto? (*pigarro de D. EFIGENIA, D. ANGELA disfarça*).

MIMI (*procurando remediar a gaffe da irmã*) — Provavelmente terá feito alguma diferença...

D. ANGELA (*contrafeita*) — Talvez...

D. EFIGENIA (*para D. ANGELA apontando o OSCAR*) — O Oscar fez um discursosinho muito bonito para pronunciar quando o dr. Gustavo entrar em casa... (*confidencialmente*) É um rapaz de muito talento, está ali está na Academia de Letras! (*Entretanto ZÉZÉ senta-se ao piano e toca uns dois compassos de valsa*) Ó Zézé?... Zézé?!... Prepara-te para tocar o hino. Não fica bem Oscar, a Zézé tocar o hino antes do seu discurso?

OSCAR (*com entusiasmo*) — Muito bem! pois

não... (D. ANGELA *consulta* CARDOSO *com um olhar e ele abana a cabeça negativamente*).

D. ANGELA — Não; o hino não. Afinal meu sobrinho não é o chefe do Estado...

OSCAR (*com espanto, para D. ANGELA*) — Supõe que isso o possa contrariar?!

D. ANGELA — Suponho... Tenho mesmo a certeza. (MIMI *que tem estado á janela, voltando-se com alvoroço*).

MIMI — Aí vem ele! (*agitam-se todos, só CARDOSO permanece imóvel*).

D. ANGELA (*comovida, e para si*) — Meu Deus...

D. EFIGENIA (*olhando em roda*) — E o senhor Vieira?...

MIMI (*que tem tornado a olhar para a rua, voltando-se*) — Não... não era o dr. Gustavo. Que pena!

OSCAR — Foi um rebate falso...

D. EFIGENIA (*voltando ao centro da scena*) — E diga-me minha amiga, que é feito da D. Elvira? (*as duas meninas e OSCAR ficam ao F., conversando*).

D. ANGELA — Recolheu-se a um asilo...

D. EFIGENIA — Ela tem meios para viver com independencia?

D. ANGELA — Poucos... mas como foi sempre muito orgulhosa, não quiz aceitar nenhum auxilio da nossa parte e arranjou um logar de inspectora num asilo ou não sei quê, que lhe permite viver a seu modo...

D. EFIGENIA — Tive pena dela...

D. ANGELA — Tambem eu...

D. EFIGENIA — Nem sei como resistiu.

D. ANGELA — A dôr não mata.

D. EFIGENIA — A quem a senhora o diz. (*pausa, suspiros*) E o Manoel Ramires ainda na Europa?

D. ANGELA (*contrafeita*) — Não sei...

D. EFIGENIA — Esse é que escapou por milagre! Eu posso dizer porque o vi de minha janela tomar o automovel e partir... Tambem, parece-me que foi a primeira vez que um automovel no Rio salvou a vida de alguem!...

D. ANGELA (*baixo*) — Tem mesmo a certeza de que o Ramires não viu meu sobrinho?

D. EFIGENIA — Plena! Ele nem sequer olhou para traz! (*mudando de tom*) Mas o que passou, passou e é melhor não aludir a tristezas... (*chamando para o F.*) Mimi?

MIMI — Que é?

D. EFIGENIA — Canta qualquer cousa para espantar os fantasmas... (*emendando-se*) as melancolias da casa.

MIMI (*para OSCAR*) — Que há de ser?...

OCTAVIO — «Razão e Amor!...» de Alberto Nepomuceno...

MIMI — Pois sim! Vamos Zézé?

ZÉZÉ — Pronto... (*vão para o piano*).

D. EFIGENIA (*para D. ANGELA*) — Não é por ser minha filha mas a Mimi é uma menina muito prendada. E bôa dona de casa então, nem imagina! A Zézé tambem não lhe fica atraz... (*ZÉZÉ preludia; pequena pausa*) Quem é aquele sujeito, que não tuge nem muge?

D. ANGELA — É um empregado do escritorio do meu sobrinho...

D. EFIGENIA — É muito espirituoso!

D. ANGELA — Realmente ele hoje adoptou a melhor maneira de ter espirito.

D. EFIGENIA — Permanecendo calado? (D. ANGELA *faz um sinal afirmativo*) Nesse caso um mudo deve fazer rir até as pedras. (MIMI *começa a cantar*<sup>1</sup>; CARDOSO *olha para tudo com tristeza* e D. ANGELA *mostra-se constrangida*. OSCAR *está embevecido* e D. EFIGENIA *radiante*; *acabada a musica, OSCAR aplaude com delirio*).

OSCAR — Bravo, bravo!

D. ANGELA (*apenas cortex*) — Muito bem.

D. EFIGENIA (*para D. ANGELA*) — Eu não lhe dizia?!

OSCAR (*alambicado no meio da scena*):

“Razão e Amor dormem juntos  
No mesmo berço de fólhos  
E um á outra não conhece,  
Porque, quando um abre os olhos,  
É quando a outra adormece...”

CARDOSO (*levanta-se e dirige-se a D. ANGELA*) — Peço perdão minha senhora... Voltarei daqui a alguns minutos.

D. ANGELA — Como quizer... Mas não prefere deixar já os papeis?

CARDOSO — Não minha senhora; materialmente eles não me pezam. Até já.

D. ANGELA — Até já. (*Sai CARDOSO*).

D. EFIGENIA (*que o tem acompanhado com a vista*) — A música espantou-o.

<sup>1</sup> O numero de musica que precede este acto.

OSCAR — Eu então passaria toda a minha vida a ouvir D. Mimi cantar, e D. Zézé tocar...

D. EFIGENIA — É que o senhor é um homem educado e de bom gosto...

D. ANGELA (*disfarçando a impaciência*) — Com certeza...

OSCAR (*desvanecidamente*) — Oh, muito obrigado...

## SCENA VI

Os mesmos, JACINTO, depois GUSTAVO,  
capitão ELIAS, RUBEM MACIEIRA,  
GENEROSO PIRES, etc.

D. EFIGENIA (*para OSCAR*) — Não tem que agradecer. É assim mesmo...

JACINTO (*irrompendo da D. B*) — Minhas senhoras...

OSCAR (*para D. EFIGENIA*) — É muito amavel...

JACINTO (*interrompendo o movimento que as senhoras esboçam para ir ao seu encontro*) — Não se incomodem! (*Passando por meio delas sem se deter*) Perdão, mas creio que o nosso homem chegou! (*baixo para D. ANGELA*) Não deverias tê-las deixado cantar. Que imprudência...

D. ANGELA — Foi impossível contê-las...

JACINTO (*entre dentes*) — Que mania... Bem! os automóveis estão á porta...

D. ANGELA (*comovida*) — Vae tu recebê-lo...

Eu não posso... (*apoiar-se a uma cadeira como se sentindo ameaçada por uma vertigem*).

JACINTO (*para todos*)—Com licença. Vou ao encontro do meu sobrinho. (*sai E. A.*)

MIMI (*organizando o grupo*)—Até que enfim! Preparemo-nos para o receber... Oscar!.. você fique daquele lado... assim! Agora minha mãe, a senhora para aqui..

D. EFIGENIA — Estou bem...

ZÉZÉ (*com impaciência*)—Não! venha para aqui! (*D. EFIGENIA obedece e vai colocar-se em pé perto das filhas, de face para a porta da entrada*).

OSCAR (*para D. EFIGENIA*)—Foi pena não se ter avisado um fotografo...

MIMI—E não termos trazido flôres, para lhe atirmos em cima!

ZÉZÉ (*maliciosa*)—Fica para a outra vez...

OSCAR — Eu...

D. EFIGENIA (*interrompendo-o*)—Silencio! (*Há um silencio comovido. Pausa. Entram E. A. DR. GUSTAVO, palido e sério, destacado dos amigos que vão entrando depois; cumprimenta as senhoras com um movimento de cabeça e vai abraçar D. ANGELA com um longo abraço. D. ANGELA chora. Ele vai depois apertar as mãos das senhoras e que se tem retraído, respeitosas e perplexas*).

JACINTO (*para D. ANGELA*)—Angela! tenho o prazer de te apresentar o sr. capitão Elias, que foi um dos primeiros amigos a felicitarem o nosso querido Gustavo!

CAPITÃO ELIAS—Como o verdadeiro exemplo do homem honrado e do amigo fiel. Depo-

nho aos pés de V. Ex.<sup>a</sup> as minhas homenagens, minha senhora, e peço licença para vir em breve reiterar-lhas em companhia de minha mulher...

MIMI (*para ZÉZÉ a meia voz*) — Isto agora é que foi muito engraçado..

ZÉZÉ (*baixo*) — Cala a boca, Mimi! (D. EFIGENIA *olha repreensivamente para as filhas*).

D. ANGELA (*enxugando os olhos*) — Obrigada. Com o maior gosto. Lembro-me de ter ouvido aludir ao nome do Sr. capitão Elias e ao da sua senhora, com a maior simpatia pelo meu sobrinho... (*sorrisinhos entre MIMI e ZÉZÉ*).

JACINTO (*precipitando-se para cortar a fala a D. ANGELA*) — O Sr. Generoso Pires, cavalheiro distinctissimo e desses corações que só se mostram nas horas difíceis.

GENEROSO — O Generoso agora não sou eu, minha Senhora, é ele. (*aponta JACINTO*) Rogo-lhe aceitar as minhas felicitações e os meus cumprimentos.

D. ANGELA — Muito obrigado.

ZÉZÉ (*atrás do leque da MIMI*) — Olha o Generoso a querer ter espirito! (GENEROSO *tem cumprimentado profundamente D. ANGELA e passado para o lado do CAPITÃO ELIAS com quem conversa*).

JACINTO (*apresentando RUBEM a D. ANGELA*) — Dr. Rubem Macieira, a quem o nosso Gustavo tanto deve.

D. ANGELA — A quem todos nós tanto devemos! (*aperta-lhe a mão com um movimento de simpatia*).

RUBEM — Oh, minha senhora, pelo amor de Deus!

MIMI (*para ZÉZÉ, a meia voz*) — Quem deve agradecer ao Rubem é a mulher do Capitão Elias...

ZÉZÉ — Cala a boca Mimi!

D. EFIGENIA (*para OSCAR, que já tem na mão o seu discurso*) — E o discurso?

OSCAR — Estou á espera da oportunidade.

GUSTAVO (*com esforço, depois de ter circulado a vista pelos circunstantes*) — Realmente, não sei como agradecer tantas gentilezas... (*rumor de vozes em protestos sussurrados*) e o conforto que me trazem nesta hora de perturbação... (*nervoso*) nesta hora...

JACINTO (*atalhando rapido*) — Em que necessitas de socego. Muito bem. (*voltando-se para os outros*) Então agora, meus senhores, que o dever de amizade e de cortezia está cumprido, rogolhes em nome de meu sobrinho o obsequio de aceitarem uma taça de champagne.

OSCAR (*para D. EFIGENIA*) — Farei o meu discurso á meza.

JACINTO (*convidando todos com um gesto a entrarem para o interior da casa*) — Minhas senhoras?... Sr. Generoso Pires?... Sr. Capitão Elias?...

D. EFIGENIA (*para OSCAR*) — Fale alto e devagar.

OSCAR — Fique descansada...

ZÉZÉ (*para JACINTO, com modo desembaraçado*) — Não me oferece o seu braço, Sr. Jacinto Vieira?

JACINTO — Braço e coração, minha senhora!

ZÉZÉ — Ah não! coração não quero... não gosto. (*ri alto dando-lhe o braço*).

RUBEM (*retendo GUSTAVO que se dirige*

*para dar o braço a D. EFIGENIA*)—Um momento! *(Entretanto vão saindo todos pela E. A.; MIMI deixa-se ficar para o fim e ao sair volta a cabeça para GUSTAVO e contempla-o demoradamente; sorri e sai; GUSTAVO tem olhar de estranheza).*

GUSTAVO *(para RUBEM)*—Quantos quizer, doutor.

## SCENA VIII

GUSTAVO, RUBEM, JACINTO, PALMIRA,  
OSCAR (dentro), D. ANGELA

RUBEM *(sorrindo depois de ter seguido MIMI com o olhar)*—Começou cedo... *(para GUSTAVO)* Não percebeu?

GUSTAVO—Pareceu-me um desafio...

RUBEM—É bom ter cuidado. Estas meninas, embora muito musicais, são de uma afoitesa perigosa. Têm mesmo um certo prazer em provocar o perigo. Falo-lhe assim porque estou informado de que não são relações antigas...

GUSTAVO *(com ar cançado)*—Não. Simples cumprimentos de vizinhança e nada mais. É a primeira vez que as vejo em minha casa. Lembro-me que antigamente fizeram as suas investidas aqui para a porta mas encontraram resistencia e vóltaram para traz... Conhece-as?

RUBEM—Conheço-as.

GUSTAVO—O pae parecia-me um homem sério.

RUBEM—A mãe também não ri muito. Em todo o caso permite ás filhas umas maneiras quasi escandalosas.

JACINTO (*pondo a cabeça pela porta E. A.*)  
— Gustavo! há lá dentro um discurso engatilhado á tua espera. (*para RUBEM*) Desculpe doutor!

RUBEM (*para GUSTAVO*)— Foi exactamente para o livrar desse discurso que eu o retive aqui, meu amigo.

GUSTAVO (*para RUBEM*)— Obrigado. (*para JACINTO*) Tenha paciencia, meu tio, mas invente um pretexto para desculpar-me e faça as minhas vezes á meza. O senhor compreendeu-me tão bem ainda agora!

JACINTO — Mas isso é o diabo...

GUSTAVO — Antes de tudo, veja se evita o discurso...

JACINTO — Não parecerá mal?...

GUSTAVO — Não. E que pareça. (*Ouve-se o som confuso da voz de OSCAR de que se destacam de vez em quando algumas palavras*).

OSCAR (*dentro*) — Meus senhores..... O lar..... Cesar dizia..... o amor.....

JACINTO — Já não é possível evitar o discurso. O homem não teve paciencia de esperar e estourou!

GUSTAVO (*impaciente*)— Agradeça-lhe e a todos os mais em meu nome; continue a agradecer e a desculpar-me...

JACINTO — Não tenho geito para essas coisas...

RUBEM — Ora, Sr. Vieira!

OSCAR (*dentro*) — Character puro..... integridade..... nobreza de senti.....

GUSTAVO (*para JACINTO*)— Mas pelo amor de Deus! feche essa porta! (*JACINTO sai fechando a porta, desaparece a voz de OSCAR*).

OSCAR (*dentro*)—Na antiga Ro... ..

RUBEM—Esta gente não sabe ser discreta.

GUSTAVO—Não sabe. (*Passa agitadamente e vai tocar no botão da campainha*) É mais um serviço que lhe fico devendo. Um bom serviço.

RUBEM—Não exagere as coisas.

GUSTAVO—Não exagero. O ridículo é como um cão danado, onde ferra o dente deixa um vírus mortal. Amanhã todo o Rio comentaria com escarneo a minha atitude de taça na mão em frente do orador idiota... Assim mesmo sabe Deus o que se dirá!...

RUBEM—Não se dirá nada que o melindre, pode ficar descansado.

PALMIRA (*entrando pela D.*)—O senhor chamou? (GUSTAVO *olha para ela com surpresa, não a reconhecendo*).

GUSTAVO—A Judith... onde está a Judith?

PALMIRA (*perplexa*)—Judith?...

GUSTAVO—Sim. A minha criada.

PALMIRA—É que...

GUSTAVO—Acabe!

PALMIRA—A criada de V. Ex.<sup>a</sup> agora sou eu, Palmira.

GUSTAVO—Desde quando? (*interrompendo o que ela vai dizer*) Não quero saber. Não preciso saber... Diga ao jardineiro que venha falar-me.

PALMIRA—Jardineiro?...

GUSTAVO (*irritado*)—Então?!

PALMIRA—É que o homem que trabalha aqui aos dias, não veio hoje...

GUSTAVO—Mau!... então o jardineiro não é o Antenor?!

PALMIRA — Não senhor, é o Manoel.

GUSTAVO (*estremecendo ao nome de MANOEL e com odio*) — Manoel!... (*disfarçando e com impaciencia*) Nesse caso quem tem tomado conta da minha casa durante... (*nervosamente*) durante estes ultimos tempos?!

PALMIRA — Ouvi dizer que os criados antigos saíram todos daqui no proprio dia do enterro da senhora...

GUSTAVO (*furioso*) — Quem lhe perguntou por isso, hein?! quem lhe perguntou?!... Retire-se! (PALMIRA *sai vexada*).

RUBEM — Não se irrite, meu amigo. Na verdade D. Angela deveria tel-o prevenido dessas nudanças. Naturalmente foi a invasão de amigos e de vizinhos hoje aqui, o que a atrapalhou. Isso nito tem importancia. O que é preciso agora é ter coragem e encarar a vida nova com desassombro.

D. ANGELA (*já de chapéu, calçando as luvas e com ar de queixa e de repreensão*) — Muito bonito, Gustavo! então você não vai lá dentro nem ao menos para agradecer ás senhoras e despedir-se dos seus amigos?

RUBEM (*sorrindo*) — Já acabou o discurso? (GUSTAVO *sai D. A.*).

D. ANGELA — Agora mesmo.

RUBEM — Teve ao menos a vantagem de ser curto.

D. ANGELA — Porque meu marido interveio, pedindo ao orador que abreviasse.

RUBEM — Que me diz!...

D. ANGELA — A verdade. Do contrario ainda estarianos longe do fim, aguentando a estopada. Ó que nenino palavroso! Eu já percebi tudo. Ele

está de namoro com uma das Macedos é D. Efigenia tem a intenção de pôr o seu futuro genro sob a imediata protecção do meu sobrinho... Tudo é tactica hoje na vida... tudo!

RUBEM — A senhora é de uma perspicacia admiravel! Realmente não há nada que eu tanto inveje ás mulheres como a intuição. Deve ser isso mesmo: namoro da menina... protecção da mãe que se quer vêr livre de responsabilidades... interesse do rapaz... e aproveitamento da primeira circumstancia favoravel para aproximações interessantes... (*mudando de tom*) Agora outra cousa: a senhora esqueceu-se de prevenir seu sobrinho de certas alterações domesticas, de modo que ele ficou um pouco surpreendido com a mudança que houve aqui de criados...

D. ANGELA — Ora, ora! será o primeiro dor de casa a quem isso acontece! Ele deve saber que hoje em dia os criados não entram em casa os patrões senão para sairem. Na minha é um saírem. Só hontem tive tres copeiras diferentes: uma que me serviu o almoço, outra o jantar, outra o chá! Em compensação hoje estou sem nenhuma. (*Entra CARDOSO com a pasta, E. A.*) E muitas vezes, por falta de quem me sirva, vejo-me obrigada a ir comer a um restaurante. Tem graça a ingenuidade do Gustavo de esperar encontrar ainda aqui a Judith e o Antenor! (*ri-se*).

RUBEM — Os homens não estão a par dessas coisas...

JACINTO (*da porta*) — Então, Angela, vamos ou não vamos?

D. ANGELA — Vamos. Adeus doutor!.. obrigado mais uma vez!

RUBEM — Eu a acompanho. (D. ANGELA, *voltando-se, vê CARDOSO*).

D. ANGELA — Ah! chegou a proposito para falar de negocios. Deixamos meu sobrinho só; entretanto lembre-se de que ele deve estar fadado pelas comoções deste dia... olhe, ele aí está... (*aponta GUSTAVO que entra*).

GUSTAVO (*para D. ANGELA e para RUBEM*) — Então já?!

D. ANGELA — E já não é sem tempo. Adeus. Tens todas as tuas comodidades prevenidas. Espero que amanhã vás almoçar conosco. (*Cumprimendo secamente CARDOSO*) Sr. Cardoso... (*Sae*).

RUBEM (*para GUSTAVO*) — Até amanhã ás duas horas no meu escritório.

GUSTAVO — Sem falta. (*RUBEM sae*).

## SCENA IX

### GUSTAVO e CARDOSO

GUSTAVO (*está agora com ar jovial; voltando da porta onde foi acompanhar D. ANGELA e RUBEM estende a mão francamente a CARDOSO, este disfarça segurando o chapéu e a pasta e cumprimenta GUSTAVO com um simples movimento de cabeça: GUSTAVO compreende, desmancha o gesto com constrangimento, depois sacudidamente*) — Vejo que o senhor não veio propriamente para cumprimentar-me e nesse caso direi que não atendo hoje a negocios. Deixe isso para amanhã.

CARDOSO — Não é possível.

GUSTAVO — Porquê?!

CARDOSO (*com altivez*) — Parto esta noite para Minas e quero entregar-lhe agora a pasta dos papeis que me confiou.

GUSTAVO (*com mau modo*) — Não poderá adiar essa viagem para a semana.

CARDOSO (*sereno*) — Não posso.

GUSTAVO (*modificando-se*) — Por quanto tempo é a viagem?

CARDOSO — Por tempo indeterminado...

GUSTAVO — Ah... (*com ironia*) quer isso dizer que deixa o meu serviço...

CARDOSO — Quer.

GUSTAVO (*tira arrebatadamente a pasta das mãos de CARDOSO, senta-se no divan põe-na sobre os joelhos, abre e verifica os papeis, todos em envelopes lacrados*) — Parece que lhe dei uma lista para a conferencia...

CARDOSO (*que já tem tirado do bolso um papel, dá-o a GUSTAVO que lê simultaneamente nota e papeis*) — Está aqui...

GUSTAVO (*secamente*) — Obrigado. (*pausa*).

CARDOSO — Está tudo em ordem?

GUSTAVO — Sim...

CARDOSO — Nesse caso, posso retirar-me?

GUSTAVO (*altivo*) — Quando quizer. (CARDOSO *inclina-se deante dele, depois volta-lhe as costas e vae a sair*) Espere! (CARDOSO *volta-se*) E os seus vencimentos?

CARDOSO — O senhor não me deve nada.

GUSTAVO — Ora essa, como não?

CARDOSO — Porque a ociosidade não se paga, e eu estive ocioso.

GUSTAVO (*olhando com desdem para os trajés pobres de CARDOSO*) — Nunca pensei que o senhor tivesse tanto orgulho.

CARDOSO — É porque o senhor nunca tinha reparado em mim como o está fazendo agora...

GUSTAVO — Talvez... (*faz um gesto de despedida*) Seja feliz... (*CARDOSO inclina-se novamente e sae. GUSTAVO passeia pela sala, mexe em alguns objectos maquinalmente. A scena vae escurecendo. GUSTAVO senta-se por fim no divan, com o olhar no vacuo, o rosto pensativo; entra D. ELVIRA de luto, roupas modestas, vem devagar com os olhos no genro que não se move, estarecido, com as mãos apoiadas no divan e em attitude de grande espanto como se visse um fantasma. Aproximando-se dele, D. ELVIRA conserva-se de pé*).

D. ELVIRA — Olhe bem para mim! Veja se reconhece nesta mulher aquela a quem o senhor há doze anos fez uma promessa de honra que não deveria ter esquecido! Lembra-se? (*ele faz que sim com a cabeça, sempre com expressão apavorada*) Prometeu que por nada deste mundo me separaria da minha filha... eu tinha-lhe contado tudo, tudo, tudo; virado pelo avesso a minh'alma, narrado as miserias da minha viuvez, o heroismo da minha maternidade, numa exposição dolorosa em que pensei ter esgotado toda a minha energia... Lembra-se? Diga!

GUSTAVO (*com voz sufocada*) — Lembro-me.

D. ELVIRA — Disse-lhe que o meu olhar vigiaria a felicidade de minha filha como um cão de fila a casa de seu dono... Disse-lhe que no meio da minha miseria eu era feliz, porque a minha

Ilda era minha!... E o senhor jurou-me que não ma roubaria...

GUSTAVO (*numa grande confusão*)—Basta...

D. ELVIRA—E' o senhor jurou-me que seriam os dedos de minha filha que me haviam de cerrar as palpebras para o ultimo sono; e o senhor jurou-me que respeitaria o meu direito de ser amada e de ser feliz, o senhor jurou tudo, jurou, jurou, jurou! Para quê?! (GUSTAVO *cobre a cabeça com uma almofada para a não vêr nem ouvir*. D. ELVIRA *continua com veemencia curvando-se para GUSTAVO*) Para faltar como um cão cobardemente a todas as promessas, para arrancar-me dos braços a filha que eu defendi tantas vezes da morte! E o senhor é que é um homem de bem! e o senhor é aclamado pelos proprios maridos das suas antigas amantes, e á sua casa veem meninas e mães sem pudonor cantar canções para espantar fantasmas... O fantasma de Ilda!

GUSTAVO (*sufocado*)—Basta!

D. ELVIRA—Não basta. Quero que saiba que se todos o absolveram, — quem não perdôa sou eu! (*bate no peito com desespero*. GUSTAVO *levanta-se*, D. ELVIRA *mata-o com um punhal que tira da cintura, ele cae sobre o divan e ela corre á janela, abre o reposteiro com um gesto violento e grita para fóra com toda a voz*) Matei um homem, matei um homem honrado, matei um homem de bem!

CAI O PANO

# DOIDOS DE AMOR

PEÇA EM 1 ACTO



## PERSONAGENS

Dr. Jaime — 35 anos, director de uma casa de saude para loucos.

Antero Cortez — 27 anos, compositor e pianista.

Januario — porteiro, usa oculos.

Branca — 22 anos, mulher de Jaime.

Joana Teles — 18 anos.

Judith -- criada de quarto.



# DOIDOS DE AMOR

ACÇÃO NO RIO DE JANEIRO—ACTUALIDADE

Na casa de saude, sala particular de BRANCA. É ao anoitecer. Cortinas claras; lampadas com quebra-luz de seda, muitas flores, muitas almofadas, bibelots, mobilia leve, tapetes, etc., DR. JAIME faz um cigarro sentado em um puf. Pouco depois entra BRANCA, vestuario de noite, elegante. Vem sobraçando um grande sobretudo. Porta ao F. e outra E. alta. Janela ou não.



# ACTO I

## SCENA I

BRANCA (*entrando E. A. sobretudo no braço*)  
— Aqui tens o sobretudo.

JAIME (*continuando a fazer o cigarro*)— O monstro.

BRANCA (*sorrindo*)— Que te prestou bem bons serviços.

JAIME (*mesmo jogo*)— Nos Alpes.

BRANCA— Não é razão para que não te preste aqui também. Está hoje um frio!...

JAIME (*sorrindo*)— Vinte graus...

BRANCA— Como tu dizes isso! Dir-se-ia que estás ardendo em calor... (*atira o sobretudo sobre um movel*) Quando se diz vinte graus no Rio de Janeiro deve dizer-se assim: Brrrrr que frio! (*imita um arrepio*).

JAIME (*apalpando-se á procura de fosforos com o cigarro entre os labios*)— Mas não se enverga um sobretudo pesado como esse. (*pausa*) Ah, isso é que não!

BRANCA (*apanha de cima da mesa uma caixa de fosforos, acende um e apresenta-o graciosamente a JAIME*)— Quando se espirra como tens espirrado desde hontem á tarde, não só se enver-

gam sobretudos como este... (*apaga o fosforo*) como ainda por cima deve-se pôr ao pescoço uma mantinha de lã... como esta! (*apresenta uma manta que traz pendente no braço*).

JAIME (*rindo*) — Queres derreter o teu pobre marido, meu amor! Mas para isso basta o calor dos teus olhos, cada vez mais lindos... (*ela finge-se amuada*) Tem paciencia, a mantinha é de mais... (*levanta-se*) E, com franqueza filha, o sobretudo tambem é demais!

BRANCA (*amuada*) — Tudo é demais!

JAIME — Menos os teus beijos. Os teus beijos são sempre de menos.. Olha bem para mim. (*puxa a si a mulher e contempla-a sorrindo*) Estás linda, sabes? (*ela diz que não com a cabeça*) Sábe-lo sim, que o teu espelho não o mente...

BRANCA — O meu espelho és tu!...

JAIME — Porque tenho no coração a tua imagem... Mas dize-me, todo este luxo é para esperar a amiguinha que vem de S. Paulo?

BRANCA — Não. Todo este luxo é para ti.

JAIME — Confessa entretanto que tens hoje a tua sala mais florida que do costume. Amar-me-hás hoje mais do que ontem?

BRANCA — E menos do que amanhã!

JAIME (*risonho e meigo*) — Isso é parodia de M.<sup>me</sup> Rostand...

BRANCA (*sentando-se e tornando-se séria*) — Será, mas escuta: tive hoje realmente uma segunda intenção, ao vestir-me como num dia de festa e ao florir assim a minha sala.. Quero que a Joanhinha tenha ao chegar aqui, a visão nitida da minha felicidade. Sabes que lhe quero como a uma irmã...

**JAIME** (*tambem sério*) — Exactamente; eu ia pedir-te para falarmos na tua Joaninha. Não estou nada contente com a leviandade, (*um gesto de BRANCA*) sim, leviandade dessa menina, querendo sujeitar-me á viva força ás suas extravagancias!...

**BRANCA** — Ela não quer sujeitar-te a cousa nenhuma, quer apenas que a salves de uma situação de que não tem coragem de sair sósinha...

**JAIME** — Ora adeus! Então não tem coragem para defender-se num caso simplissimo e tem-na para constranger um homem como eu a ser cúmplice nos seus desvarios? Não; isso não tem geito nenhum. Não me sujeitarei nunca a semelhante papel.. Perceberá ela ao menos quanto o seu capricho me pode comprometer? (*pausa*) Talvez perceba, mas não se importa com isso!

**BRANCA** (*queixosa*) — Oh Jaime!...

**JAIME** — Perdoa-me, mas é a verdade. É afinal eu já estou ficando cansado de aturar doidos...

**BRANCA** — Para que tens então esta casa de saude, destinada exclusivamente a essa especie de doentes?! Olha, por meu gosto não é.

**JAIME** — Essa pergunta não me parece tua. Para que estudei eu uma especialidade, faze favor de me dizer?! E agora põe-te no meu lugar e aconselha-me: com que palavras terei de participar ao pobre pae da tua amiga a sua infelicidade?!

**BRANCA** — Sim... coitado... não sei... quero dizer...

**JAIME** — Queres dizer que o caso é todo absurdo, que o melhor que temos a fazer, é mal

nos entre a tua amiga em casa, chamar outro medico e encarregal-o do seu tratamento. Eu tenho muito pouca pratica daquela especie de loucura.

BRANCA (*triste*)—Falar-lhe-hei ámanhã...

JAIME — E porque não hoje?

BRANCA — Para não mortifical-a assim de sopetão sêm preparo nenhum! Quero vê-la e ouvi-la; depois, pouco a pouco, a irei preparando para uma resolução qualquer...

JAIME — Já não gosto muito que ela venha ficar comnosco... confesso.

BRANCA — Ora esta! Então onde quererias que a metessemos?!

JAIME — Na repartição das loucas. Num bom quarto particular, com enfermeira á vista... O numero 1 está vago e é excelente!

BRANCA — Oh!

JAIME — Acredita que para loucos, quanto menos mimos melhor...

BRANCA — Estás sendo injusto. Joana foi sempre uma menina sensata...

JAIME — Foi...

BRANCA — E de grande coração! A familia é que a não compreende.. não percebeu nunca que a sua paixão exclusiva e devoradora foi, e será sempre a musica, e que ela não é de moldê a sujeitar-se a casamentos arranjados pelos outros!

JAIME — Pelo pae.

BRANCA — Seja por quem fôr. De mais a mais Joana já tinha declarado que, a casar-se algum dia, só o faria com um pianista ou um compositor!

JAIME (*com riso alegre*) — Que bôa tolice!

BRANCA — Não acho; cada um tem os seus ideaes... Desde pequena que o piano foi a sua fascinação... (*mudando de tom*) Mas vão sendo horas de ires esperal-a... ela deve vir muito abatida e muito fraca. Imagina, há oito dias que não come nem dorme!

JAIME (*sorrindo*) — Nem deixa dormir os outros... o que é peor!

BRANCA — Pois foi por isso que o pae sabendo que és dono de uma casa de saúde e que eu estimo a filha como a uma irmã, tratou, muito acertadamente, de a mandar para nós. É simples.

JAIME — É muito simples.

BRANCA (*com candura*) — Não é?

JAIME — É complicadissimo! Que idéa farão vocês do meu character, da minha responsabilidade professional?!..

BRANCA (*desculpando-a*) — A melhor! mas coitadinha ela não teve culpa do que lhe aconteceu...

JAIME — Diz-me o pae, numa carta que deve estar por aí (*indica a mesa*) que ela vem com os padrinhos. Imagino o trabalho que os velhos terão tido com ela por esse caminho...

BRANCA (*sorrindo*) — Que sustos!...

JAIME — Bem, nesse caso capacital-a-hás do que tem a fazer e sem delongas. Eu lá vou para a estação.. (*rindo*) Olha, põe tu o sobretudo (*põe-lhe o sobretudo nos hombros*) que estás muito á fresca e não te quero doente..

BRANCA (*conservando o sobretudo*) — Não digas aos padrinhos que sabes tudo!

JAIME (*sempre delicado*) — Mas filha, eu não sei nada! nem o nome do noivo!... E tu?

BRANCA (*desconsolada*) — Também não sei...

JAIME — Nem ela! Pois tudo se há-de arranjar, não faças cara triste e até já. (*beija-a e vae a sair voltando-se da porta ao fundo*) É verdade, esqueci-me dizer-te! O Antero chegou hoje da Europa...

BRANCA (*com surpresa*) — Sim?!

JAIME — Sim. Encontrei-o na Avenida e prometeu-me vir cá passar um bocado da noite conosco. Deve partir amanhã para a casa da família; parece que há também qualquer novidade com ele... Isso é que vae ser uma atrapalhação com a Joanhinha!

BRANCA — Se quando ela chegar, ele estiver aqui, leval-o-hás para a sala. Até será um magnifico pretexto para nos deixares sósinhas. (*toca a campainha electrica*) Ora o Antero vir sem avisar ninguém..

JAIME — Bem! Pois lá vou buscar a minha doente com ar convencido..

BRANCA (*imperativa*) — É triste.

JAIME — Até já, meu amor! (*sae F. BRANCA atira o sobretudo sobre uma cadeira*).

## SCENA II

### BRANCA e JUDITH

JUDITH (*entra E. A.*) — A senhora chamou?

BRANCA — Sim. Arranje isso depressa. Veja em que desordem está tudo...

JUDITH (*sopesando o sobretudo*) — Virgem

Maria, parece de soldado. Nem que tivesse as algibeiras cheias de libras!

BRANCA — Não perca tempo, que aí vem uma visita de cerimonia. (*ajuda a ajuntar coisas, pega no jornal que ficou desdobrado e dobra-o*) O jornal... Uma luva... (*olha à roda à procura da outra luva e vendo-a distante*) Olha a outra luva onde ficou! (*apontando-a á JUDITH*).

JUDITH (*indo apanhal-a*) — Uma ao Norte, outra ao Sul. O patrão é sempre assim, deixa as coisas espalhadas. (*apanha a outra luva e dá-a á patrôa*).

BRANCA — Leve tudo para dentro e volte já. (*JUDITH sae. Para si*) Pobre Joana!... Ainda cá ficou a mantinha... (*apanha a manta, dá um toque nas flores, cantarola. Entra JUDITH*).

JUDITH — Que mais, minha senhora?

BRANCA — Nada mais... (*JUDITH faz menção de sair mas com ar de quem quer pedir alguma coisa*) Ah, escute: vem aí um senhor visitar-me, o Sr. Antero Cortez. Você receba-o e faça-o entrar mesmo aqui para a minha saleta. Vá depois avisar-me. Entendeu?

JUDITH — Entendi... (*com hesitação*) Eu... eu...

BRANCA (*que vae a sair, volta-se*) — Eu... Quê?!

JUDITH — Eu queria pedir um grande favor á senhora...

BRANCA — Diga.

JUDITH — Convencer o patrão de mandar esta doente nova que aí vem, para a repartição do estabelecimento em que estão as outras doidas...

BRANCA — É impossível...

JUDITH — Porquê?

BRANCA — Ora que pergunta! porque é im-

possível!... A delicadeza do seu estado exige cuidados especiaes... Que tem você com isso?!

JUDITH—Tenho que o quarto dela é mesmo ao lado do meu!

BRANCA—Pois feche a porta do seu quarto á chave.

JUDITH—Não bastará minha senhora, ela será capaz de arrombal-a que as loucas têm muita força. É então esta que é furiosa!

BRANCA—Quem lh'o disse?!

JUDITH—O Januario.

BRANCA—Ah, o Januario sabe...

JUDITH—Tudo. E eu tenho um medo de doidos! Olhe minha senhora, ainda tenho mais pavor a doidos do que mesmo a bebados e a fantasmas!

BRANCA (*séria, saindo*)—Descance, que esta é mansa...

JUDITH (*fica pensativa, depois dá um arranjo á mesa, murmurando entre dentes*) — Mansa... mansa... quem se fia na mansidão dessa gente... (*encontra uma carta aberta, pega nela e lê alto e com dificuldade*) «Meu bom amigo. Amanhã á noite deverá chegar a sua casa acompanhada pelos padrinhos a minha infeliz filha Joana, cujo estado se tem agravado consideravelmente. Passa horas inteiras da noite a agitar-se e a gritar como uma possessa e mesmo de dia tem tido crises assustadoras a ponto de agredir a enfermeira e ameaçar céu e terra!...» Virgem Maria que há-de ser de minha vida?! Se esta que é mansa faz isto, que farão as bravas?!... (*continuando a leitura*) «Espero que a convivencia da sua querida Branca, e os seus cuidados profissi... o ... profissio... na ...»

## SCENA III

A mesma JANUARIO e ANTERO

JANUARIO (*alto*) — Olá Judith!JUDITH (*com sobresalto*) — Hein?! Que medo!

JANUARIO — Ora essa, de quê? Você parece que não sabe outra palavra...

JUDITH — Cuidei que fosse um doido.

JANUARIO — Não; é um homem de juízo.

JUDITH — Basta dizer que é um guarda portão que usa lunetas, para se dar ares de doutor!

JANUARIO — Deixa-te de prosas, pequena, e vae dizer á senhora que está aqui o senhor (*olha para um cartão de visita que entrega a JUDITH*) Antero Cortez. Veja lá se quer que o faça subir...

JUDITH — Quer sim já tenho ordem para o receber.

JANUARIO — É à primeira vez que vejo aquela cara aqui...

JUDITH — E que tal?...

JANUARIO — Bem peor do que a minha. (*sae rindo*).JUDITH — Imagino! (*continua a lêr*) «Receio que lhe venham as fúrias de um momento para o outro...» E eu também!... «e por isso a confio á sua guarda...» Sim! mas quem vae dormir com ela, sou eu!.JANUARIO (*para ANTERO*) — Faça o favor...JUDITH (*indo ao encontro de ANTERO e pedindo-lhe o chapéu e a bengala*) — Tenha a bondade...

ANTERO (*entregando esses objectos*)—Então o Dr. Jaime não está...

JUDITH (*vivamente*)—Não senhor. O patrão foi á Central esperar uma doente que vem de S. Paulo... Uma doida, coitadinha, que passa as noites a gritar como uma possessa e vem morar mesmo aqui ao lado do meu quarto!... E eu tenho um medo! ah! um medo!...

ANTERO (*observando JUDITH com curiosidade*)—Ah!...

JUDITH (*baixo, como para si*)—Se eu me atrevesse!... (ANTERO *olha espantado para JUDITH, ela torce com vergonha a ponta do avental, para ANTERO*) Se eu me atrevesse... pedir-lhe-ia desde já o favor de interceder com os patrões para mandarem esta doente para o lado das outras... Não sei porque há-de ficar em cima... na casa particular!

ANTERO (*sempre curioso*)—An...

JUDITH (*desconsolada e desapontada pela expressão de ANTERO*)—Vou avisar a senhora! (*sae. ANTERO fica só, olha para as coisas que o rodeiam e pega sorrindo num pequeno vaso de Delfet que está sobre um movel e que contempla por um instante*).

## SCENA IV

ANTERO e BRANCA

BRANCA (*alegremente*)—Que bela surpresa!

ANTERO (*depõe o vaso onde o tirára*)—Sempre gentil, minha bôa amiga! (*beija-lhe a mão*).

BRANCA (*com vivacidade*) — Chegou hoje?

ANTERO — Cheguei hoje.

BRANCA — Boa viagem?

ANTERO — Excelente!

BRANCA — Estava a olhar para o vaso de Delfet?

ANTERO — E a lembrar-me da manhã em que o comprou...

BRANCA — Chovia...

ANTERO — E nós passeávamos a pé... intrepidamente!... (*com enfado*) É um poço a Holanda!

BRANCA (*risonha*) — Mas que saudades daquele poço!

ANTERO — Pode-se ter saudades de alguma coisa quando se está em plena lua de mel e num ninho tão florido e risonho como este?

BRANCA — Um ninho num hospital de doidos!...

ANTERO — Há aves que preferem construir a sua casa em arvores de espinho... Acredito ainda assim que isso possa de algum modo perturbar a sua felicidade. Tanto mais que eu já percebi que se misturam muito aqui com eles... (*olha para a porta por onde saiu JUDITH*).

BRANCA — Nós?! Pelo contrario. Eu nunca os vejo, nem sequer os oiço... O que me faz ter saudades da minha viagem é que então eu tinha o meu marido sempre ao pé de mim e agora ele me abandona frequentemente pelos seus doentes...

ANTERO (*com um suspiro muito arrancado*) — Como é feliz o Jaime!

BRANCA — Porque diz isso?

ANTERO — Porque lhe conheço a historia...

BRANCA — Vamos lá que a sua não é menos risonha...

ANTERO (*exagerando o tom*) — Oh! muito diferente! a minha? A minha é terrível!

BRANCA — Sempre as complicações do Amor?...

ANTERO — Sempre!

BRANCA — Então os dâces *flirts* da *Pensão Suissa*... e a inglesinha da Gruta Azul..

ANTERO — Tudo engulido pela onda negra do passado!

BRANCA — Mas como as ondas se sucedem, o que uma leva, a outra traz..

ANTERO — Mas já morto e desfigurado..

BRANCA — E a bordo, não fez nenhuma conquista?

ANTERO — Nenhuma. A bordo eu vinha abominavelmente estúpido. Nem sequer toquei piano...

BRANCA — Enjoou...

ANTERO — Não enjoô nunca...

BRANCA — Veio triste por ter deixado a Europa...

ANTERO — Tão pouco...

BRANCA — Então...

ANTERO — Então o caso parece absurdo mas é absolutamente verídico. Eu lhe conto. Sabe porque eu vim da Europa?

BRANCA — Por causa da guerra...

ANTERO — Não. A chamado de meu pae. E sabe porque me chamou meu pae?

BRANCA — Por medo que você se alistasse no exercito francez...

ANTERO — Não. Para casar-me!

BRANCA (*com espanto*)—Hein?!

ANTERO — Para casar-me!

BRANCA — Ora essa! Com quem?!

ANTERO — Com uma moça endinheirada, lá do seu conhecimento!

BRANCA — Querem vêr. . .

ANTERO — Quê?!

BRANCA — Nada. Continue. . . não lhe mandou ao menos o retrato da noiva?

ANTERO — Nada. O caso para mim é este: há muito tempo que meu pae insistia comigo para que eu voltasse da Europa; como eu não cedesse aos seus conselhos, ele tomou uma resolução feroz: suprimiu-me a mezada ao mesmo tempo que me pintava com tintas negras a situação dos seus negocios. . . Esta decisão foi que me obrigou a partir. Compreende que sem dinheiro a Europa em tempo de guerra não é divertida. . .

BRANCA — Se compreendo! . . . Mas que tem tudo isso com o casamento?

ANTERO — Tem que meu pae, como todo o homem previdente e amigo de seus filhos, sempre desejou que eu casasse com herdeira rica. Apareceu uma na sua vizinhança, e ele pensou logo em aproveitar-se da situação para impôr-ma.

BRANCA (*com incredulidade*)— Oh!

ANTERO — Note-se que eu não sou contrario á idéa do casamento. . . antes acaricio, mas com uma mulhersinha escolhida por mim, que me compreenda e a quem eu ame. Assim não, ah, não!

BRANCA — Está claro. Tanto mais que você é impressionavel, facil em apaixonar-se. . .

ANTERO — E sobretudo muito independente!

BRANCA—(*concordando*) Ora, a um homem assim, não se pôde impôr coisa nenhuma!

ANTERO—Nenhuma.

BRANCA—O que acho exquisito é não lhe terem dito, ao menos, o nome da *sua noiva*...

ANTERO—Ah, isso era o que faltava! Disseram. É uma tal Joana Teles.

BRANCA (*com um sobresalto*)—Ah!...

ANTERO (*vivamente*)—Que foi?!

BRANCA (*chupando o dedinho*)—Piquei-me num alfinete... Joana Teles de...?

ANTERO—Só. E basta. Ora eu casado com uma D. Joana!

BRANCA (*com doçura*)—Joaninha...

ANTERO—Dito assim! Pela sua boca todas as palavras são bonitas minha bôa amiga... (BRANCA dá-lhe uma pancadinha no hombro com uma flor de longa haste que tem nas mãos, como para punil-o da lisonja) Fôra de qualquer gracejo: compreenda o meu embaraço: adoro meu pae e não quero desgostal-o, prezo-me tambem de ser um homem delicado e não me sinto á vontade regeitando um casamento desejado e aceito pela noiva, ao mesmo tempo que não quero sacrificar o meu futuro, nem devo sujeitar-me a uma tal imposição! É uma trapalhada...

BRANCA—É...

ANTERO—Eu precisaria casar com uma menina inteligente, cá a meu modo, que me animasse a trabalhar porque tenho indolencias ao mesmo tempo que sinto um grande desejo de fazer carreira artistica, e inicial-a escrevendo uma opera!

BRANCA (*com outro sobresalto*)—Ai! (*chupa o dedinho*).

ANTERO — Outro alfinete?!

BRANCA — Outro... ou talvez o mesmo... Mas conte o resto, vá! E eu já não me lembrava que você era pianista!

ANTERO (*sorrindo*) — Laureado!... É essa a principal razão porque meu pae quer arredar-me dos estudos. Para ele arte não pode servir de apoio á vida de ninguém. Pois que tenha paciência. Amanhã partirei para casa e lá o desiludirei, bem como aos outros. Ele vae zangar-se; é fatal; a menina chorará também lagrimas amargas, mas que hei-de fazer?!

BRANCA — Ela não chorará...

ANTERO — A senhora não sabe o que é a vaidade das mulheres... Esta vae ficar furiosa!...

BRANCA — Não creia.

ANTERO — Tenho a certeza.

BRANCA — Se ela nunca o viu!

ANTERO — Pouco importa; sentirá o seu amor proprio ofendido. As mulheres são muito susceptiveis. A pobre da Joana vae rabiá como uma cobra!

BRANCA — Qual...

ANTERO — Vae!

BRANCA — Asseguro-lhe que a sua resolução só lhe poderá dar prazer!

ANTERO — Não julgue as outras por si. Ela é até capaz de matar-se, pôr fogo ás saias, incendiar-se toda! Sei que o Kerosene não passou da moda aqui, e esta idéa, com franqueza assustou-me...

BRANCA — Não se aflija. Joaninha também se opõe a esse casamento...

ANTERO — Quem lho disse.

BRANCA — Ela propria.

ANTERO — Conhece-a?!

BRANCA — Conheço-a. Não ignora que morei em S. Paulo durante alguns mezes; foi então que estreitamos relações... Soube agora, por carta, que ela estava verdadeiramente aterrada com a idéa desse casamento...

ANTERO — Aterrada?!... não sei porquê!

BRANCA — Porque o não ama...

ANTERO (*com admiração*) — Não me ama?!

BRANCA — Não.

ANTERO — É extraordinario!

BRANCA — Ora essa, não lhe acontece a mesma coisa?

ANTERO — Ah, mas isso é diferente!

BRANCA — Vaidoso!... Escute o resto; olhe que é segredo...

ANTERO — Guardal-o-hei.

BRANCA — Não podendo esquivar-se á vontade do pae, nem desfazer a detestavel combinação...

ANTERO — Detestavel é um modo de dizer...

BRANCA — Repito o que ela me disse: Joanninha adoeceu...

ANTERO — Ainda mais essa!

BRANCA — Contraria-o isso?!

ANTERO — Naturalmente. É mais uma razão para piedade e temporisação... E é bonita, ao menos, essa Joanninha?...

BRANCA — Uma flôr!...

ANTERO (*embaraçado*) — Diabo!

BRANCA — Se ela fôsse feia ficaria humilhada. Assim não... Mas vae julgar pelos seus proprios olhos. Joana estará em minha casa den-

tro de poucos minutos. (*com tristeza*) Vem entrar em tratamento na casa de saude de Jaime!

ANTERO (*com espanto*) — Ah, então ela ficou?... (*faz um gesto com um dedo na testa*).

BRANCA (*triste*) — Ficou.

ANTERO — De mais a mais!

BRANCA — Como o diabo as tece...

ANTERO (*outro tom*) — E falem mal dele! mas o diabo é sublime! (*fica agitado*, BRANCA *observa-o*) É sublime! Que de scenas arrevezadas e exquisitas essa doença providencial me evita! Eu tremia á idéa da colera de meu pae, e assim estou perfeita e absolutamente tranquilo. Se foi o diabo que teceu este enredo, é mais uma razão que tenho para o adorar e bemdizer.

BRANCA (*tapando os ouvidos*) — Não diga isso! Que sacrilegio!...

ANTERO — Creia que eu já chegava a ter odio a essa menina que se deixava introduzir tão passivamente na minha vida! E agora, de contente, até estou com vontade de a conhecer!...

BRANCA (*triste*) — Não se regosije com a desgraça alheia. Lembre-se que é por sua causa que a pobre Joanhinha perdeu a razão! (*muito compungida*) Eu estou consternadissima...

ANTERO — Eu não tenho culpa que ela fosse fraca de espirito...

BRANCA — Mas que formoso coração, e que rosto adoravel!... Sabe que ao redor dela os pretendentes andavam assim?! (*faz um gesto com os dedos apinhados*) E depois instruida! ah! e de uma finura, uma distinção! (*suspira*) Foi uma tristeza...

ANTERO — Não me queira fazer ter remorsos

de culpas que não cometi! Eu até já estou ficando nervoso... impressionado, não sei como!

BRANCA (*limpando os olhos*)—Assim na flôr da vida, e tão galante!...

ANTERO—Que fatalidade!

BRANCA—Realmente, tem vontade de a conhecer?

ANTERO—Já não penso noutra coisa!

BRANCA—Então fique, mas não a espere aqui. Vá para o salão logo que a sentirmos subir, e entretenha-se por lá a tocar piano. Se tiver de apparecer á Joana finja-se de internado da casa. Os doidos teem simpatia pelos doidos; é o que o meu marido diz. Combine tudo com ele; lá lh'o mandarei.

ANTERO—Está dito; virei como um internado! Isso até me permitirá falar com liberdade.

BRANCA—Tenha cuidado e sobretudo não se esqueça de que o senhor director é muito severo!

ANTERO—Terei a prudencia de um verdadeiro louco, descânce.

BRANCA—Eu estarei de sentinela...

ANTERO—É verdade, ela é furiosa!

BRANCA—Quem lh'o disse?!

ANTERO—A sua criada.

BRANCA (*com espanto*)—Como?!

## SCENA V

Os mesmos, JANUARIO e JUDITH

JANUARIO (*carregado de maletas e embrulhos*)—Onde quer que eu ponha estas malas, minha senhora? (*entra do F.*).

BRANCA — No quarto ao fundo do corredor. As bagagens vieram na frente?

JANUARIO — O patrão mandou-me vir subindo enquanto paga lá em baixo ao automovel... (*sae para E. A.*).

JUDITH (*entra F com uma caixa de chapéu e um rolo de mantas*) — O Sr. Dr. já chegou com a doente...

BRANCA (*para JUDITH*) — Deixe tudo aí e corra á escada, para ajudal-a a subir...

JUDITH — Eu?... eu?... mas, minha senhora, eu tenho muito medo!... (*vacila; entra depois E. A.*).

BRANCA (*para ANTERO*) — Agora meu amigo vá para o salão, que é a primeira porta, á esquerda do corredor. Meu marido irá ter comsigo, que está desêjoso de o abraçar.

ANTERO — E eu tenho tanto que lhe dizer!... até já... (*no corredor*) então posso tocar? (*sae*).

BRANCA — Quanto quizer!

## SCENA VI

BRANCA, JAIME e JOANA

JAIME (*entra dando o braço a JOANA que vem como um trapo, corpo mole, expressão de idiota, indiferente a tudo*) — Aqui tens a tua pobre amiga! (*para BRANCA com gravidade e solenidade*) Como vês está muito carecida dos teus cuidados...

BRANCA — Minha querida Joana! (*abraça-a e sacode-a, mas ela conserva-se indiferente*).

JAIME (*para BRANCA*) — Posso falar-te com inteira franqueza porque ela não percebe nada do que estamos dizendo: é um caso perdido.

BRANCA (*com desespero*) — Não digas isso! (*sacudindo os hombros de JOANA que deixa mole e estupidamente que a sacudam*) Protesta Joaniha, protesta! (*JOANA continua na mesma imbecilidade*).

JAIME — Vês? Conserva-se indiferente a tudo.

BRANCA — Mas tu ainda não a examinaste, não podes saber! Quem sabe?...

JAIME — Não é preciso; ela apresenta todos os característicos do mal incurável: a fixidez do olhar, a palpitação agitada das narinas; a comisura descaída dos labios; a côr palida e terrosa da pele e sobretudo o amolecimento muscular dos braços que parecem mais compridos. Está disforme, a Joana! Repara-lhe para o queixo!

BRANCA — Mas eu não lhe vejo nada no queixo!

JAIME — Vejo eu. Todos os sintomas apontados são aterradores. Vou começar esta noite por lhe queimar a sola dos pés a vêr se lhe desperto a sensibilidade... Depois de lhe raspar a cabeça á navalha, o que vae ser feito daqui a pouco, aplicar-lhe-ei o capacete de gelo e cincoenta sanguesugas atraz de cada orelha... Por emquanto deixo-a repousar da viagem. Quanto a alimento só uma chicara de leite por dia, precisamos reduzi-la á maxima fraqueza. (*passa ao F. JANUARIO da E. A. para F.*).

BRANCA (*contemplando JOANA com tris-*

*teza*) — Quem dirá que é a mesma linda Joaninha que nós conhecemos? Como está mudada .. *(limpa as lagrimas)*.

JAIME — Não chores... tem coragem...

BRANCA — Sim... Olha, tens um amigo á tua espera no salão. É a pessoa por quem esperavas... quanto á Joana vae descansado, que eu tratarei dela ...

JAIME *(encaminhando-se para a E. A. por onde sae)* — Daqui a nada virão as enfermeiras buscal-a, não te fies muito.. *(JOANA espreita a saída de JAIME. BRANCA tem-se afastado um pouco seguindo o marido, depois deste sair volta-se para JOANA)*.

## SCENA VII

As mesmas menos JAIME

JOANA *(atira-se com delirio nos braços de BRANCA)* — Minha querida Branca!

BRANCA — Joaninha! Ai que susto... finges tão bem que eu já ia acreditando!...

JOANA — E como estou cansada de fingir! Como estou precisada de ti! Imagina que desde as seis horas da manhã, estou assim calada, sentada num banco de vagon sob a vigilancia incessante de meus padrinhos. Pobres velhos, que medo tiveram de mim durante toda a viagem! *(ri)*.

BRANCA — Estás sendo cruel!

JOANA (*com volubilidade*) — Que remédio, eu preciso defender-me! De quem eu tinha mais receio, era de teu marido, confesso... Supuz que percebesse logo tudo nos meus olhos; mas o teu Jaime parece que ainda não tem grande pratica de doentes... não duvido que venha a ser um excelente medico, mas por emquanto deixa-se enganar com muita facilidade!

BRANCA (*resentida*) — É o que te parece. Jaime é consideradissimo! Aquele é que ninguem engana! Pertence a varias academias e recebe todos os dias pelo correio massos assim (*menciona o tamanho*) de cartas e de jornaes. Mas comprehendes, só depois de te sujeitar ás experiencias a que aludiu poderá ter da tua molestia uma opinião definitiva!

JOANA — Eu é que não consentirei nas taes experiencias, isso não! Os meus ricos pésinhos queimados! As minhas tranças perdidas? Nunca!

BRANCA (*com um suspiro*) — Que remedio terás filha!

JOANA — Olha que amiga me saiste! Consentirias então nessas barbaridades?!

BRANCA — Se forem para o teu bem..

JOANA — Ai; ai; ai; ai! mas eu estou sã! estou rija! estou perfeita!

BRANCA (*piedosa*) — É o que te parece...

JOANA — Hein?!

BRANCA — Completamente no teu juizo, não estás...

JOANA (*imperativa*) — Explica-te!

BRANCA (*começando ironica e passando por varias gradações até á meiguice*) — A peça que pretendeste pregar a teu pae e aos outros, de-

monstra muita infantilidade e ao mesmo tempo muita propensão para a maluquice. Perdôa-me a franqueza, mas tenho o dever de falar-te assim. (JOANA *ouve-a com espanto*) Não pude aconselhar-te por escrito porque a minha carta seria fatalmente lida por outras pessoas alheias á tua maquinação, menos clemente do que engenhosa. Preferi que viesses para a sós comtigo dizer-te quanto reprovoo o teu acto e pedir-te para escreveres immediatamente a teu infeliz pae, confessando-lhe a verdade.

JOANA (*murmurando*) — Estás louca...

BRANCA (*simultaneamente severa e meiga*) — Tinhas o coração meigo, Joaninha, porque fazes agora sofrer assim o pobre velho?... Não imaginas como é dolorosa a carta em que ele comunicou ao Jaime a tua doença... coitado, ele é até capaz de morrer de desgosto... (JOANA *chora*) O que fizeste é barbaro, é muito barbaro... Não chores minha querida... não quero que chores, mas reflitas comigo... fui má para ti? pois aqui me tens a teu lado, prometendo-te tudo quanto quizeres de mim!

JOANA — Até que enfim encontro a minha Branca! (*abraçam-se*) Não calculas o meu sofrimento sem ter uma consolação, ameaçada, atormentada, desesperada e sósinha!

BRANCA — Teu pae adora-te!

JOANA — Mas quer casar-me á força com um homem que eu não conheço. Isso é amor?!

BRANCA — Ele sabe talvez que esse rapaz tem qualidades excepcionaes.. Amarás outro?

JOANA — Não amo ninguem. Desde pequena que a paixão exclusiva da minha vida é a musica.

Meu pae trata-me a distancia, minha madrasta não me compreende; é no seio da musica que eu desabafo as minhas tristezas... Sabes que para meu pae o piano continua ainda a ser o peor dos barulhos? Não vale a pena casar-me para continuar com o mesmo suplicio, e que posso esperar de um marido escolhido por meu pae? Oh, se encontrasse um homem livre, inteligente e com os mesmos gostos que eu... mas isso é tão difficil...

BRANCA — Não me parece...

JOANA — É sim. Sabes que estou cantando razoavelmente?

BRANCA — Já ouvi dizer... e acompanhas-te?

JOANA — Ainda não me habituei a isso. *(começa dentro uma valsa de Chopin em surdina)*.

BRANCA *(sorrindo)* — Precisarás de um noivo que te acompanhe.

JOANA — Não digas brincando. É o meu sonho.

BRANCA — Quem sabe se o tal noivo... como se chama? *(pergunta e imediatamente tapa a boca da amiga para não ouvir a resposta)* Não, não! prefiro não saber de quem se trata...

JOANA *(com espanto)* — Porquê?!

BRANCA — Poderia conhecê-lo e ficar com pena...

JOANA — É um imbecil. Logo que lhe não nomearam outras qualidades senão as de ser bonito e rico, presumo que seja um imbecil!... *(pausa)* mas quem está ao piano...?! Seja quem fôr toca bem... muito bem... *(pausa)* muito bem!

BRANCA *(em extase)* — Deliciosamente... É

um internado. Um grande artista! mas desgraçadamente, doido varrido..

JOANA — Que pena! um grande artista? mas será talvez uma crise sem grande importancia, não?

BRANCA — Estas crises sempre teem importancia. É uma doença inexoravel!...

JOANA — Como eu goso quando oiço tocar assim! (*pausa*) És feliz, Branca?

BRANCA — Muitissimo! Meu marido adora-me e eu adoro-o. Afirmando-te que não há vida para uma mulher de coração como a de casada..

JOANA — Devéras?

BRANCA — Devéras.

JOANA — Creio. És sincera; a felicidade vê-se; quando se entra numa casa em que ela seja apenas simulada, logo se percebe a mentira. Mas como toca bem este doente... é moço?

BRANCA — É.

JOANA — Bonito?

BRANCA — Não é feio...

JOANA (*pausa*) — Casado? ..

BRANCA — Creio que não...

JOANA — Aí está um pianista que me acompanharia bem...

BRANCA — Quem sabe? ..

JOANA (*pausa*) — Se o outro tocasse assim...

BRANCA — Casar-te-ias com ele?

JOANA — Sem hesitação... (*rindo, ficam ambas ouvindo a musica que morre*).

## SCENA VIII

JOANA, JUDITH, ainda BRANCA que sae

JUDITH entra com uma chavena de leite, leva-a a BRANCA que a manda levar a JOANA, mostrando sempre temor de JOANA.

BRANCA — Que é isso?!

JUDITH — O patrão mandou trazer este leite para a senhora doente...

BRANCA (*sem pegar na chavena, indica a JUDITH que a leve a JOANA. Para JOANA*) — Meu marido quer que tomes esta chavena de leite. Faze-lhe a vontade. Eu vou transmitir ao pianista os teus cumprimentos e pedir-lhe para vir falar-te. Verás que rapaz distinto. Até já... (*Sae E. A. deixando JUDITH confusa com o leite na mão sem coragem de se aproximar de JOANA*).

JOANA (*rindo do medo de JUDITH a quem contempla um momento antes de a chamar*) — Pode aproximar-se, não tenha medo...

JUDITH — Eu não tenho medo...

JOANA — É natural...

JUDITH — Quer mais assucar? .. (*JOANA serve-se de assucar e começa a tomar o leite*) A senhora está melhor?

JOANA — Estou melhor do que hontem. Mas poderá saber como eu estava hontem?! (*JUDITH faz um riso amarelo e recua desconfiada*) Responda...

JUDITH — Não sei, não senhora...

JOANA — Nesse caso, nada lhe adianta a informação... *(acaba de esvasiar a chicara e quer pousal-a na bandeja mas JUDITH que tem recuado, não alcança a mão de JOANA)* Tome a chicara...

JUDITH — Faça o favor de a pousar aí mesmo... *(indica o chão com o beíço. JOANA compreende e levanta-se para levar-lhe a chicara. JUDITH foge F.; entretanto tem entrado ANTERO pela E. A. e vendo sair JUDITH vae buscar a chicara ás mãos de JOANA e vae pousal-a num movel).*

## SCENA IX

### JOANA e ANTERO

ANTERO *(indo tomar a chicara da mão de JOANA)* — Tenha a bondade, minha senhora! *(leva a chicara a um movel).*

JOANA — Obrigada...

ANTERO *(voltando-se)* — Pensei que estivesse aqui a Sr.<sup>a</sup> D. Branca...

JOANA — Ela não tarda...

ANTERO *(observando JOANA)* — Incomodarei V. Ex.<sup>a</sup> se ficar aqui alguns instantes?..

JOANA — Ao contrário! estimo ter o ensejo de perguntar se não foi o senhor que tocou aquela valsa de Chopin...

ANTERO — Sim minha senhora, fui eu.

JOANA — Felicito-o de todo o coração! É um grande artista. Interpretou adoravelmente, exactamente a valsa 21 que é a minha preferida... *(o*

*numero poderá ser mudado segundo a conveniencia da ocasião).*

ANTERO — Foi um acaso feliz. Tambem essa é a minha preferida... Vejo que V. Ex.<sup>a</sup> conhece as musicas de Chopin?!

JOANA — Quem haverá no mundo que não conheça as musicas de Chopin?!

ANTERO (*olhando amorosamente para ela*) — Mas só as muito familiarisadas as sabem designar pelos numeros... V. Ex.<sup>a</sup> toca?

JOANA — E canto.

ANTERO (*com entusiasmo*) — Acompanhal-a-ei!

JOANA (*alegremente*) — Conto com isso.

ANTERO (*interessado*) — Que felicidade para mim!

JOANA — E para mim!

ANTERO — O seu autor predileto?

JOANA — Schuman.

ANTERO — Divino!

JOANA (*extase*) — Divino!... E o seu?

ANTERO — Beethoven.

JOANA (*arreatada*) — Adoravel!

ANTERO (*arreatado*) — Unico!

JOANA — Tem razão, unico. Não sei como se possa ouvir com impassibilidade as suas sonatas, sobretudo a Pathetica!

ANTERO — Toquei exactamente essa sonata em um concerto de caridade na vespera da minha viagem, em Paris... A musica é uma coisa admiravel!

JOANA — Entretanto há quem a deteste...

ANTERO — Comò há quem desdenhe a poesia...

JOANA—Eu adoro ambas!

ANTERO—E eu!

JOANA—Que prazer encontrar quem toque comigo e me acompanhe, quando eu receava até nem encontrar piano aqui... seria um pavor...

ANTERO (*com volubilidade e graça*)—Oh! o mais inconcebível dos pavores! Eu minha senhora compreendo casa sem pão, sem ar, sem luz, sem leitos, sem telhas, sem... enfim sem coisa nenhuma, excepto o piano!

JOANA (*estremece, encolhe-se e pergunta já em outro tom, desconfiando*)—O senhor está aqui há muito tempo?...

ANTERO—Há duas horas apenas. Cheguei hoje da Europa!

JOANA—É impossível!

ANTERO (*com elegancia e graça*)—É a verdade minha senhora. Cheguei amargurado, apreensivo, com idéas negras, vontade de morrer; e estou agora cheio de sol e de esperança... Não há nada para o coração como o clima da patria... O meu estava enregelado como um fruto murcho, sinto-o avolumar-se, dilatar-se embriagado de primavera!...

JOANA (*cada vez mais desconfiada e olhando para a porta a vêr se vem BRANCA*)—Então não está há muito tempo em... em tratamento com o Dr. Jaime?

ANTERO (*caindo em si e sorrindo*)—É verdade, tinha-me esquecido.. E o extraordinario, minha senhora, é que o meu amigo curou-me, curou-me completamente, com duas horas de tratamento, ali no salão. Espero que a V. Ex.<sup>a</sup> suceda o mesmo...

JOANA — Ah... eu...?

ANTERO — O director falou-me a seu respeito com vivo interesse. Ele é meu amigo de infancia...

JOANA (*desconfiada mas com ingenuidade*) — Branca tambem é minha amiga de infancia...

ANTERO (*amorosamente*) — Bém vê que podemos estar tranquilos.. passaremos com eles aqui uns dias felizes, tocando, cantando, passeando sob as ramadas floridas da chacara. Gosta de lêr?...

JOANA (*comovida*) — Sim... muito...

ANTERO (*com muito carinho e decisão*) — Leremos juntos. Tenho um livro adoravel sobre a vida dos grandes maestros... Que abençoada hora em que nos encontrámos aqui!... Ninguem a dirá doente... Seus olhos estão cheios de saúde... Repare agora nos meus. Que vê neles? (JOANA *recua, timida*) Sinto nas minhas pupilas todas as harmonias de Schuman e de Mendelson, e desejaria que V. Ex.<sup>a</sup> me dissesse se as compreende... já que ouve tão bem, porque não há de vêr egualmente?

JOANA — O senhor está louco...

ANTERO — Nós estamos loucos! Se eu sou doente, será V. Ex.<sup>a</sup> sã? Disse-me o Jaime que não! (JOANA *deixa-se imediatamente descair, retomando o seu ar idiota*) É deliciosa!... Que estúpido eu fui que não a adivinhei! Diga-me Joa-ninha, diga-me alguma coisa!

JOANA (*que estremece ouvindo o seu nome vacila mas conserva-se com ar de idiota, e diz com voz de criança*) — Não! (*bate com o pé*).

ANTERO (*mesmo jogo*) — Sim! (*sorri contem-*

*plando* JOANA. *Esta demonstra grande perturbação. Há uma pequena pausa).*

JOANA (*numa supplica apenas murmurada*) — Meu Deus...

ANTERO (*com doçura olhando de perto para JOANA que parece cada vez mais perturbada*) — Não acredita, Joaninha, nestas paixões que ferem como um raio ás quaes a vontade humana, mesmo a mais forte, não se póde opôr? Talvez não acredite, e eu tambem duvidava da sua veracidade. Coisas de romance! pensava eu quando as ouvia citar... pois hoje afirmo a existencia da paixão subita, invencivel, subjugadora...

JOANA (*cantarola, imitando mal a idiotia, já meio vencida*) — 2 e 2 são 4!; 4 e 2 são 6! 4 e 4, 8!... 6 e 4, 10!

ANTERO — De mais a mais sabe taboada! E aí está uma coisa de que me esqueci completamente... Hoje só sei que 1 e 1 são 2, e 2 são 1 quando teem a ventura de se amarem como o meu amigo Jaime e a sua amiga Branca... E eis aí uma conta Joaninha, que eu gostaria que me ensinasse...

JOANA (*assustada*) — Meu Deus... Eu quero ir-me embora... Porque me deixaram sósinha nesta sala?... tenho medo!...

ANTERO — Medo de quem, Joaninha, de quem?! Eu não lhe faço mal ah, se pudesse adivinhar já o bem que lhe quero! (*tenta aproximar-se*).

JOANA (*gritando*) — Branca!

ANTERO (*precipitadamente*) — Eu não sou louco, escute!

JOANA (*com mais veemencia*) — Branca! Branca!... (*foge de ANTERO*).

## SCENA X

## Os mesmos e BRANCA

BRANCA (*assustada*) — Que é? (JOANA *acolle-se nos braços de BRANCA*).

ANTERO (*apressado*) — Uma pequena crise de nervos, será bom chamar o director! (*toca o timpano desesperadamente*).

BRANCA (*para ANTERO*) — Peça antes um copo de agua de flôr. Depressa!...

ANTERO (*grita para dentro correndo á porta do F.*) — Um copo de água de flôr!...

BRANCA (*para JOANA*) — Como estás fria e tremula!...

JOANA (*para BRANCA*) — Se soubesses!...

ANTERO (*voltando ancioso, para JOANA*) — Perdoe-me... mas... diga-me está melhor?... Eu nunca pensei poder assustal-a assim!... (JOANA *esconde o rosto no peito de BRANCA*) Que desastrado eu fui! (*com raiva*) Que desastrado!

BRANCA — Mas afinal, o que foi?!

JOANA (*para BRANCA*) — Nada!...

BRANCA — Nada?!... (*entra JUDITH com uma salva com copo e frasco de agua de flôr, colher, etc. Vem com ar assustado e permanece ao fundo*).

ANTERO (*indo ao encontro de JUDITH*) — Até que emfim! (*prepara a agua de flôr mesmo nas mãos de JUDITH; quando retira o copo, esta foge com a salva e os outros preparos. Entretanto no primeiro plano, BRANCA e JOANA trocam impressões*).

JOANA — Que pena ser louco ; porque é encantador, sabes ?

BRANCA — Sei.

JOANA — Falou-me de um modo que me perturbou... Ele não é só pianista... é também poeta !

BRANCA (*com intenção*) — E que poeta !

JOANA — Admiravel !...

ANTERO (*trazendo o copo e oferecendo-o*) — Quer que vá tocar Schuman, Beethoven, Chopin, Bach ? Tocarei todo o meu repertorio, se fôr preciso para a fazer sorrir...

BRANCA — Não agora só irão para o piano os dois juntos. Sabes Joaninha que ele está compondo uma opera e que eu espero ouvir-lhe alguns trechos cantados por ti ?

JOANA (*estupefacta*) — De mais a mais maestro !

BRANCA — Toma a tua agua de flôr, para depois ouvires uma declaração... (JOANA *bebe á pressa uns goles e volta-se para ouvir*) Aqui o nosso amigo nunca esteve doido !

JOANA (*ao principio vexada*) — Ah !... (*para ANTERO, com vivacidade*) Eu tambem não !

BRANCA — Ainda bem !

## SCENA XI

Os mesmos, JUDITH e JAIME

JAIME — Que temos ? !

BRANCA — Isto : é tempo de fazermos a apresentação dos nossos hospedes. Joaninha passou

\*

agora por um grande susto, pensando estar sózinha ao lado de um louco... proponho portanto que lhe digamos toda a verdade!

JAIME — É a minha opinião desde o principio. Minha senhora, quiz uma boa estrela fazer entrar hoje aqui, vindo da Europa o meu amigo Antero Cortez, que tenho o prazer de apresentar a V. Ex.ª!

JOANA — Antero Cortez! oh! (*este oh deve ser prolongado, com a boca aberta*).

BRANCA (*rindo*) — Meu bom amigo Antero, tenho a ventura de apresentar-lhe a minha amiga Joana Teles a quem adoro como a uma irmã... (*eles ficam embaraçados um deante do outro, depois cumprimentam-se cerimoniosamente*).

JAIME (*rindo*) — Nunca tive tanto escrupulo em aceitar uma doente, e de nenhuma a cura me foi tão facil!...

JOANA (*para BRANCA*) — Então o Dr. Jaime sabia de tudo?!...

BRANCA (*solenemente*) — De tudo.

JOANA — Que vergonha!...

JAIME — Por isso meus amigos acho prudente mandar um telegrama ao pae da nossa boa Joanninha... Quem o quer redigir?... (*olha successivamente para ANTERO e para JOANA*).

BRANCA (*vendo a indecisão de ambos que sorriem um para o outro*) — Eu. Mas primeiro quero fazer aqui uma pergunta a esta senhora.. (*leva JOANA para um canto e fala-lhe*).

JAIME (*para ANTERO*) — Bem dizia o grande Dumas: o acaso é o melhor colaborador dos romances vivos ou imaginados.

ANTERO — Mas poucas vezes ele terá tido tanto espirito...

BRANCA (*descendo*) — Muito bem. Agora preciso fazer uma perguntinhã a este senhor... (*fala ao ouvido de ANTERO voltando-se depois de lhe ter ouvido a resposta*) Perfeitamente. (*para JAIME que tem tirado do bolso lapis e carteira*) Escreve lá: Joanhina e Antero... doidos de Amor!

CAI O PANO



# NOS JARDINS DE SAUL

EPISÓDIO BÍBLICO EM 1 ACTO



NOS JARDINS DE SAUL

POR ALBERTO NEPOMUCENO

E-le va teu pen-sa-men-ta-ção, Ergue os  
céus co-ra-ção. Deus verás no firmamen-to  
das o-bras da sua mão Um dia diz a ou-tras uma pa-  
la-vra de Deus É mostra sabedo-ri-a Uma  
noi-te a ou-tras céus. Não ha lingua-gem flori-da  
Nem fala man-sa ou fe-roz Por quem não seja-enten-di-da  
A esca-la da sua voz.

O côro inicia o canto e vai-se afastando sempre e sempre até perder-se ao longe.



## PERSONAGENS

Merob — filha de Saul.  
Zagala.  
Marta.  
Abigail — serva.  
Sara — serva.  
Sarvia — serva.  
Jesrael — serva.  
Orfa — serva.  
Tamar — serva.  
David.  
Siba — escudeiro de Saul.  
Um guarda.  
Guardas — córos.

Musica de Alberto Nepomuceno.



# NOS JARDINS DE SAUL

## ACTO UNICO — SCENARIO

A scena representa uma parte agreste dos jardins de Saul.

À D. do espectador uma fonte, de que se vê correr a água; entre pedregulhos ao redor da fonte, um rebordo de apparencia modesta, para poiso dos cantaros, e que pode tambem servir de assento. À D. da fonte (a fonte de Magron) vê-se uma romanzeira pintalgada com as suas lindas flôres vermelhas, que se debruçam sobre a agua. À E. do espectador, um banco rustico, feito de pedras, disposto em dois planos diferentes, como dois degraus, ficando o mais baixo mais para o centro, e não comportando nenhum deles logar para mais de uma pessoa. Ao F. os muros e fundos do palacio de Saul, ladeados por duas alamedas que comunicam os jardins com as estradas. Anoitece. Ouve-se ao longe o côro a sêco dos levitas de David. Ambiente de calma e de poesia. Depois do levantar do pano, a scena permanece por algum tempo deserta, para melhor efeito da musica. Entram então as servas, primeiro umas, depois outras, em grupos. Vestem túnicas de mangas largas, manto curto pela cabeça, deixando vêr o cabelo na frente; trazem argolões de ouro nas orelhas e nos braços e alpercatas nos pés.



# ACTO ÚNICO

## SCENA I

ABIGAIL, JESRAEL, SARVIA, SARA,  
ORFA e TAMAR

(ORFA entra sósinha e vae silenciosamente encher a sua bilha á fonte; instantes depois entram as outras, todas pela alameda da E.).

TAMAR (*com embevecimento*)— Como é lindo o canto dos levitas de David!

JESRAEL — E que tarde maravilhosa!... (*ouvem a musica*).

ORFA (*quebrando o extase*)— É encher os cantaros e voltar depressa, que o caminho é comprido!

ABIGAIL — E a noite aí vem...•

JESRAEL — A Lua nos fará companhia.

ORFA — Nas noites de Lua-Cheia é que as sombras passeiam pelas estradas...

TAMAR — Ás vezes elas são compridas como as palmeiras, outras rasteirinhas como anãs... e movem-se de um lado para o outro com uma agitação!... Ainda hontem á noite, apagada a candeia, fiquei-me a fiar com a mãe, perto da porta,

quando de repente levantando os olhos, vi passarem as sombras de duas mulheres abraçadas. Uma era alta, outra pequena.. Tremi de medo...  
*(pausa)* Eram com certeza as sombras de Ruth e de Noemi.

JESRAEL — Como pode a gente do país de Moab projectar a sua sombra nas areias de Gallaad? Dize, Tamar.

TAMAR — Elas já não são do país de Moab, mas do país da Morte... Eu tenho visto coisas de me porem a carne arripiada!... *(gesto de estar transida)*.

ABIGAIL *(que tem poisado o cantaro na fonte, olhando para traz)* — Quem anda á noite por esses caminhos, não são figuras inconsistentes. É Merob, mulher de Mulatita, mais a sua serva perfumadeira. Foram elas que passaram pela tua casa, Tamar!

ORFA — Dizem que ela chora a sua esterilidade, como Sára e Ana choraram a sua antes de serem mães. *(Entram SARVIA e SARA)*.

JESRAEL — E também que despreza os vestidos vermelhos e dourados da gente poderosa, e anda sempre envolvida em veus brancos... Porque será?

SARA *(que tem ido á fonte e molha a mão na agua)* — Como a agua está fria!

TAMAR *(para JESRAEL)* — Até já foi ao monte Efraim, consultar a sacerdotisa Débora, que a desiludiu!

ABIGAIL — Por isso o marido procura outra mulher, que lhe dê filhos...

SARVIA — Pois por ter filhos, o meu senhor procura outra mulher, que os não tenha!

ORFA — Por isto ou por aquillo, eles sempre gostam de variar. . .

SARA (*ainda na fonte*) — Os homens são terríveis. . .

ABIGAIL — Abner sovava a primeira mulher como nós o pão. Com esta, agora, tem mais cuidado, porque é general do rei!

JESRAEL — Não te esqueças, Abigail, que estamos nos jardins de Saul, e que podem ouvir as tuas falas!

ABIGAIL — Não há por aqui senão sapos e sardoniscas, e estas bem pouco se importam com o que eu diga, ou deixe de dizer.

SARVIA (*que tem estado sentada, com a mão no queixo e a bilha aos pés, a ouvir as outras*) — Porque consentirá ele, que é tão austero e zangado, que a filha ande como uma vagabunda pelos campos, a horas mortas da noite? . . .

ABIGAIL — Merob faz o que entende porque é protegida por Samuel de Ramata e querida por David. E que póde a cólera de Saul contra a palavra de Samuel e a musica de David?

SARA (*como para si, com admiração*) — Ele é ungido do Senhor, e matou o gigante Goliath!  
(*Pausa*).

ORFA — E vae casar com a filha mais nova do rei!

ABIGAIL e TAMAR (*impondo silencio*) — Psiu! . . . Psiu! . . .

SARA (*para si, enamoradamente*) — Como é formoso, David!

JESRAEL — O meu cantaro está cheio. Enche agora o teu, Sarvia.

SARVIA — Deixa-me descançar. Ao menos

enquanto a gente está na fonte, não carrega pedras!

ÓRFA — Não tens medo que venha por aí o escudeiro do rei, e nos faça sair a correr?

SARVIA (*sempre sentada*) — Siba?! Que me importa? (*pausa*) Quem eu queria vêr, era Merob... Nunca a vi. Nem de longe... Ela é bonita ao menos, Abigail?

ABIGAIL — É singular. Tem o olhar diferente do das outras mulheres. É alta. Branca como os lírios do Eufrates, e traz as mãos cobertas de anéis...

JESRAEL — O véu que a cobre é tão fino, que nenhum tear de Jerusalem seria capaz de fazer outro igual...

ABIGAIL — Dizem que no palacio ela mal fala ás pessoas que a rodeiam; e no entanto cá fóra faz parar as moças que andam a laborar, e pergunta-lhes coisas exquesitas... A mim, quando eu voltava hontem do campo de Jónatas, sobraçando um feixe de feno, fez-me parar, poz-me no queixo a mão, ergueu-me a cara para deante da sua, assim, (*imita o gesto, pegando no queixo de ÓRFA*) mergulhou os seus olhos nos meus até ao fundo do coração, esteve assim um bocado, e depois perguntou-me: «Tens mãe?» Como eu lhe respondesse — que sim — voltou-me as costas, e continuou o seu caminho.

SARVIA — Já fez a mesma pergunta a Ester, filha de Heli...

ABIGAIL — Toda ela rescendia a sinamomo e a nardo. Mas vamos, moças! O meu noivo espera-me junto á cêrca das rosas, e prometeu trazer-me hoje favos de mel e pasta de figos secos.

SARA (*olhando para a agua*) — A agua corre de vagar...

JESRAEL (*sorvendo o ar*) — E como o ar cheira bem!

SARVIA — Tambem eu gosto de pasta de figos secos; e não tenho quem ma dê...

TAMAR — Arranja um noivo!

ORFA — Ontem, aquela moça aloucada, que anda por aí, saltou ao pomar de Saul e roubou-lhe os melhores figos. Siba correu atraz dela, mas com tamanha infelicidade, que tropeçou numa pedra e foi de fuças ao chão! A pequena livrou-se, ás gargalhadas. Mas o Siba é que ficou furioso, e jurou mata-la se ela voltar. Eu muito gostei de o vêr cair! Quando se levantou do chão estava da côr daquelas flôres (*aponta a romanzeira*).

JESRAEL — Da romanzeira de Saul...

ABIGAIL (*no centro da scena, espreguiçando-se*) — Siba não perdôa... É o melhor cão de guarda do canil do rei!

SARVIA — Tens sono?

ABIGAIL — Levantei-me com as estrelas, para ajudar a mãe...

SARA (*que tem ido a escutar, á alameda da E.*) — Andam á bulha, no jardim do palacio...

ORFA — Devem ser gritos da mulher de Abner, por tê-la apanhado o marido a beijar... (*termina a frase ao ouvido de ABIGAIL, que sorri*).

JESRAEL (*curiosamente*) — A quem?... A quem?...

TAMAR — Não! (*o barulho cresce*) São antes as mulheres cantando e dançando (*canta e dança*)

em frente do palacio: «Saul matou mil! Mas David matou dez mil filisteus!»

ABIGAIL — Cala-te, Tamar!

## SCENA II

Os mesmos, ZAGALA e depois SIBA  
e alguns guardas

ZAGALA (*entra correndo, sobraçando no regaço flôres e frutas roubadas; procura onde refugiar-se. Vem desgrenhada, com as vestes rôtas, mais suspensas de um lado que de outro, e com um surrão a tiracolo. Procurando refugio, exclama estonteada com desespero, invocando o céu*) — Senhor! Transformai-me em planta, em pedra, em pó! (*vendo as moças, depois de olhar em torno*) Moças de Galaad! escondi-me, que ele aí vem, mais os seus cães ferozes! (*vendo a hesitação das raparigas*) Pelo amor de vossos paes!...

JESRAEL (*para ABIGAIL*) — O Siba mata-la-ia... Disfarcemo-la. (*ouve-se dentro o latir dos cães*) Que horror!

ABIGAIL (*tirando as arrecadas das orelhas*) — Depressá! Toma as minhas arrecadas!

ZAGALA (*pondo nervosamente os brincos nas orelhas*) — Eu te darei as rosas de Merob!...

SARA — E o meu manto... Toma-o! (*compõe-lhe o manto*).

ZAGALA — Eu te darei figos de Adriel...

JESRAEL — E o meu cantaro! (*dá-lhe o cantaro, enquanto ORFA puxa a túnica da ZAGALA*)

*até aos pés, e lhe esconde o surrão nas dobras do manto).*

ZAGALA (*para JESRAEL*)—Eu te ungirei de nardo...

ABIGAIL (*pondo a bilha ao hombro, em uma atitude graciosa*)—Imita o nosso gesto!

ZAGALA—Eu vos levarei a todas a beber da fonte de Moisés! (*imita o gesto de ABIGAIL. Entram os perseguidores; SIBA na frente. Os outros guardas atraz. Um deles traz dois cães, presos por uma corrente*).

### SCENA III

Os mesmos, SIBA e os guardas

SIBA (*que vem fazendo alarido com os guardas, entra furioso. Topando com as moças que rodeiam a ZAGALA para oculta-la*)—Que fazeis aí todas, juntas num bolo? A confidenciar tolices, aposto! Vá! Respondei-me! Não vistes passar por aqui uma moça aloucada, com o regaço pejado de frutas?

ABIGAIL (*com ingenuidade*)—Nós, não...

SIBA—Ah, se mentis, vos farei a todas afogar nas aguas do Jordão, com pedras ao pescoço!

TAMAR—Para que mentir? Que nos importa a nós uma ladra dos pomares, uma filha das hervinhas do chão?

SIBA—Eu sei lá do que sois capazes, vadias! Bem sei como encobris as faltas umas das outras. Fosse eu pae de uma de vós!... (*para os guardas*) Então! Porque vos pasmais aí atraz de mim,

\*

só porque eu paro? Andai! Procurai-a! Não pode andar por longe! Se a apanho, amarro-a e atijo sobre ela os cães! Pensa que é só saltar á vinha de Saul, e fartar-se nela, como se fôra sua! E ainda sair a ganhar risadas pelos caminhos fóra.  
*(para TAMAR)* Ela costuma andar para as bandas de tua casa, Tamar! Se tua mãe lhe der mutreco de carne ou gole de leite, terá de se haver comigo! Sabei todas que matar a fome daquela praga é um crime, porque ela é, nem mais nem menos que uma filha dos Filisteus! *(sussurro de surpresa entre as moças, em Ahs e Ohs abafados)* É o que vos digo!

SARA *(áparte, com pavor)* — Filha dos Filisteus! *(Os guardas entretanto, desde a ordem de SIBA, têm estado á procura da ZAGALA, excepto o dos cães, que permanece atraz do escudeiro).*

SIBA *(sempre irritado e agitando-se)* — Se escapar hoje, não escapará ámanhã! Hei de arrancar-lhe a lingua, para que não saboreie nunca mais frutas alheias, e furar-lhe os olhos, para que não cubice as flôres do rei! Não se brinca assim com um escudeiro da minha ordem!... *(para as moças)* Mas para que vos juntais assim umas de encontro ás outras, como ovelhas em curral apertado? Hein? Vá! Separai-vos!... *(as raparigas afastam-se timidamente umas das outras, ficando sempre a ZAGALA meio oculta)* Sarvia, que é da tua bilha?

SARVIA — Quebrei-a no caminho... Junto ao rochedo da Separação... Vinha a cantar com a Abigail, rolei nuns seixos... catrapuz... Dei com o corpo e a bilha em terra!

SIBA — E onde está o teu manto, Sara?

SARA — Encontrei um pobre a tiritar de frio... enrolei-o no meu pano.

SIBA — Mal andastes ambas! Se fosseis minhas filhas, caro pagarieis o desproposito! Não foi para aquecer as costas leprosas de um mendigo tratante que tua mãe (*para SARA*) teceu o teu manto; nem para que Sarvia levasse agua para casa na concha da mão, que o pobre do pae lhe deu uma bilha!

UM GUARDA (*que vem da alea D.*) — Não encontrei nada...

SIBA (*voltando-se para o guarda dos cães*) — Será melhor soltar os cães, que são mais atilados e acabarão depressa com isto!

ORFA — Que medo!

JESRAEL — Não! (*o guarda hesita, curvado para os animaes*).

ABIGAIL (*avançando*) — Siba! Os cães cairiam sobre nós, que somos inocentes, e Deus te puniria! Tem piedade! Lembra-te que estamos nos jardins de Saul, e a serviço dos nossos Senhores!...

SIBA (*para o guarda*) — Espera... (*para os outros guardas, que vêm também da alea da D. e olham para todos os lados*). Andais como bebados, de um lado para o outro, e entretanto o tempo vae correndo. É só quem corre: o Tempo. E ninguem o apanha.

ABIGAIL (*com doçura, tentando domesticar a fera*) — Escuta, Siba. A cólera é cega; procura acalmar teu sangue. Essa moça, cabreira, ou lá que é, costuma ir dormir pora as bandas do Malatita. Enquanto a perseguias pela estrada a direito, ela torceu naturalmente pelo atalho das macieiras e os trigais de Jónatas!

SIBA — Sim, talvez... (*para os guardas*) Se

em vez de irdes chamar-me, no que perdestes tempo, tivessesis soltado os cães e corrido atrás dela, já de há muito lhes terieis cravado as unhas na carne! É vergonha que uma mulher saiba correr mais que os homens! Ah! mas se esta é lépida como as cabras, eu sou teimoso e forte como os lobos! No fim há de se vêr quem vence!

TAMAR — Vencerás tu, Siba. Vai procurar a filha dos Filisteus nos campos de Jónatas, e a nós, deixa-nos em paz..

SIBA (*para os guardas*) — Parti; rondai os campos de Jónatas e trazei-me a rapariga viva ou morta.

UM GUARDA — Mas se Jónatas se opuzer?

SIBA — Dizei que ides ao mando de Saul, seu pae. (*Saem os guardas. Para as moças*) E vós, ide-vos por essas estradas sósinhas?

SARA — Iremos cantando, que a musica é boa companheira.

SIBA (*com enfado*) — Oh, musica, musica! Já tenho os ouvidos cheios! (*Sae pela alameda da E.*)

## SCENA IV

Os mesmos, menos SIBA e os GUARDAS

ABIGAIL (*que tem ido a vêr se SIBA se afasta, volta, e diz a meia voz á ZAGALA*) — Ele chamou-te «Filha dos Filisteus!»

ZAGALA — Não!

AS MOÇAS (*acusando-a*) — Sim! Sim! Ele disse que és filha dos Filisteus!

ZAGALA — Deixá-lo falar! Siba quer morder

o meu coração como eu mordi as maçãs de Saul... Eu não sou filha dos Filisteus... Sou filha de uma pedra e de um carvalho do monte Betel...

SÁRVIA—Impostora!

JESRAEL—Dize a verdade, ou gritaremos pelo Siba!

ZAGALA (*para* JESRAEL)—Que te importa que eu seja filha de uma pedra, ou de uma simples pastora devorada pelos lobos? Quando eu trato das ovelhinhas que encontro abandonadas, não lhes pergunto: «Quem foi tua mãe?» Procuro minorar-lhes o sofrimento, e nada mais. A Natureza, que a criou a ela, criou-me a mim. Somos irmãs... (*quasi chorosa*) A Verdade! A Verdade! Todos ma pedem, ninguém ma diz, a mim!... Toma os teus brincos, Jesrael.. E a tua bilha... E o teu manto... (*restitue os objectos a cada uma das servas a que se dirige*).

SARA (*para as outras*)—Deixemo-la...

ABIGAIL (*para a* ZAGALA)—Se quizeres, e tens medo, vem dormir comigo.

ZAGALA—Não...

ABIGAIL (*para as moças*)—Então é encher as bilhas, e partir, que a noite caiu, e minha mãe já deve estar com os olhos estendidos pelo caminho...

ORFA—E a minha!

ZAGALA—Como sois felizes, vós, que tendes mães!

SÁRVIA—Para as vêr trabalhar e para as vêr sofrer!

ZAGALA (*com muita comoção*)—E para as beijar, e para as amar... E para que elas vos tivessem embalado em pequeninas... (*imita o ges-*

*to de embalar uma creança. Com outro tom). Amã-hã a esta hora, encontrareis aqui na fonte de Magron, em baixo da romeira de Saul, favos de mel... framboezas... Agora, (mais baixo) se tiverdes ouvido esta noite latir os cães de Siba para estas bandas, ah, então... nada achareis.*

SARA — Dize-nos ao menos o teu nome?...

ZAGALA — Não tenho. Sou a zagala das cabras sem dono, dos bichos sem pae nem mãe! Quando os pastores atiram para o fundo dos vales as ovelhas gafentas ou os cabritinhos estropiados, desço a apanhá-los, trago-os para mim, e torno-os nédios e lindos! É para eles que eu roubo as frutas e as plantas do Siba... Mas não digais nada, hein?! Não digais nada! (*pausa*) A estas horas, coitadinhos, devem estar a chamar por mim, com os seus balidos compridos!... Mas não irei, ah, não! Enquanto os guardas me procuram para os lados do Jónatas, eu passearei despreocupadamente pelos jardins de Saul!...

ABIGAIL — Fala baixo...

ZAGALA (*rindo e dando a JESRAEL flôres que tira de dentro do surrão, onde as tinha escondido á entrada de SIBA e dos guardas*) — Toma! (*para todas*) Adeus, moças de Galaad! Vou passar a noite nos jardins de Saul! Vou assaltar a vinha do Siba!... (*sae, apregoando, pela alameda da D.*) Quem quer uvas doces? Quem quer uvas do rei?

SARVIA — É louca.

ORFA — Que se livre da colera de Saul, que anda enfurecido!

TAMAR — Porquê?...

SARVIA (*entre dentes*) — Despeitos...

ABIGAIL — Não diz todo o povo que David é guerreiro mais vivaz e mais justo do que o seu senhor? As próprias mulheres, nas eiras, cantando «Saul matou mil, mas David matou dez mil Filisteus» não fizeram Saul criar raiva contra David?

SARVIA (*tenebrosa*) — Até os reis têm inveja!

## SCENA V

### Os mesmos e DAVID

DAVID — Não deveis repetir o que diz o povo.

AS MOÇAS — David!

DAVID — Conversas de moças á beira da fonte devem tratar de outras coisas...

ORFA — Que havemos de dizer, nós, pobres ignorantes, senão o que ouvimos dizer aos outros?

DAVID — Falai de amor. Falai de amor, e dai-me agua, que trago muita sêde!... (*Senta-se na beira da fonte*).

SARA (*aproximando-se com timidez como-vida*) — É verdade, David, que vaes casar com Micol?

DAVID — Quem sou eu, para ser genro do rei?! (*SARA mostra-se contente com a resposta*).

TAMAR (*oferecendo a bilha*) — Bebe, David!

SARA — Como eu gostaria que nos contasses por tua propria boca, a tua façanha com o gigante Golias!

DAVID — Depois... (*para as moças*) Quero sentir a minha sêde mitigada por vós todas... Cada uma me dará um gole da sua bilha... Co-

meça tu, Sara... (*bebe*) Como a tua mão treme! Sabe a mel, a agua do teu cantaro! Agora tu, Jesrael! (*bebe*) A tua agua cheira á raiz do cardamomo... (*vae sucessivamente bebendo de cada cantaro*).

TAMAR (*para ABIGAIL*)—Como ele é bom, que não desdenha de nós, e vem procurar-nos á hora da fonte! Pede-lhe tu tambem, para que nos conte a historia do gigante...

JESRAEL (*dando-lhe as flôres que recebera da ZAGALA*)—Aceita, David, para enramares a tua harpa...

DAVID — De que prado colheste estas flôres, Jesrael? (*aspira-lhes o aroma*).

JESRAEL—Deu-mas uma mocinha tonta, que anda por aí...

TODAS (*impondo-lhe silencio*) — Psiu!...

DAVID — Deixai-a falar, que tem? É ela bonita como tu?

JESRAEL—Muito mais! Tem os olhos negros como amoras, e o cabelo enrodilhado como as palhas de um ninho... Mas não digas ao Siba que a vimos!

DAVID (*continuando*) — Porque ele a perseguiria com os seus cães ferozes... Sei. Aquela moça de dia é esquiva como as corças, mas á noite assalta os pomares, e chega a entrar nos re-dis para roubar o leite ás ovelhas. Ninguem a apanha. Deve estar investida do espirito malino... (*rumor de susto entre as moças*).

SARA (*observando ás outras*)—Ela pediu ao Senhor que a transformasse em planta, em pedra, ou em pó, e o Senhor não a ouviu!

ABIGAIL—Dize antes David, que segredo é

o teu para aplacares as fúrias e as coleras de Saul?

DAVID (*levantando-se e entalando as flôres no cinto*)—O segredo não é meu: é da musica.

ORFA—Dizem que o rei quando se zanga basta um harpejo teu para socegar... É verdade?

SARA (*suplice*)—Conta-nos tudo, David!

DAVID (*começando baixo, e animando-se até entusiasmar-se*)—Sim... Saul é facil em exasperar-se... Uma palavra, um gesto que o contrarie, e logo se põe desconfiado e sombrio, até enrubescer-se, inflar-se todo, até explodir em imprecações que atordoam a gente e fazem tremer o palacio... Ah! fugirieis como folhas sêcas no rodopio do vento se o visseis ás vezes como o véjo: as barbas agitadas, os olhos em sangue, as grandes mãos crispadas, a boca retorcida, e todo o corpo a crescer-lhe, a arder como uma fogueira na febre da raiva!... Porque o povo nos foi ao encontro quando voltamos da guerra, e as mulheres cantassem levemente o que sabeis—Saul matou mil, mas David matou dez mil Filisteus!—poz-se tão cheio de veneno e comido de rancores, que, indo eu a tocar um dia, ele pegou na lança e atirou-a á parede, no intuito de que ela me traspassasse o corpo antes de chegar ao fim.

SARA (*anciosa*)—E tu?

DAVID—E eu com os olhos nele e as mãos na harpa, desviei-me para o lado, e senti a lança passar rente ao meu hombro... E foi como se não tivesse percebido nada: comecei a tocar, e á proporção que me ouvia, o aspecto de Saul se transformava. A côr de brasa das suas faces entumescidas tornava-se doce e branda, os cabelos da

cabeça e da barba, de revoltos, irritados e ásperos, descahiam, enlanguescidos e mansos; toda a rede dos seus nervos e musculos encordoados, se distendia serenamente; e no olhar duro e sêco, em que apparecera uma vontade desvairada de amaldiçoar, de ferir, de fazer soffrer, derramava-se pouco a pouco uma onda de ternura e de bondade... Eu a tocar e ele a ouvir, esquecemo-nos ambos do mundo e do tempo. O Senhor desce ao meu coração, quando toco, derrama-se no meu sangue, palpita nas minhas veias, faz-se o ar que respiro, o pensamento que me exalta o cerebro, o som que me entra pelos ouvidos e é criado pelos meus proprios dedos, no anseio de realizar a irreallidade! Investido pelo Senhor, a minha musica é um sôpro divino; e Saul, dominado por ella, escuta a voz de Deus na minha harpa... (*pausa*) Assim todas as suas lanças se hão de cabrar quando elle as desferir contra aquelle que o livrou do gigante do Get!

SARA (*embevecida, a meia voz*) — Conta, conta, David!

DAVID (*ouvido pelas moças com comoção religiosa*) — Elle tinha seis côvados e um palmo de altura. Cobria-lhe a cabeça um enorme capacete de cobre, tão reluzente como a couraça de escamas, de peso igual ao de cinco mil ciclos, que lhe cingia e defendia o tronco. De cobre eram tambem as botas, que lhe subiam até aos joelhos, e o escudo que trazia na mão, mais a haste da lança, ainda maior que o órgão de um tear. Assim o vi caminhar, como uma torre que se puzesse a andar na vastidão estupefacta do campo. Quando se voltou para os esquadrões de Israel, os seus olhos

fuzilavam, no alto, como relampagos; e da caverna escura da sua larga boca saiu-lhe a voz, tonitrando injurias: «Quem sois vós,— gritou— para ousardes sequer erguer a vista para mim? Por acaso não sou eu um Filisteu, e vós todos miseráveis servos de Saul? Que mereceis, lama israelita, senão que eu vos calque com meus pés e vos faça desaparecer da face da terra, creada só para o goso da minha raça forte e poderosa?» Ninguém respondeu. E ele então, com esgares de escarneo, desafiou: «Vá! Escolhei, se a tanto vos atreveis, um homem dos vossos que se venha bater comigo, só por só!» E, como todos tremeram, como todos fugiram, eu fiquei só, e não tremi. «Tu, tão pequeno?!» — exclamou ele a rir — cuspidando com desprezo para o chão. «Não há homens pequenos nem há homens grandes, há homens corajosos e homens pusilânicos», respondi com arrego maior. E comigo pensei:— O Senhor, que tanta vez me livrou das garras dos ursos e dos leões, quando menino pastor eu conduzia os meus rebanhos, me assistirá também a esta hora. Sem o costume das armas, escolhi depressa a meus pés cinco pedras limpas, meti-as no meu surrão, e segurando bem a minha funda e o cajado, segui a direito para o Filisteu. E ele escarneceu ainda de mim, dizendo: «Sou eu acaso algum cão, para me queres bater com um pau?» Deitei por terra o cajado. E ele vociferou então maldições contra os meus deuses. Depois, brandindo a lança, gritou com um vozeirão: «Atreve-te, cão israelita! Chega-te para mim, se és capaz! E eu lançarei as tuas carnes ainda quentes ás aves do Céu e ás bestas da Terra!» Em um

relance, vendo-o investir contra mim, recuei um passo, arqueei o corpo... dei volta á funda.. (*imita os gestos que descreve*) e arrojé-lhe uma pedra á cabeça. A pedra cravou-se-lhe na testa, e ele caiu de borco no chão. Estava morto.

AS MOÇAS (*com entusiasmo*) — Belo! Belo! David!

DAVID (*caindo em si, e mudando de tom*) — Mas isto não são falas que se digam a moças, na beira da fonte.. (*aspirando as flôres que tira do cinto*) Como são cheirosas as tuas flôres, Jesrael!

SARA — Fê-las Deus para ti!

## SCENA VI

Os mesmos e SIBA

SIBA — David, Micol pede-te para ires abrandar a colera de Saul seu pae, a quem más novas vindas da cidade de Nobe puzeram fóra de si... (*com intenção*) Jónatas está ao lado do rei...

DAVID (*para SIBA, e depois para as moças*) — Eu vou... Que a boa Lua vos acompanhe nos caminhos de casa, que não há candeia melhor!

JESRAEL — Adeus!... (*SARA limpa os olhos nas mangas; todas as moças se vóltam enternecidas para DAVID, que sae á D. dizendo-lhes adeus com gestos*).

SIBA (*depois de contemplar a scena com ar de desdem*) — Está muito bonito! Emquanto as pobres das mãos fazem estalar as bochechas de tanto assoprar o lume, ou entorpecem os dedos na aspera faina de fiar o linho, deixam-se as filhas ficar

horas e horas na fonte a conversar e a mandriar!... Deixem-se estar, que eu irei de porta em porta dizer como passaes o tempo na fonte de Magron, sucia de vadias! *(As moças não respondem, e voltam as costas ao SIBA, que sae com um gesto de ameaça).*

## SCENA VII

Os mesmos menos SIBA, e mais MEROB  
e MARTA

*Entram MEROB e MARTA, á E. As moças, ao vê-las, encolhem-se pelos cantos.*

ABIGAIL *(baixo para SARA)* — É Merob, a filha do rei, e Marta, sua serva.

SARVIA *(com satisfação)* — Emfim!

MARTA — Que extranha fantasia, Merob, a de vires para este lugar a estas horas! O rumor da agua aumenta o pavor da solidão. De todos os cantos dos Jardins de Saul, é do que eu gosto menos!

MEROB — E é do que eu gosto mais!

MARTA — É aqui que as servas vêm á noite-nha encher os seus cantaros.

MEROB — Como as invejo!

MARTA — Fala baixo. *(olhando em roda)* Ainda não se foram todas embora.

MEROB — Quero vê-las! *(para si)* Quem sabe?...

MARTA — E não nos devemos nós ir tam-

bem? É exquisito, que tanto gostes de andar por sitios agrestes e solitarios.

MEROB — É na solidão que eu não estou só. Não percebeste ainda como me sinto isolada, quando no meio de muita gente?

MARTA — Queixam-se todos da tua concentração e do teu silencio. . .

MEROB — É no silencio que escondo o meu odio e o meu sofrimento.

MARTA — Disfarça. . .

MEROB — Disfarça! É por tanto ocultar o meu sentimento da luz do Sol, que o refugio na sombra! Só á noite e a ti, minha fiel, posso eu confiar o meu desgosto. . . Era aqui, lembraste? que na minha meninice eu me vinha enfeitar com as flôres da romanzeira e mergulhar as mãos na agua fria. . .

MARTA — Vamo-nos embora. . .

MEROB — Estamos perto do palacio. Que medo podes ter, dize?

MARTA — Não sei. . . (*As moças começam a sair, pela alea E.*)

MEROB (*interrompendo os passos de TAMAR, que vae a sair, depois de o terem feito ABIGAIL e SARA*) — Para quem levas essa agua?

TAMAR — Para o meu senhor.

MEROB — Como te chamas?

TAMAR — Tamar.

MEROB — Tens um lindo nome! Pousa a tua bilha no chão. (*TAMAR pousa a bilha. MEROB põe-lhe a mão no queixo, aproxima-lhe o rosto do seu, e olhando-lhe bem para os olhos*) Tens mãe?

TAMAR — Não. . .

MEROB — Não a viste nunca?

TAMAR — Nunca... (*sae* ORFA).

MEROB — Não há quem não tenha conhecido a mãe, ao menos em pequenina..

TAMAR — Eu não a conheci...

MARTA — Merob!...

MEROB — Deixa-me. (*para* TAMAR) Conta-me a tua vida...

MARTA — Esta gente não sabe exprimir-se.

MEROB (*buscando auxiliar* TAMAR) — Engeitaram-te, talvez...? Puzeram-te como a Moisés á beira d'agua, nuasinha e a tremer, numa noite de Lua?... Quem te apanhou e acalentou, te deu o seio e te fez mulher?... (TAMAR *hesita*) Responde!

MARTA — Que dizia eu?

TAMAR (*narrando com simplicidade*) — Minha mãe era uma mulher de Ramata, filha de Edem, mulher de Jadin. Tinha eu dias de nascida, quando, saindo ela uma tarde a juntar gravetos um raio a matou... (MEROB *desinteressa-se da moça, que desapontada pega a bilha e sae. Uma a uma têm saído as raparigas. Fica apenas SARVIA, na fonte*).

## SCENA VIII

MEROB, MARTA e SARVIA

MARTA — Desvia o teu pensamento dessas ideias. Saul começa a voltar-se contra ti, Merob!

MEROB — Não me chames Merob. Dize antes Mara, que significa amargura.

MARTA — De tanto cultivares a tristeza, tu a tornas maior! Reage, e aprenderás a sorrir.

MEROB — Sorrindo, aprendi a sofrer.

MARTA — Eu sei...

MEROB — Não. Tu estavas no monte; não sabes tudo... Olha, foi neste lugar que em uma tarde de verão meu pae mandou vir á sua presença um prisioneiro filisteu, para que nos divertisse a todos com as suas danças. Armaram-se dois servos com lanças, para lhe espicaçarem os pés quando cançasse... Eu ria-me, entre meus irmãos, antegosando os saltos e os gestos grotescos do inimigo, algemado de ferros... Mas quando ele entrou, puz-me séria. Um sentimento novo de piedade e de respeito despontou subitamente em mim. Ele era lindo: alto, esbelto, de um moreno suave, e tinha, apesar de algemado, as atitudes de um deus... Mandaram que dançasse. Dançou. E a cadencia dos seus passos tinha um ritmo novo, uma dolencia que era ao mesmo tempo viril e amorosa, forte e languida...

MARTA — Pezavam-lhe os ferros...

MEROB — Pezava-lhe o coração... Em um dos seus volteios, os seus olhos se encontraram com os meus: eram negros como a treva... Eram quentes como o Sol! (SARVIA presta o ouvido).

MARTA — Para que recordar?

MEROB — Recordar é reviver... (Pausa. Suspiro) E o prisioneiro de meu pae foi posto a cavar a vinha e a tosquiær ovelhas. Acostumado a lidar com espada e lança pelo seu rei, foi constringido a trabalhar como um simples servo... Ele era lesto e airoso. Eu era linda e jovem. A sua voz era persuasiva... Os meus ouvidos ávidos de

harmonia... (*baixo e comovida*) Foi assim que nos amámos...

MARTA — A agua que passa não volta atraz. Olha para deante, Mara, olha para deante!

MEROB — Para que fez Deus então a saudade, senão para olharmos para traz? Eu ainda não te disse que á noite, envolta nos véus maternos, eu saía para a vinha, devagarinho... devagarinho... E ia ter com ele!

MARTA (*cautelosa*) — Cala-te, que ainda há uma rapariga na fonte, e pode ouvir-te!

MEROB — Chama-a!

MARTA — Pois já não basta?

MEROB (*insistente*) — Chama-a!

MARTA (*indo a SARVIA, que continua de costas*) — A tua bilha deve estar transbordando!

SARVIA — A agua que foge não se perde. Mete-se pela terra de onde veiu. É como a queixa de quem não tem quem a escute.

MARTA — Porque não foste com as tuas companheiras?

SARVIA — As minhas companheiras são as pedrinhas do chão e as estrelas do céu!

MEROB — Que extranhas falas tens!... Dize-me, tens mãe?

SARVIA — A minha mãe é serva como eu, e anda a esta hora, já moída de trabalho, a acender o lume para a ceia. É uma triste mulher, queimada de sóis e crestada pelas ventanias. Para não lidar com ela, a remexer cinzas e a coser trapos, é que eu me demoro a vêr correr as aguas da fonte; sempre é melhor. Vêr trabalhar só é divertido quando quem trabalha é gente alheia, ou

quando não tenhamos de nos misturar ao seu trabalho...

MARTA — É ociosa...

SARVIA — Não sei o que sou. Mas revolta-me (*dirigindo-se a MEROB*) vêr-te cheia de aneis e de colares e eu não ter nenhum!

MEROB (*tirando um anel*) — Se julgas que isso te possa dar a felicidade, toma.

SARVIA (*saindo*) — Não quero. Amanhã o meu senhor me chamaria de ladra, e castigarme-ia. Adeus! (*sae*).

## SCENA IX

### MEROB e MARTA

MEROB — Como as almas andam desencontradas no Mundo!...

MARTA — É tarde, Merob. Voltemos, sim?...

MEROB — Deixa-me respirar aqui mais um momento... (*lembrando-se*) Naquela tarde aromeira de Saul estava em flôr... e a fonte parecia dizer coisas diferentes... (*enxuga os olhos, como vida*).

MARTA — Se choras, melhor é que fales... Contavas que á noite, envolta nos véus maternos...

MEROB — Eu ia ter com ele á vinha de meu pae... Viu-nos porém uma vez o escudeiro, e foi dizer a meu irmão que a rainha saía á noite para o luar... Quiz Jónatas certificar-se, e quedou-se uma noite escondido entre os murtaes do canho... Vendo-me passar, não me reconhece...

mim, mas reconheceu os mantos da rainha nossa mãe.

MARTA (*com repreensão e piedade*) — Mara!

MEROB — Não os quiz ofender... Mas no outro dia o filisteu prisioneiro apareceu varado por uma lança no coração. E minha mãe, que nada sabia, não chorou; e eu me desfiz em pranto!... (*ouve-se dentro um harpejo e algumas notas de preludio numa harpa. Os sons morrem depressa e são atenuados pela distancia.* MEROB, *depois de uma pausa, comovida*) Não ouves?

MARTA — É a harpa de David, aplacando a cólera de Saul...

MEROB — E do infeliz prisioneiro tive uma filha, que não cheguei a vêr, porque as servas de meu pae logo a deram ao escudeiro, para que a levasse, nuasinha para os juncaes de um pantano frequentado pelas feras!... (*com ardor*) Ah! Marta, Marta! Toda eu tremo, ao lembrar-me! E adormecida ou desperta essa scena se reproduz terrivelmente na minha pobre imaginação! Maltratada, escondida, enfraquecida, eu tinha perdido o conhecimento de tudo. Mal saí do letargo, clamei: «Meu filho! Eu quero vêr meu filho!» Um silencio de morte respondeu ao meu grito. Quiz erguer-me num desespero! As mãos de Saul pesaram-me sobre os hombros... Desfaleci... Ah, quanto tempo assim estive, oscilando entre a Vida e a Morte! Não sei... (*com horror*) Foi só depois que tudo me disseram!... (*pausa*) O escudeiro partiu a galope, no melhor cavalo de casa. Nem o amedrontou a hora avançada da noite, nem os perigos agrestes do caminho — que ia todo inebriado pela acção do seu crime... E assim che-

gou ele á margem da lagôa. Olhou: Tudo deserto! Por entre juncaes e ninféas, laivos azues de luar feriam como agulhas a superficie da agua putrida. A criancinha tremia-lhe nas mãos, como um coração amoroso. Pouco lhe importou. Deitou-a de costas no chão, e voltou á redea solta para o palacio... E a carne da minha carne, á vida da minha vida, ali ficou sózinha, entre lodos e lirios, entre sapos e perfumes (*gesto de arripio*). Ah! eu oiço, ao ritmo de meu coração, o som abafado e macio, vagaroso e soturno do andar de um tigre... Ele aí vem! Ele aí vem... Cauda estendida, pescoço avançado, nárinhas aflantes, a farejarem a presa inesperada... E a voz da minha filha ergue-se da terra, num tremulo vagido, como a pedir misericórdia á Lua impassivel... Entretanto a fera aproxima-se, e olha já de perto para o doce corpinho arroxeadado: bafeja-o já todo, cheira-o, lambe-o, em uma volupia prolongada... até que, de repente, o estraçalha com as garras, e o devora... Deleitosamente!... Ah! eu tenho aqui (*aponta ora um ora outro ouvido*) e aqui, constantemente, alucinadamente, o ruido molhado dessa mástigação! (*esconde o rosto, horrorizada*).

MARTA (*com piedade*)— Talvez as coisas não se tivessem passado desse modo... Mas se assim foi, procura esquecer...

MEROB—Ésquecê-la é matá-la mais uma vez. Não quero.

MARTA — Mas se ela foi o teu martirio?!

MEROB (*com eloquencia*)— Se foi o meu martirio, foi tambem a minha gloria!

MARTA (*admirada*) — Como assim?

MEROB — A minha maternidade!

MARTA — Pobre Mara! A tua maternidade não durou uma hora!

MEROB (*com arrebatamento*) — A minha maternidade encheu-me a vida toda! Ouve. Essa filha que eu não conheci, é a unica razão do meu orgulho de mulher, a unica razão da minha vida! Seria loucura esperar que ela vivesse ainda; sei que do seu amado corpinho nem os ossos restam... E entretanto, vês? eu a procuro em tudo, em tudo a sinto! A Natureza inteira não é para mim senão a interpretação da sua vida. O rumor daquela agua (*aponta a fonte*) traz-me um pouco da sua queixa. Este aroma de flôres (*aspira o ar*) faz-me pensar na sua carne de jasmims, como o clarão das estrelas me faz pensar nos seus olhos e no seu sorriso... Ela está diluida no espaço, é a expressão creadora do amor universal, que em tudo brilha e se reproduz!

MARTA — Que imaginação!

MEROB — Mas não me basta esta certeza, oh, não me basta! (*olhando para os braços*) Eu tenho vergonha destes braços que não sentiram nunca o peso de uma creança!... E para que foram feitos os braços das mulheres senão para erguerem até aos olhos de Deus a sua creatura? Crê, Marta: os braços das mães são as colunas que sustentam o Mundo... E os meus, feitos para o amor, permanecem inertes e inuteis...

MARTA — Porque te faria o amor culpado fecunda, e o legitimo te conserva estéril?

MEROB (*desorientada*) — Não sei! Não sei! Pois procurei a filha morta até nos beijos do marido que detesto!

MARTA (*repreensiva*) — Mara!...

MEROB — O que me vale, é dormir; mas mal acordo, encho de caricias invisíveis todos os seres que possam errar por este Mundo sem pae nem mãe, e ponho-me a pensar: «Que tamanho teria agora a minha filha?... (*entra a ZAGALA mirando um cacho de uvas, que traz suspenso na mão*) Seria assim desta altura?... Seria dócil?... Seria esquiva?... (*reflectindo*) Agora já poderia andar com os meus vestidos...»

MARTA (*com intenção*) — E envolver-se nos teus mantos, quando quizesse sair á noite para o luar... (*pausa*).

## SCENA X

As mesmas e a ZAGALA

MEROB — Ela estaria en'trando na idade do amor!

ZAGALA (*que traz o cabelo engrinaldado de parras e de uvas*) — Quando Siba acordar, não encontrará as suas uvas... Devastei a vinha do Siba... (*rindo e com um gesto á roda*) Quantas uvas pelo chão!... (*come uvas, sem vêr MEROB nem sua serva, que a fitam*).

MEROB (*a meia voz*) — Quem é?...

MARTA — Não sei...

MEROB — Escuta... (*ficam de parte ouvindo*).

ZAGALA — Ele quer matar-me... Pois que me mate, e que me enterre... (*olhando para o céu*) Estrelinha azul, que estás piscando para mim, lá das alturas, queres uvas d'ôces?... (*atirando um bago para o alto*) Aí tas mando... Toma! ...

E vae outro bago para ti, estrelinha branca!..  
E outro para ti, estrela de oiro! (*atira sucessivamente vários bagos para o alto*) Embriagai-vos com as uvas de Saul, minhas irmãs!

MARTA (*aproximando-se*)— Quem és que assim falas, e andas só por estas horas?..

ZAGALA (*depois de um sobresalto*)— Mais uma! Quem sou? Sou eu mesma!

MARTA (*advertindo-a com bondade*)— Isso não é resposta; repara que estás deante da filha do rei... (*aponta MEROB*).

ZAGALA— Quer mandar-me amarrar, a filha do rei, para me dar aos seus cães?... (*com desplante*) Pois aqui estou.

MEROB— Não te faremos mal; chega-te para mim. Como te chamas?

ZAGALA— Não sei...

MEROB (*sorrindo, e docemente*)— Não há ninguém que ignore o seu proprio nome...

ZAGALA (*impertinente*)— Eu.

MEROB— Dize-me ao menos o que fazes.

ZAGALA— Sou a pastora das cabras sem dono.

MARTA— E o teu senhor quem é?

ZAGALA— É Deus. Querem saber mais?

MEROB— Sim.

ZAGALA— Sou a ladra dos pomares, perseguida pelos servos e cães de teu pae! (*para MEROB*) Gostam de uvas? Querem uvas? Aqui as têm... (*inclina a cabeça cheia de frutas*) São do jardim do rei!

MEROB— Não quero uvas, mas quero vêr-te de perto...

ZAGALA— Não.

MEROB — Eu já te disse que não te farei mal.

ZAGALA — Promessas são como o visgo em que as aves ficam presas...

MEROB — Defender-te-ei do Siba e de seus cães...

ZAGALA — Não mentes?

MEROB — Não minto.

ZAGALA (*com confiança*) — Aqui me tens.

MARTA — Parece impossível que ela ande só. (*Olha em roda. Entretanto MEROB, levantando o queixo da ZAGALA, fita-lhe os olhos*).

MEROB — Dize-me, tens mãe?

ZAGALA — Acho que não será preciso que toda a gente tenha mãe?..

MEROB — Sim, é. Onde se passou a tua infancia?

ZAGALA — Junto a uma pedra côr da Lua e a um carvalho do Tabor...

MEROB (*comovida*) — Que mulher cuidou de ti, e te amamentou em pequenina?

ZAGALA — A minha mãe era uma cabra cinzenta, que um mahometano matou... Também eu atirei-lhe uma pedrada!

MEROB — Dize-me a verdade!

ZAGALA — Ainda!...

MEROB — Se soubesses! Eu ando procurando uma filha, que me tiraram em pequenina, e que seria agora assim, do teu tamanho... Não tens inveja das que têm mãe?

ZAGALA — Só uma vez. Doía-me a cabeça e eu não sabia onde encostá-la... Lembrei-me então de certas creanças que eu via ao colo de certas mulheres, e senti falta de um colo assim..

MEROB (*atrai a ZAGALA, acaricia-lhe os cabelos e fá-la sentar-se a seu lado no banco do plano inferior. A pouco e pouco, ageita-lhe a cabeça sobre os joelhos enquanto fala. MARTA vae sentar-se á beira da fonte, onde repousa as duas mãos, derreando a cabeça para traz, a olhar para o céu*) — Eu pentearéi os teus cabelos com minhas proprias mãos... e levar-te-ei a dormir a uma cama suave.. Fala-me de ti... Conta-me o teu passado... Dize-me a verdade...

ZAGALA — A verdade é destruidora. Criemos a ilusão.

MEROB — A ilusão, quem ma dera!

ZAGALA — Tu procuras tua filha (*pausa*). Tenho sono...

MEROB (*curvando-se para ela, com ansiedade*) — Repete!

ZAGALA — Eu procuro minha mãe... Encontrámo-nos... Amemo-nos! (*beijam-se na boca*). Como é doce a tua bôca!

MEROB (*como em agradecimento, olhando para o céu*) — Senhor!

ZAGALA — Minha mãe..

MEROB (*baixo, com infinita ternura*) — Faze-te pequenina.. Quero vêr-te crescer!...

ZAGALA — Para as mães carinhosas as filhas são sempre pequeninas... Faze... -me dor... mir...

MEROB — A quem ouviste isso?

ZAGALA (*já quasi a dormir*) — A um velho pastor, que havia no vale... de Aumont... E que me disse... uma vez: «conheci... tua mãe... Ela era pastora... e foi devorada... Pelos lobos... e...

MEROB (*num grito*) — Mentiu-te! A tua mãe sou eu!... (*a ZAGALA estremece, quer erguer-se.*

*Mas MEROB subjuga-a com doçura e a readormece, dizendo cheia de comoção) Dorme... Dorme, meu amor! Eu velarei pelo teu sono... Eu velarei pela tua vida, minha filha, minha filha... Minha filha!...*

CAI O PANO

## INDICE

	Pag.
Quem não Perdôa .	5
Doidos de Amor	109
Nos Jardins de Saul	151

### Musicas de ALBERTO.NEPOMUCENO

Razão e Amor .	80-A
Nos Jardins de Saul	152-A





St. St.  
Air  
So.

